

Cesar Lattes
 Muhamad Ali
 Dr. K. Netta
 Joel Rufino
 Carlos Morari
 Arlindo Silva
 Paulinho da Viola
 La Mano &
 Dom Pedro I

EX-14

1975
 Setembro
 40 páginas

Estamos Com
crisis

... de la fuerza, el poder y el gobierno general...
 ... de la fuerza y el poder y la gloria fantasmagórica y vana.

\$6

A eternidade
 começou!

JORNAL DE TEXTO, FOTO, QUADRINHO E IMPRENSA.

DOCUMENTO: COM A PALAVRA DOM PAULO, O CARDEAL DE SÃO PAULO.

(Por motivo
 De Força Maior
 AGUARDE)



**RELAÇÃO: HOMEM
 PARA HOMEM.
 ENSAIO DE UMA
 MULHER. TEXTO
 E FOTOS DE
 CLÁUDIA ANDUJAR.**

PÁGINA 16

**O ÚLTIMO BANHO
 DE SANGUE.
 CHILE, ESQUECEU?**



PÁGINA 37



COMICUS (P.14)

**UM LÍDIMO
 CAMPEÃO!**



PÁGINA 24

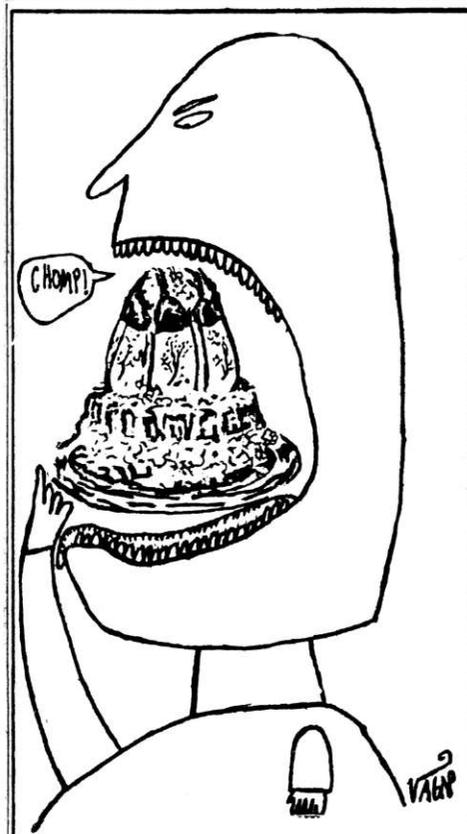


PÁGINAS
 20 e 40

OLHE
**O RETRATO DO
 VELHO OUTRA VEZ!**

DESCOBRIMOS UM NOVO PAÍS: O BRASIGUAY! (P. 26)

COMPREENSÃO: VOCÊ É UM CORRESPONDENTE NOSSO. a) EX, SP.



metamorfome

UMA MORDIDA, NA PONTA DO DEDÃO. OUTRA E MAIS OUTRA. PERNA INTESTINO PULMÃO. O CEREBRO. CRUNHC! MACIO E DOCE. VAI ATE O CENTRO. CRUNCHCRUNCH! DEITA E DORME.

humberto

a) Ivan Mauricio, PE.

Leilão De Atrasados

Pago 40 cruzeiros pelos números 1,2,3,4 e 5 de Ex. Enviar os 5 nº, ou os que ocês ainda têm, pelo reembolso postal para: Rua Araçá, 80, Canoas, R.S.

a) Paulo Cezar Da Rosa.

Atenção! Literatura.

Escritores daqui encheram o saco de correr atrás de editores e resolveram lançar eles mesmos seu livro: TEIA. 16 contos de 8 autores, 80 páginas, 10 cruzeiros. Pode ser encontrado na Coletânia, Andradas, 1117, P. Alegre (vale mais que 10 cruzeiros!).

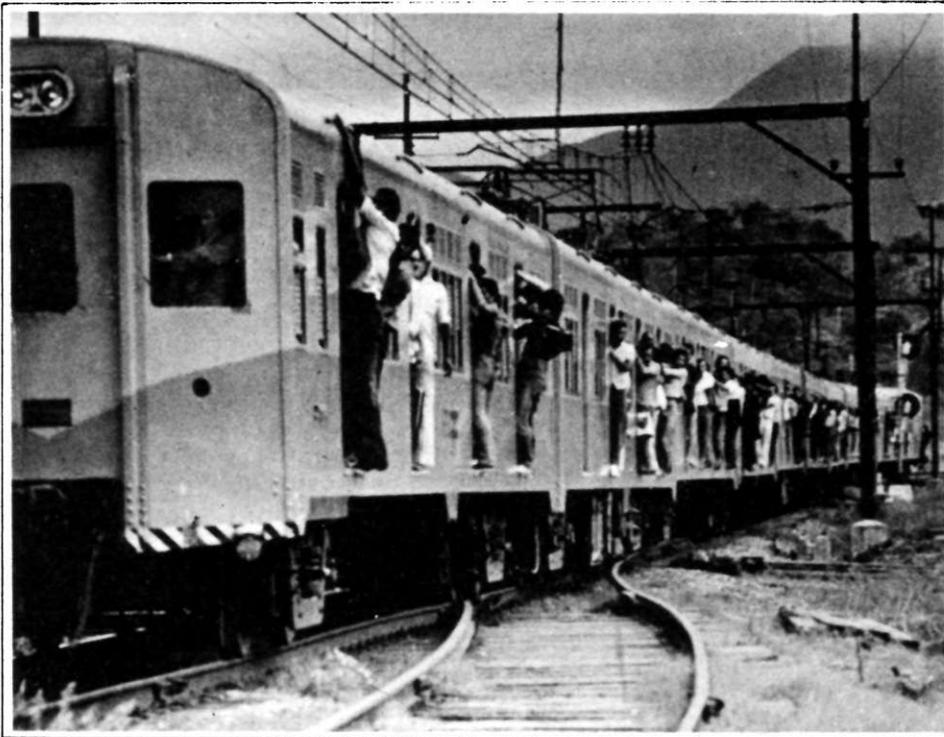
a) Paulo Cezar Da Rosa, RS



BAIK É PINTURA À MÃO, SOBRE TECIDO, CADA DESENHO É IRREPETÍVEL NA BLUSA, NA SAIA, NA BATA, NO LONGO QUE VOCÊ USA, COLORIDO, COR FIRME POR QUE O PROCESSO (À BASE DE PARAFINA) É SECULAR, E TAMBÉM PORQUE VOCÊ QUER, A ZUL SE VOCÊ QUIZER; CONFORME VOCÊ ENCOMENDAR, VEM À VENDA SÓ AOS SÁBADOS, SP, NA RUA DAS VIOLETAS, 47, V. MARIANA

Galia Inc.

® Nome secular: o avô do silk-screen.



Mais Demo Na Salada

Vão aí uma fotos e um desenho. É sobre Central, pingentes etc... Eu tinha escrito uma carta há algum tempo dizendo que ia mandar um artigo sobre o assunto. Viajei e durante esse tempo o assunto talvez tenha se esgotado um pouco. As fotos talvez sejam úteis.

a) Demo.

Santo Elias!

Atenção para os roubos de imagens e objetos sacros que vêm ocorrendo em Marechal Deodoro, Alagoas. O saldo da última visita foi: espada de prata da imagem de São Miguel Arcanjo, de fabricação portuguesa, século 18. Lamparina trabalhada em prata com quase 2 metros de altura. Castiçais. Pedras preciosas. Sem falar das grandes imagens de Nossa Senhora do Carmo, São João Nepomuceno, Santo Elias e outros, com respectivas coroas e splendores.

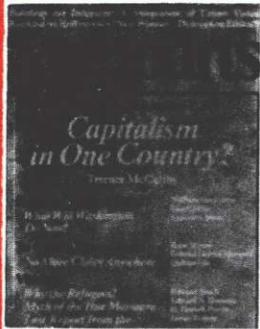
A professora Eleuza Galvão, do único ginásio da antiga capital de Alagoas, vem denunciando os saques, cada vez mais frequentes nas igrejas da cidade, "um dos mais ricos e descuidados acervos da arquitetura civil e religiosa do nordeste". D. Eleuza já endereçou mais de dez abaixo assinados, alguns com quase 700 assinaturas, às mais diversas autoridades: "Foi pro governador, pro Ministro da Justiça, pra Polícia Federal." O resultado até agora foi nenhum. Dona Eleuza diz: "Em protesto, as igrejas permanecerão fechadas até que se elucide o mistério."

a) Evandro Pagy, Rio

AJUDE A LIMPAR O NOSSO BANHEIRO *

Ex atrasados a partir do nº 7 (\$5) cada exemplar
Ex atrasados a partir do nº 7 (\$5) em vale postal ou cheque nominal para Ex-Editora Ltda. Endereço: Rua Santo Antônio, 1043, SP/SP. CEP 01314.

*) Onde estão os encalhes.



Carta Aberta Aos Nossos Leitores

Caro leitor:

Um amigo nosso sábio e culto, que também é contador, ao olhar a linha inferior do livro-caixa de Ramparts, disse que a revista é "totalmente inviável". Limpando o pó dos balanços passados, descobrimos que a revista tem sido "inviável" há vários anos. Embora isso não seja sinal de nosso fim, é mais um problema. Nenhuma revista, por mais despreocupada com o lucro, pode viver de brisa. Pelo menos nisso o di.heiro ainda conta. Portanto, este é um período de balanço.

No ano passado, a venda nas bancas e as assinaturas caíram mas acabaram se estabilizando. E nos últimos 6 meses houve uma modesta ascensão. Isto já é muito, pois está fora de nossas possibilidades fazer progapanda por mala-direta, indispensável para uma circulação estável.

Avaliação mais profunda, que não pode ser medida, é a posição que Ramparts assume. Nosso princípio não é o credo liberal, mas sim o compromisso com a verdade. Então, o balanço levou-nos a examinar as formas com que se mede a importância da revista. E gostaríamos de trocar idéias com vocês.

No fim da guerra do Vietnam e do caso Watergate surgiu um amplo consenso na imprensa americana, como freio à irresponsabilidade no poder. Mas a imprensa está perdendo o brilho que a cercava desde as revelações de Watergate e o caso dos papéis do Pentágono. Em março, quando o presidente Ford lançou o plano trienal para salvar o regime de Saigon do avanço vietcong, ficamos surpresos de ver o **New York Times** e o **Washington Post** endossando a tese de "última trincheira" do Executivo americano.

Dias depois do nosso número de março, ficamos assombrados de ver à capa do Harper's mostrando a Causa da Intervenção, ilustrada com tropas de choque dos EUA caindo nos campos de petróleo da Arábia Saudita. Só faltava John Wayne liderando as tropas da liberdade. O artigo (publicado no Ex-13) era assinado pelo pseudônimo Miles Ignotus ("Soldado Desconhecido", em latim). O autor identificado como "consultor de defesa ligado ao Pentágono", defende a intervenção no maior produtor de petróleo do mundo — a Arábia — para desarticular a Opep — Organização dos Países Produtores de Petróleo.

Harper's é um jornal liberal. Estivemos do mesmo lado várias vezes. Mas o ressurgimento de uma radicalização parece inevitável e os sinais começam a aparecer.

Em maio falamos no perigo de subversão americana contra Portugal e outros países europeus, onde se prevêem mudanças à esquerda. E o **N. Y. Times** saiu com um editorial estorrecedor, "O verdadeiro golpe de Lisboa", sobre o avanço comunista em Portugal. Para o **N. Y. Times** a situação "lembra algumas tomadas de poder pelos comunistas na Europa Oriental, após a Segunda Guerra". Mas não se espera que os soviéticos venham a invadir Portugal. É uma retomada do jargão da Guerra Fria:

"A embaixada soviética em Lisboa é grande e ativa. A influência de Moscou é considerável no Partido Comunista Português, o único a defender a invasão da Checoslováquia pelos russos. Junto com uma ação dos comunistas no Camboja e Vietnam o crescente envio de armas soviéticas e outras pressões sobre o Oriente Médio, uma tomada comunista em Portugal fatalmente questionaria o que resta de uma frágil detente", diz **N. Y. Times**.

"Soviéticos" e "comunistas" viraram sinônimos. O editor é incapaz de distinguir o exército português do Khmer vermelho. Só falta dizer que os comunistas chineses são na verdade russos disfarçados.

James Restor, redator-chefe do **N. Y. Times** pediu a intervenção da CIA no dia seguinte: "espionagem é uma atividade ilegal porém essencial, uma forma encoberta de guerra, e os comunistas a movem agora, como vingança, em Portugal, enquanto a CIA é incapaz de prevenir a subversão neste país estrategicamente importante".

Quando os Papéis do Pentágono foram publicados, o governo argumentou que seus segredos não podiam ser liberados para divulgação. O **N. Y. Times** escandalizou-se. Falou em "responsabilidade" na salvaguarda dos interesses americanos. E relembrou que sabia mas não divulgou os planos da fracassada invasão da Baía dos Porcos. No caso do trabalho recente da CIA, para remover o submarino atômico russo do fundo do Pacífico, explicou que só publicava a história porque a brincadeira já tinha terminado. Se o **N. Y. Times** pudesse ajudar a CIA a desvendar o código de mísseis russos, os EUA estariam mais perto de neutralizar o poder soviético.

O colunista Joseph Kraft, considerado o líder dos comentaristas liberais, viu no caso do submarino o lado bom da supressão das notícias:

"O episódio mostra dramaticamente que operações do gênero podem ter objetivos que justificam plenamente o segredo. Também mostra que outros elementos da sociedade, inclusive a imprensa, estão prontos a tratar assuntos de inteligência de maneira responsável. O caso do submarino equilibra a balança. Envolveu a possibilidade de recuperar o livro de códigos e armas soviéticos".

Essas opiniões não são casos isolados de imprensa. O colunista Jack Anderson disse recentemente:

"A velha história sobre **responsabilidade** de guardar segredos em vez de denunciar abusos tem voltado a ocupar destaque na imprensa. Os velhos ideais pré-Watergate, pré-Vietnam, em parceria com o governo, de estreita ligação com os ricos e poderosos, de um conjunto de segredos ocultos do público, voltam a ocupar a imprensa".

A lição tirada da Depressão dos anos 30 foi que ela nunca mais se repetiria. Munida de Keynes e Samuelson, a economia americana ia aburguesar-se infinitamente. Mas agora voltamos a ouvir especulações sobre uma nova depressão. O principal assessor econômico do ex-presidente Johnson, Arthur Okun, chegou a comparar o prognóstico econômico com a velha brincadeira de médicos a respeito da gripe comum: "Você deveria ter tido pneumonia — isto nós sabemos como curar". Recessão com inflação confundiu os economistas, mas eles sabem como curar a depressão. (De fato a última depressão, como alguns economistas vêm mostrando, foi curada pela Segunda Guerra e não pelo New Deal.)

Vivemos um tempo em que o noticiário provoca indignação e surpresa. Recebemos uma confusão de dados, quando queremos mais que informação; queremos que nos expliquem alguma coisa. As premissas, definições, justificações, slogans que protegem a experiência liberal são isolados do contato com a verdade. Suas tentativas de objetividade são moderadas, quando as soluções para os problemas atuais são extremas. A imprensa liberal não compreende a crise que enfrentamos porque, mesmo quando procura explicações com máxima honestidade, não encontra nenhuma pista.

Uma compreensão séria de nosso destino econômico deve basear-se na premissa histórica de que estamos a caminho de uma nova Depressão dos anos 30. Primeiro devemos compreender que não vivemos simplesmente uma crise econômica, mas uma crise do sistema econômico. Esse conhecimento pode ser retirado das velhas teorias sobre as contradições inerentes do capitalismo. Mas, para uma compreensão mais concreta, devemos examinar como o sistema de lucro nos entregou a padrões de desenvolvimento tão distorcidos que já não podem ser mantidos.

Considere o retrato da América, dado por uma só estatística: a capacidade de todas as ferrovias, fábricas, fazendas, aviões e todas as instalações para fins úteis soma 6% do total nacional. Os 94% restantes estão na categoria "automotiva", e o carro particular fica com a parte do leão. Se fosse apenas uma crise econômica comum, o remédio seria estancar a produção e voltar aos 10 milhões de carros por ano.

Mas insistir no remédio só traria mais loucura, já que estamos sofrendo o impacto do desperdício corrosivo, a terrível desfiguração causada em nossa sociedade pelo sistema de lucro. O mau uso dos recursos concentrados nos 94% é tão evidente no ar que res-piramos e na imobilidade dos transportes, que nós sabemos que o remédio não pode estar certo. A solução agora é outra. Quebrar a estrutura do poder econômico, cuja riqueza só prospera graças a padrões de vida e produção que nos esgotam até a morte.

Ramparts não chegou a desvendar a confusão. Mas tentamos ver a sociedade em diversos ângulos, para atingir de maneira diversa a vida das pessoas. Precisamos mais de uma análise desinteressada, incapaz de avaliar a dor e sofrimento da vida por depressões. Mas dizer que só a revolução social pode curar os países doentes não é suficiente. Também não basta se isolar na sobrevivência pessoal e mandar tudo ao inferno. Ou levantar utopias desligadas dos meios de realizá-las.

Estamos trabalhando com esses desafios. Nenhuma instituição, nenhuma publicação, pode dar conta da espantosa multiplicidade de tarefas. Mas esperamos ser um polo capaz de atrair movimentos isolados, análises e apreciações do espírito humano. Queremos ajudar a reunir etapas, para uma sabedoria que nos guie a uma luta por um futuro onde seres humanos decentes possam se orgulhar de viver.

A história vai tomar um caminho desesperado ou criativo. É tempo de necessidades e não de luxos. Nessa crise, acreditamos que uma imprensa forte e radical é uma necessidade essencial. Acreditamos que a função de Ramparts é levantar e manter desafios. Ramparts se aprofundou e amadureceu. Mas precisa de seu apoio para continuar. É difícil para nós fazer um apelo desse tipo. Mas, enquanto a dignidade da pobreza puder ser mantida, não nos incomodamos de pedir o apoio dos leitores.

Pedimos a quatro pessoas que apoiassem nosso projeto de assinaturas. Daniel Ellsberg (v. Ex-5, entrevista sobre os Documentos do Pentágono), Joseph Heller, Denise Levertov e Kurt Vonnegut concordaram em dar cópias dos seus livros como oferta especial. A assinatura anual, junto com um dos 4 livros, custa 25 dólares. E se a assinatura de 150 dólares com os 4 livros é tentadora, não perca a oportunidade.

O que a resposta de vocês significa para Ramparts: sustento financeiro, voto de confiança, fonte de orgulho. Ao explicar a ausência do número de fevereiro, dissemos em março que "o pior tinha acabado". Para nós, a sobrevivência não é mais uma dúvida, embora seja uma luta. Se você pode manter essa luta, nós também podemos.

Yes, Ramparts, please sign me up for:

Subscription without book.

- One year \$ 8
 Two years \$ 14
 Four years \$ 25
 Ten years \$ 50
 New Renew Gift

Each year's sub with inscribed book, \$25.

- Daniel Ellsberg, *Papers on the War*
 Joseph Heller, *Something Happened*
 Denise Levertov, *The Poet in the World*
 Kurt Vonnegut, Jr., *Wampeter's, Foma and Granjaloons*
 Lifetime sub with all four books, \$150



Name

Address

City State Zip

My check or money order enclosed in the amount of \$.....

[If renewing, please include a recent address label. Canadian subscribers add 50 cents postage per year; other foreign subscribers add \$1 per year. Please allow six weeks for delivery.]

For the staff,

Stacia Kheel
Daniel Kolodny

Ramparts

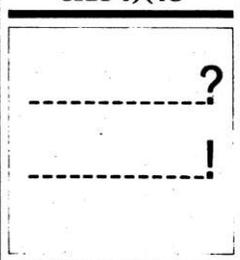
(Use the envelope provided, or send this to RAMPARTS, 2749 Hyde Street, San Francisco, California 94109)

(Ver na página 6 o anúncio do Ex).

A ETERNIDADE COMEÇOU A ETERNIDADE COMEÇOU A ETERNIDADE

TIMEX

ex34)(48



THE MISSING EX
(at last)

SS, Terra, SPSP/? 014)(: 8 - Versão brasileira - Esta edição é comemorativa: a 3 períodos, Timex (v. Kapa) publicava a notícia da descoberta de um autêntico "Ex-34)(48", todo escrito em brasileiro. Como se sabe, até então só era conhecida reproduções da tirajé dese "Ex" na época de apenas 34)(18 jornais. a) P.Pat 8

Íntegra Da Matéria Feita Pelo Ex Para o 1º Jornal do Nosso Sindicato:

Para realizar uma reportagem sobre Ex — "the São Paulo politic monthly newspaper", conforme disse o New York Times em sua edição de 9 de julho — deve o jornalista dirigir-se à rua Santo Antonio, 1043, nos altos da Tapeçaria Domiciliar: trata-se de uma antiga casa assobradada no bairro do Bexiga, com sacadinha na frente, \$ 1.000 de aluguel por mês (a tapeçaria subloca os baixos da casa, pela metade do aluguel total, mas nem sempre consegue dar a sua parte).

Notará o jornalista que, passando um portão de ferro, sobe-se uma escadinha de 10 degraus e, entrando na porta a esquerda, geralmente encontra-se Armindo Machado, espécie de editor-administrador (ver Ex n.º 12, página 30). Os outros editores encontram-se nas outras duas salas. Na sala do fundo, pode o jornalista conversar com Hamilton Almeida, Paulo Patarra ou Mylton Severiano da Silva — os editores principais, juntamente com Narciso Kalili.

Queira agora o jornalista interessado

UNIDADE

Reportagem para que serve o Prêmio Esso?

Depois: pontos os pecados da grande imprensa

Esplais: a crise não resolvida na ECA



NOSSO POBRE MERCADO DE TRABALHO



tomar notas. As paredes foram pintadas pelos próprios editores em outubro de 74, cada uma de cor: marron, rosa, branco. Na parede do fundo, um despertador parado no meio-dia, que dirá na meia-noite. As artes finais, capas, fotos, e tudo o mais de números antepassados enfeitam todos os cantos. No banheiro empilham-se os encalhes ("só temos números atrasados a partir do 7", dizem os anúncios do próprio Ex). Na cozinha, está uma espécie de arquivo.

Dos editores já citados, Hamilton é o mais novo, 29 anos; Armindo tem 30; Mylton, 35; Narciso, 39; e Paulo, 41. A média de idade dos outros 8 ali presentes na redação não passa dos 24 anos — um deles tem 16.

Mas afinal, por que estaria o jornalista interessado em saber o que se passa no Ex? Simples. O próprio Ex se define como "Um jornal de Texto, Foto, Quadrinho e Imprensa", desde seu 1.º número, em novembro de 1973, o Ex é um jornal feito só por jornalistas e para jornalistas e estudantes de Comunicação, segundo seus editores, "numa hora em que a imprensa pasteurizada, hermafrodita, oficial asséptica, etc. e ainda distanciada do seu povo, fala uma linguagem não-brasileira, importada, enlatada tecnocrata, bonitinha, arrumadinha, cheirosinha; numa hora em que nossa imprensa perdeu a brasilidade, o Ex a retoma ao lado de outros poucos".

O escritor e jornalista João Antonio (também um Ex-editor) batizou de **Imprensa Nanica** o que antes se chamou de "underground", escrevendo recentemente no O Pasquim, número 318. Em

ESPAÇO	MEDIDA (em cm)	1 COR
1 página	(25 x 35)	6.000,00
1/2 página horizontal	(12 x 25)	3.000,00
1/2 página vertical	(25 x 17)	3.000,00
1/4 página	(12 x 17)	1.500,00
CLASSIFICADOS		
Pequeno	(6 x 3) 9 linhas c/9	120,00
Médio	(6 x 6) 18 linhas c/9	240,00
Grande	(6 x 9) 28 linhas c/9	300,00

Ex: a mais barata tabela publicitária do país.

carta aos seus companheiros de Ex, definiu: "O tablóide que vocês estão fazendo é o mais moderno e, disparado, o mais arrojado dos filhos da imprensa nanica (nome afetivo que resolvei dar ao "underground" luso-afro-tupiniquim, que não é mais "underground", pois estabelece as suas condições próprias e hoje é, isto sim, imprensa viva, que questiona, duvida, enfrenta, vasculha, alerta, remexe, depõe, derruba, cheira alguma coisa e fede".

É esta opinião de Samuel Wainer, de quem os editores do Ex se orgulham: "Vocês são a continuação da Última Hora. Que foi, queiram ou não queiram, a Volta Redonda da imprensa brasileira."

Os editores se consideram "brasileiros, jornalistas filhos de Diretrizes, A Manhã, Flan, Última Hora e Pif-Paf, irmãos de quem esteja lutando pela volta do jornalismo à imprensa. Foi com essa profissão de fé" que seus editores mais velhos já participaram do lançamento de várias publicações deste país: Edição de Esportes de O Estado de São Paulo, Jornal da Tarde, Realidade, Veja, Placar, Revista de Fotografia, O Bondinho, O Grilo, Jornalivo, Panorama.

Na redação de Ex, os editores participam de tudo, inclusive da vassoura no chão e do lixo no portão. Coisa com que alguns não se conformam. Telefone, a redação tem orelhões da vizinhança. O vizinho mais próximo da redação: Empresa Brasileira de Porta de Aço, de propriedade do ex-jornalista Nelson Gato.

No último dia 10 de julho, pela 1ª vez na sua história de 20 meses, Ex pagou uma ajuda de custo de 9 de seus editores; 10 mil cruzeiros divididos em 6 partes de 700 cruzeiros para os mais jovens, todos trabalhando juntos há não mais que 2 anos, alguns universitários, todos interessados em ser jornalistas profissionais; duas partes de 1.900 cruzeiros para Hamilton e Mylton; e 2 mil cruzeiros para Armindo Machado; os outros editores continuaram socorridos por "free-lances", ou por seus empregos noutros lugares, como é o caso de Paulo Patarra (já está só no Ex), Narciso Kalili, Jayme Leão, Palmério Dória, Hermes Ursini e Gabriel Romeiro. Mas há também colaboradores efetivos como João Antonio, Percival de Souza, Demócrito Moura, Marcos Faerman e Otoniel Santos Pereira, que nunca sequer pensaram na contabilidade do Ex.

Alguns dados complementares que podem ser anotados pelo jornalista:

1 — Custo industrial do número que está nas bancas (Ex-13, 30 mil exemplares) com distribuição nacional da Abril: \$ 35 mil; portanto, para alcançar o "ponto de equilíbrio", Ex precisa vender apenas 40% de sua tiragem (preço de cada, \$ 6);

2 — Publicidade: em seu último número (13) o Ex teve 1 página paga (preço de 6 mil cruzeiros) e outra de permuta. Apesar de sobreviver da venda em banca, os editores acreditam na existência de uma "média" para sua faixa. O que não existe, dizem, "são publicitários, sejam criadores das agências ou contatos, interessados no

desafio de trabalhar com publicações como a nossa. Os publicitários são mais despolitizados até mesmo que os jornalistas.

3 — Assinaturas: atualmente o Ex conta com 500 assinantes, todos eles jornalistas ou comunicadores. Estão em campanha de ampliação desse número e também estão passando "uma lista de 100 assinantes mais queridos", uma espécie de "vaquinha para comprar as camisas e a bola para o time não morrer". Essas assinaturas especiais custam \$ 500. As outras, normais, custam \$ 35 (6 edições) e \$ 70 (1 ano).

4 — Sindicato: os editores acham que "o sindicato dos jornalistas de SP tem um desafio: sindicalizar a grande massa de jornalistas do Estado, pois a maioria dos novos não pertence ao órgão de classe, embora sejam profissionais de imprensa".

De posse destes dados e de outros elementos, poderá então o jornalista voltar à redação e fazer a matéria sobre o EX.



Ex-editores: Hamilton Almeida Filho/Narciso Kalili/Mylton Severiano da Silva/Paulo Patarra/Amâncio Chiodi/Dácio Nitrini/Palmério Dória de Vasconcelos/Armindo Machado/Percival de Souza/Luís Carlos Guerrero/Alex Solnik/Domingos Cop Jr./Hermes Ursini/Vanira Codato/João Antonio/Cláudio Favieri/Jayme Leão/Jota/Hilton Libos/Cláudio Edinger/Márcia Guedes/Ivo Patarra/Marli Araújo/Mônica Teixeira/Gustavo Falcón/Aglberto Cunha Lima/Demócrito Moura/Elvira Alegre/Gabriel Romeiro/Delfim Fujiwara/Sérgio Fujiwara/Lina Gorenstein/Valdir Oliveira/José Trajano/Beth Costa/Luís Costa. **Publicidade:** Wanderley Pereira.

Ex-Editora Ltda. Rua Santo Antonio 1043, CEP 01314, SP/SP. Nenhum direito reservado/Direitos de reprodução da revista **Crisis**, cedidos gratuitamente. Tiragem: 30 mil exemplares. Distribuição Nacional: Abril S.A. Cultural e Industrial, SP. Composto e impresso nas oficinas de O Diário do Norte do Paraná, av. XV de Novembro, 391, Maringá, PR.

CAPA: Elvira Aylgre

EX-

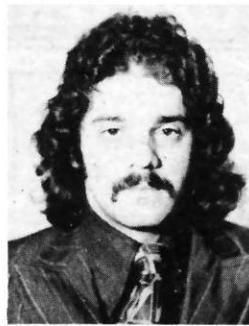
**JORNAL DE TEXTO,
FOTO, QUADRINHOS E O DIABO.**

Compre o Ex! Melhor ainda: assine o Ex, mandando este cupon (ou cópia dele, pra não estragar o jornal) para a Rua Santo Antônio, 1043, São Paulo - CEP 01314

Nome: _____	
Endereço: _____	
Cidade: _____	Estado: _____
CEP: _____	Data: _____
<input type="checkbox"/> 12 EDIÇÕES (Cr\$ 70)	<input type="checkbox"/> 6 EDIÇÕES (Cr\$ 35)

Forma de pagamento: cheque nominal para a Ex-Editora Ltda.

CONFESSE



Hermes, Ursini, ex-pedreiro, ex-vocalista do "Red Jets", ex-locutor em Sorocaba, ex-redator da Norton, Thompson e Standard. Atualmente ilustrador free-lancer, sem telefone para recados e colaborador do Ex. Um dos poucos redatores que desenha e vice-versa.

— Hermes, é melhor você confessar logo: de onde você chupou os anúncios e ilustrações que você fez?

— **Daquelas revistas bonitas e coloridas lá da Look.**

— Diz aí o nome das revistas e não se fala mais

nisso.

— Não dá.

Por quê?

— **Em inglês eu só sei falar "maybe"**

Look é o lugar onde você encontra revistas, livros e jornais escritos em quase todas as línguas, alguns até em português. Tem revistas de arquitetura, HQ, arte & decoração, cinema, moda, aviação, automobilismo, fotografia, ciências e, naturalmente, os The One Show, Graphis Annual e Modern Publicity da vida.

— Mais alguma coisa a dizer, Hermes?

— Queria aproveitar para deixar aqui meu endereço (rua Rodrigo Cláudio 478 Aclimação), oferecer ilustrações, textos e campanhas à preços módicos e agradecer às autoridades civis, militares e eclesiásticas por terem me deixado vencer na vida.



AGÊNCIA LOOK
galeria Zarvos — av. São Luis com
r. da Consolação — São Paulo.

MOVIMENTO

Um jornal feito com o trabalho e o dinheiro de mais de 300 pessoas, entre as quais mais de 100 jornalistas.

- os principais fatos da semana
- a descrição da vida do povo brasileiro
- em defesa das liberdades democráticas e da melhoria das condições de vida, do povo brasileiro
- em defesa de nossos recursos naturais e por sua exploração planejada em benefício da coletividade.

Movimento é dirigido por um conselho de Redação, que tem 51% das ações da empresa editora do jornal, e orientado por um Conselho Editorial composto por personalidades democráticas.

CONSELHO EDITORIAL

Edgar de Godói da Mata Machado
Francisco Buarque de Holanda
Hermilo Borba Carvalho Filho
José de Alencar Furtado
Fernando Henrique Cardoso
Orlando Villas-Boas
Audálio Dantas

CONSELHO DE REDAÇÃO

Aguinaldo Silva
Antonio Carlos Ferreira
Bernardo Kucinski
Elifas Andreato
Fernando Peixoto
Francisco de Oliveira
Francisco Pinto
Jean Claude Bernardet
Marcos Gomes
Maurício Azedo
Raimundo Rodrigues Pereira
Teodomiro Braga

Todas as segundas
feiras nas bancas

A cidade é sua!

Londrina tem escolas, universidade, faculdade, boutique, restaurantes, oficinas mecânicas, alfaiatarias, relojoarias, cinemas, livrarias, emissoras de televisão, estações de rádio, casas de móveis, indústrias, estádio, ginásio de esportes, escolinhas maternas, clínicas veterinárias, costureiras, imobiliárias, médicos, dentistas, massagistas, saunas, supermercados, bares, revendedores de automóveis, a Prefeitura, cartórios de paz, o Forum, a Câmara dos Vereadores, o Centro Comercial, o Com-Tur, jornais, etc.

Voce não gostaria de saber
tudo sobre tudo isto?
Agora pode.



Aproveite!

Todos os domingos, de graça, em sua casa, voce vai receber o 1.o jornal de serviços do Paraná. Um jornal preocupado com voce.



LEIA

A HISTÓRIA E A GLÓRIA
ROCK

EMERSON, LAKE & PALMER
JOAO BOSCO
JORGE BEN YES
MUTANTES
LOU REED

JÁ NAS BANCAS

PRETOS DE NOVA YORK PENSAVAM QUE PELÉ FOSSE PRETO



"Idi Amin" Na Imprensa Brasileira (Continuação)

Visão (18 de agosto) publica 8 páginas sobre Cuba. E credita a reportagem a "enviados especiais". Só o repórter Fernando Moraes esteve lá. Passou 2 meses - fevereiro e março - fazendo uma reportagem para a revista, depois de ficar mais de 1 ano tentando conseguir visto de entrada. Mas Visão não quis publicar as 180 laudas que Fernando escreveu ao voltar. No Ex-13, o repórter conta que teve "uma longa e tenebrosa" conversa com o engenheiro Henry Maksoud, dono da revista, que lhe disse:

- Gosto da matéria. Li as primeiras linhas e não consegui parar. E sei que você não tem nenhuma implicação política. Mande levantar sua ficha nos órgãos de segurança e vi que nada existe a seu respeito.

Algum tempo depois Fernando foi demitido. E só agora, no mesmo número que traz um artigo a respeito de Idi Amin, cinco meses depois, Visão publica a reportagem. Segundo Fernando, "Totalmente adulterada". No momento, Fernando escreve um livro sobre Cuba e monta uma editora para lançar jornal de polícia.

Indinho Tupi Pede Uma Ajudazinha Pelo Amor De Tupã

Tamahe é um amigo da gente, um homem bom que mora às margens do Xingu. Tamahe é um aurá, e o jornalista Orlando Oliveira conheceu sua tribo no mês de agosto passado. Ao fim de 5 dias, Orlando partiu e recebeu de Tamahe uma lista de pedidos, em nome da criança, principalmente os meninos Iseb e Iluah. Estava escrito assim, num pedaço de papel rasgado de um pacote de cigarro:

bola, enxada, relógio despertador, miçanga, pilhas, média e grande, facão, lima, facas, espelho, pano, tintas vermelha, azul e amarela, leite em pó, mameadeira, botas, chinelos, anzol, tesoura, bala 22, cartucho 20, fósforos, camisetas, shorts, giletê, brinquedos lanterna, disco de Roberto Carlos, linha, agulha, cigarro, caramelo, pasta de dente, machado, guisos, óculos escuros.



Orlando volta para lá dentro de 8 luas a partir da primeira de setembro, quer dizer antes do fim do ano. E aceita contribuições para levar aos aurás de Tamahe. Quem quiser, comunique-se com Orlando de Oliveira, através de Ex, rua Santo Antônio, 1043, SP, capital.

Mas Qual a Atitude Mais Sensata Que Um Preto Pode Tomar Nos Estados Unidos?

Enco staram dois carros da polícia, um de cada lado. Foi quando descobri que sou um sul-americano. Como não estou acostumado, parecia uma coisa do outro mundo, aquela passeata de 35 negros, jovens compositores de Nova York, em frente da Warnes Communications — proprietária do time de Pelé (o Cosmos) e de mais 22 empresas.

Os policiais assistiram ao protesto dos negros, eles quebrando discos, e não fizeram nada. Mas a polícia estava ali só para garantir a pessoa de outro negro, que não precisa quebrar discos (ou rasgar chuteiras) para mostrar que está mal, sem emprego e sem dinheiro. Pois, enquanto Pelé discutia seu salário (7 milhões de dólares por 3 anos) em escritórios forrados de peles com 10 centímetros de altura, 35 negros lá embaixo protestavam — ninguém lhes dava "trabalho de férias". Era verão, Nova York estava quente e Pelé que é bom saiu pela porta dos fundos, devidamente avisado por seu motorista particular, negro também.

No Harlem, um negro mal vestido como se lizesse questão de ser chocante na



aparência, carregava alguns livros debaixo do braço. Não sabia ainda quando seria sua próxima refeição (talvez tivesse de empenhar os livros para comer).

— Eu pensei que o Pelé fosse uma espécie de líder humano. Não queremos nada para nós, negros, mas para o homem. E descobri que Pelé já é branco.

Luis Carlos Assis

FALA O POVO

Seu Freguês Faça o Favor De Me Servir Depressa

Exllssma Sra. ou SR.

Venho por meio desta carta fazer-lhe um apelo de caráter filantrópico, estando eu sem emprego e sem arrimo, encontrando dificuldades para arranjar colocação devido às exigências da idade, pois tenho cinquenta e oito anos atualmente, 58, tendo trabalhado como garçon por muitos anos venho eu encontrando dificuldades para requerer minha aposentadoria devido à falta de registros anteriores. Vejo-me forçado a pedir-lhe auxílio, pois minha situação é premente com despesas forçadas aluguel e outros problemas, esperando eu da parte da senhora ou senhor compreensão da evidência dos fatos relatados acima, não faltando com este pedido como disse mais acima, tendo eu trabalhado com patrões que não cumprindo com suas obrigações contratuas me levaram a esta emergência e a este estado de coisas, não sendo culpado pelo que me acontece atualmente.

Atenciosamente agradecido.
Do Criado e Obrigado
Luis França Mesquita.

(O autor, morador numa casa de cômodos da rua Guaicurus, 311, escreveu a carta a mão; no dia 13 de agosto, ele estava percorrendo o bairro paulistano de Vila Romana, mostrando a carta de casa em casa. Ele diz que muitas donas de casa nem lêem; pensam que ele pertence a alguma instituição beneficente.)

ANUNCIOS FUNEBRES

A. SOLZHENITSYN
Os editores e funcionários do Ex cumprem o dever de comunicar o falecimento.

P. FRANCIS
Os editores e funcionários do Ex cumprem o dever de comunicar o falecimento.



Ramirez Amaya, 30 anos, guatemalteco, já expôs em toda a América Latina. Veio ao Brasil para expor no Museu de Arte de São Paulo. Agora vai voltar para seu país. Mas está com medo de La Mano, organização extrema-direita especialista em "inimigos do regime" na Guatemala. Toda semana, uma mão pintada de preto aparece nas ruas. Embaixo, uma lista de pessoas "marcadas para morrer". Ramirez e alguns colegas entraram na lista porque encheram a Cidade Universitária de gozações contra a propaganda oficial. Eram pinturas de até 15 metros de altura. "Não se falava de outra coisa em toda a Guatemala; fui obrigado a sair e agora não se quanto tempo dá pra ficar". Veja ilustrações de Ramirez nas páginas 10, 11 e 12 Acima, seu auto-retrato.

BAIXA SOCIEDADE

Furo: Torcedores Em Fúria Massacram Portugêses Nas Arquibancadas

Noite de 7 de agosto, estádio do Pacaembu, SP. A Portuguesa ganhou do Corinthians por 4 a 1. Um torcedor da Portuguesa, bandeira do time nas mãos, resolve festejar no meio da torcida corinthiana. Seu corpo foi encontrado, mais tarde, pelos faxineiros do estádio, desfigurado por mil golpes, ao lado da bandeira de seu time. Era português.

A história, contada por um delegado, foi citada por Percival de Souza (do Jornal da Tarde e Ex) no I Ciclo de Debates do Sindicato dos Jornalistas de SP, dia 18 de agosto. O tema do dia era Jornalismo Policial. E Percival falou de Esquadrão, aumento de criminalidade e outras violências.

Dácio Nitirini
(Interino)

PROEZAS DO DR. K. — O HOMEM MAIS IMPORTANTE DO MUNDO



Uma parada: Santiago, 1975.

O Chile Da Europa:

- a) Itália ()
- b) Espanha ()
- c) Portugal ()

A 19 de julho de 1945, Stálin tinha uma idéia. Na Conferência de Potsdam, disse que "o regime franquista era um grave perigo contra os povos amantes da liberdade da Europa e América". E sugeriu que os Aliados cortassem todas as relações com o governo de Franco, "como apoio às forças democráticas na Espanha".

Proposta razoável, mas não exatamente o que Winston Churchill tinha em mente. Ele detestava o regime de Franco e disse mas era contra interferência nos problemas internos de outra nação. Então Harry Truman falou: embora desejável, achava que uma mudança devia ser deixada a cargo dos espanhóis.

"Não é um problema doméstico, mas um perigo internacional", protestou Stálin. "Isto vale para qualquer país", retrucou Churchill e perguntou se não existia em Portugal uma ditadura semelhante à espanhola. Stálin respondeu que "o governo salazarista surgiu de um desenvolvimento interno, enquanto o de Franco surgiu da intervenção de Hitler e Mussolini".

O resultado de Potsdam e Yalta foi a **realpolitik** — divisão em esferas de influência que deu à Europa 30 anos que muitos chamariam de paz, mas que muitos europeus preferem chamar de ordem. Este sistema pode estar finalmente enfraquecido. E o desgaste é mais visível onde parecia ser mais improvável. Na frase de Stálin "o governo salazarista surgiu de um desenvolvimento interno". Hoje a situação em Portugal e na Itália tornou-se o símbolo desse desgaste.

Os europeus não acreditam que Washington aceite isso passivamente. A desesperada recusa em deixar o controle no Camboja e no Vietnam não garante uma política de serenidade. E os EUA podem aplicar na Europa as técnicas subversivas aplicadas no Chile, para derrubar Allende. (Ver pág. 37). Segundo o seu ex-diretor William Colby, o que a CIA fez no Chile era um "laboratório para testar técnicas de grandes investimentos financeiros para desacreditar e derrubar um governo".

A 18 de setembro de 1974, Kissinger justificou a ação contra o governo chileno em termos de "segurança nacional" (dos Estados Unidos). Ai um repórter europeu perguntou se o mesmo argumento não poderia ser usado para justificar interven-

ções americanas em outros lugares. Kissinger respondeu:

— **É uma pergunta filosófica interessante. Vamos prosseguir. Qual é a outra pergunta?**

Dois dias depois, Kissinger e Ford receberam críticas de congressistas americanos. Um deles disse que, apesar das críticas sobre a ação da CIA no Chile, os Estados Unidos seriam atacados por não salvar a Itália, se o Partido Comunista Italiano um dia ganhar o controle do país, eleitoralmente.

A 13 de janeiro de 1971, C. L. Sulzberger publicou um artigo no **New York Times** onde dizia que a "Itália estava politicamente doente e que o Partido Comunista Italiano poderia chegar ao poder através de eleições, como Allende fez".

Quatro anos mais tarde a Itália está no mínimo tão doente quanto em 1971 — o governo italiano já se declarou praticamente falido — mas os comunistas até agora não ganharam o poder. Até declararam que, se tomassem parte do governo, ficariam na Organização do Tratado do Atlântico Norte — OTAN. E a OTAN só pensa na Itália, quando se fala em Chile.

Em outubro do ano passado, Kissinger e Ford encontraram-se em Washington com Mário Soares, líder do Partido Socialista Português, e com o general Costa Gomes, que mais tarde sucedeu Spínola na presidência. Um diplomata português ouviu Kissinger dizer então que os EUA não admitiriam um governo comunista em Portugal.

O golpe de 25 de abril pegou o Departamento de Estado dos EUA de surpresa. Um dos auxiliares de Kissinger chegou a declarar: "Portugal causou pânico aqui. Principalmente porque não temos ninguém que saiba alguma coisa desse povo. Não havia ninguém de qualidade na embaixada para dizer o que eram os capitães; os adidos militares sempre acharam que era uma humilhação falar com alguém abaixo de coronel".

De repente o Sheraton Hotel de Lisboa ficou cheio de gente para corrigir esse defeito. E o pessoal da embaixada a crescer. Em setembro, Kissinger mudou o embaixador: colocou um de sua confiança; Frank Carlucci.

Em agosto de 74, o general Vernon Walters, que fala fluentemente português, apareceu em Lisboa; e a CIA declarou que ele estava de férias.

Em maio, semanas após a queda de Caetano, Irving Brown, outro velho amigo da CIA, chegou a Lisboa com Michael Boggs, diretor da seção internacional da AFL-CIO, para ver o que podia fazer pelos sindicatos portugueses. Brown ficou



Dr. K., um analista.

desapontado ao encontrar a maioria da liderança sindical dominada pelos comunistas.

Depois, foi para a Itália, onde encontrou as coisas ainda mais inquietantes. "25 anos atrás o Ocidente não permitia um avanço comunista na Itália, mas agora parece que perdemos nossa força política". Na Itália, Brown estava com Howard Milissani, chefe do Conselho de Trabalho Italo-Americano, e deu muito dinheiro aos sindicatos italianos de direita. Tem-se uma intervenção americana em qualquer lugar onde a política esteja em mudança. Por causa do Chile, era inevitável que os portugueses culpassem a CIA após o fracassado golpe de 11 de março do general Spínola. Vasco Gonçalves pediu então que o embaixador norte-americano saísse do país pois não garantia sua segurança. Mas Carlucci ficou. Fala-se que os EUA vão anexar as ilhas dos Açores onde têm bases militares, se um governo comunista controlar Portugal.

No modelo chileno, os 58 milhões de dólares que Kissinger autorizou a CIA a gastar para "desestabilizar" o país eram relativamente pouco, mesmo tendo sido trocados no mercado negro de Santiago. "No dia do nosso triunfo eleitoral de 4 de setembro de 1970", disse Allende nas Nações Unidas em 1972, "sentimos uma pressão externa em grande escala contra nós, tentando impedir a posse de um governo eleito pelo povo, estrangular nossa economia, paralisar as vendas do nosso principal produto de exportação, o cobre". (Agora que a economia socializada foi proclamada em Portugal, pode se esperar o pior).

As pressões financeiras e econômicas conseguiram arrebentar a economia chilena e foram um treino para a Europa. A técnica de empréstimos e dívidas em Portugal, Itália e Espanha, deve ser agora bem vigiada. Sabotagem financeira e subversão calada podem parecer armas sofisticadas. Mas o Chile é uma lembrança da eficácia do seu uso.

(Condensado de Ramparts, ver pág. 4).

Dr. K. Exclusivo: o Brasil Pode Comprar Os EUA e Pagar à Vista!

Peruca, colar de brilhantes na testa, anel de caveira na mão direita — o dr. K. parece uma madame sentada numa cadeira velha, debruçando-se sobre um caixote. As 9 da manhã, debaixo do sol, já está atendendo na praça da Sé, no meio da praça, o marco zero de São Paulo. Escreve cartas de amor, de conselho, cartas comerciais, cria slogans, poesias, roteiros de cinema e peças de teatro. Sobre o caixote, o que é a sua escrivinha, a placa: DR. K. NETTA.

Mais poderoso que Mandrake, o dr. K. Netta sabe que é o homem mais importante do mundo, e isso considerando-se os últimos 75 anos de história. Ganha Cr\$ 300 por dia, escrevendo cartas por encomenda (a 50 metros dali, desenvolvem-se as obras do metrô). Precisa ampliar os

DR. K. NETTA

ESPECIALIDADES EM:
Análise - Definição do Subnatural (ao Científico)
Análise e Simplificações de Ciências Superiores
Escritas - revisões em geral
Definição e soluções simplificadas para traumas psíquicos - infelicidade mental - obsessões - complexos, etc.
Instruções sobre os efeitos da Auto-Hipnose ou magnetismo e suas tendências.
Definição de personalidade através do processo psico-visual ou posicional.
Definição sentimental.
Ascensão intelectual pelos métodos psicológicos - novas letras - poesias - roteiros para teatro e cinema.

negócios, mas para isso é necessário encontrar duas secretárias. Então poderá instalar-se num dos prédios da praça, de luminoso na fachada, piscando: IN-TELECTUS LTDA (é o nome da firma que pretende fundar).

O dr. K. nasceu em Santo Antônio da Platina, Norte do Paraná, faz 36 anos. Atendia pelo nome de João Avelino dos Santos e desde menino percebeu que era diferente:

— Com 10 anos, senti uma eletridade pelo corpo. Mas não tinha idade para entender o que se passava. Hoje eu sei que sou um ser dotado, com eletridade capaz até de matar, de paralisar animais. Só com a força da minha mente.

Veio em 71 para São Paulo e em 4 anos fez-se famoso no coração de São Paulo: "Vou poder me desferrar da ingratidão das mulheres. Só porque tive paralisia na perna esquerda, ninguém me queria. Hoje tem mulher assim me querendo". A tabela de preços do dr. K. Netta:

Carta, \$ 15; análise geral, \$ 15; salvação de casamento, \$ 4 mil (abatimento para operário); consulta em casa \$ 100. Esta **análise geral** da situação brasileira foi feita exclusivamente para o Ex (de graça):

"Basta apenas que lhe demos um fiel exemplo da nossa autoridade intelectual: bastaria que convocássemos nossos químicos, limitando-nos à fusão de elementos minerais sensíveis ao fogo ou eletridade. Teríamos então um ouro de fina qualidade com o qual poderíamos não só competir, mas também destruir a força do dólar que nos esmaga ou até comp rar os Estados Unidos e pagá-lo à vista pelo sistema de câmbio vigente."

Em troca, publicamos seu anúncio:

INTELECTUS LTDA.

Em fase de infusão social, está admitindo duas secretárias que consigam preencher os seguintes requisitos: Loiras, olhos verdes ou azuis, prática em relações públicas e com ambições artísticas. Ambiente ao ar livre e ótimo refeitório. Sociedade indireta. Preferência solteira e livre. Tratar com o Dr. K. Netta na praça da Sé, em frente da Catedral, das 9 às 18 horas.

José Trajano

PENA DE MORTE PARA QUEM DEFENDER A PENNA DE MORTE!



Sacco e Vanzetti, pouco antes de serem mortos



O cientista brasileiro.

Condenados à morte, Sacco e Vanzetti foram executados na cadeira elétrica depois de passar 7 anos na cadeia e 6 meses num Manicômio Judiciário, sob protestos dentro e fora dos Estados Unidos. Mais pormenores (muitos mais) sobre este uso político da pena de morte, no livro *A Tragédia de Sacco e Vanzetti*, de Francis Russell (Civilização Brasileira).

Opinião De Um Jurista Popular: a Morte Só Pertence a Deus.

— Você é a favor ou contra pena de morte?

Entre 96 pessoas entrevistadas no centro de São Paulo pela Rádio Jovem Pan, 87 foram a favor (92%). Um dia antes, 11 de agosto, o deputado estadual Erasmo Martins Pedro (MDB-Rio de Janeiro) tinha pedido pena de morte para os sequestradores do menino Carlos Eduardo, desaparecido há 2 anos e encontrado morto. Eis algumas respostas, irradiadas no programa *São Paulo Agora*, produzido por Marco Antonio Gomes, da Jovem Pan:

“A pessoa pode, na vida, se arrepender do que fez. Uma atitude nunca é definitiva, o ser humano muda dia a dia. Mesmo que mate, roube, sempre há uma razão. Deveríamos estudar as razões que levam pessoas a agir desta forma. E tentar corrigir, entende?”

Geni de Souza, 31 anos.

“A morte só pertence a Deus. Sou contra porque o que nós precisamos é levar o povo ao conhecimento de Jesus Cristo, porque só Jesus Cristo pode transformar o coração de um homem. A pena de morte não resolve.”

Ataliba Silva, 65 anos, aposentado.

“Na minha opinião, esses elementos aí, se fazem isso por questões financeiras, deve haver um estudo mais profundo da vida deles, para saber de onde vem essa atitude que eles toma, não? Acho que devem ser levados a julgamento. Eu não admito a pena de morte pelo seguinte: se houver pena de morte, vai morrer muita gente inocente.”

Waldomiro Tibúrcio, 35 anos, fotógrafo.

Sacco e Vanzetti eram dois trabalhadores, um sapateiro e outro peixeiro, imigrantes italianos que viviam em Braintree, Massachusetts, USA. Os dois professavam a filosofia anarquista. 1919; no dia 15 de abril, os pagadores de uma empresa de Braintree são assaltados e mortos. Conforme se tentou provar mais tarde, os assassinos pertenciam a uma quadrilha: os Morelli. Mas, num país que vivia o clima da caça aos comunistas e socialistas e esquerdistas em geral, os dois trabalhadores foram presos (para agravar sua situação, eram imigrantes numa Massachusetts orgulhosa de sua “americanidade”).

Cesar Lattes Não Está Caduco: a Energia Solar Terá De Ser a Solução.

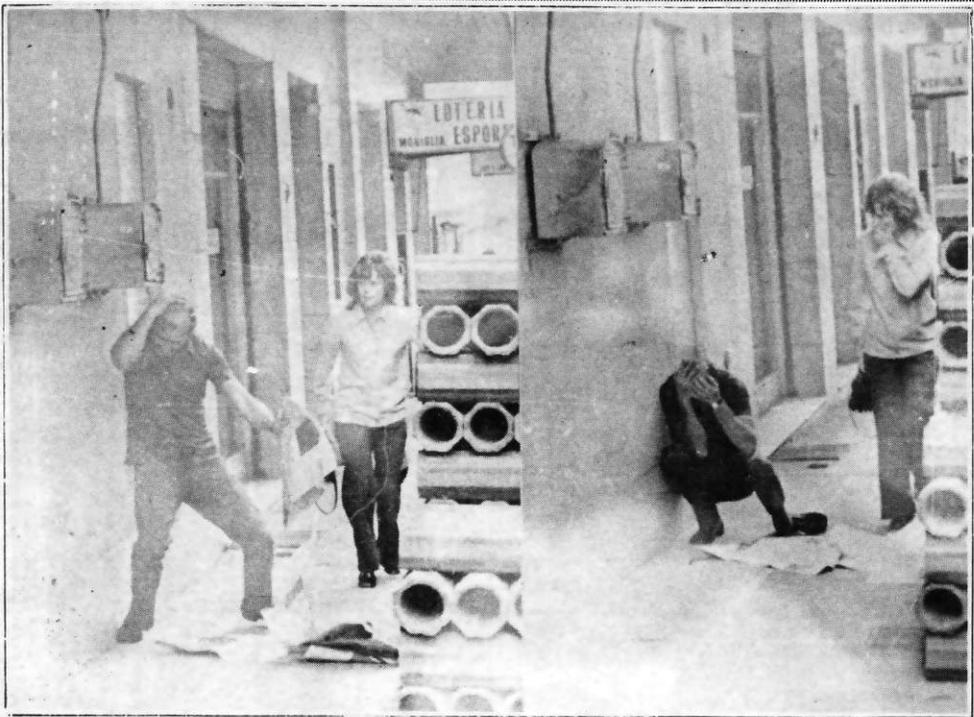
51 anos, físico desde os 19 pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Depois de se formar, trabalhou na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde, aos 24 anos, descobriu uma das partículas elementares da matéria: o meson pi. Com esta descoberta, ficou internacionalmente conhecido, conseguiu algum apoio governamental para continuar seus trabalhos e passou a pesquisar e lecionar na Universidade de São Paulo. Recentemente, transferiu-se para a Universidade Estadual de Campinas, onde desenvolve um projeto sobre um novo estado da matéria. Montou também um grupo de estudos de raios cósmicos em Chacaltaya, nos Andes bolivianos. Preocupado com a função social da ciência, afirma que ela “não é neutra e por isso todo cientista precisa entender seu momento histórico. O inventor da bomba atômica pode ter sido um grande cientista, mas foi um micro-homem incapaz de entender seu momento histórico e a utilização que seria dada ao seu invento. Se uma pesquisador percebe que não tem controle sobre sua descoberta, deve arquivá-la”.

— Sob o ponto de vista científico, quais as vantagens ou desvantagens do acordo nuclear?

— Marginalmente isto pode ser útil a cientistas. Onde há certo acesso, não digo livre, mas uma possibilidade de acesso, isso vai beneficiar o pesquisador., não só físico, biólogo, engenheiros, etc, né? porque essa questão de energia atômica, não é só gerar energia; é todo o problema de dano das radiações, a maior parte é dano; mas às vezes pode-se usar também para coisas boas, às vezes né?

— O senhor falou no problema do lixo que a pesquisa pode ocasionar.

— A pesquisa não gera muito lixo, a não ser no cesto de papéis. Eu falei no lixo dos reatores, quer dizer, o reator necessariamente produz material radioativo, numa parte é lixo explosivo — causa pelo menos declarada de grandes preocupações do governo americano; é o plutônio, com o qual se pode fazer bombinhas para jogar em outros países. Esse não é chamado lixo, esse é chamado material “nobre”. A maior parte, pelo que eu sei, simplesmente constitui uma quantidade de material radioativo muito grande, que não se sabe como dispor. Os



Sequência de Messias Augusto da Silva. Local: rua Major Quedinho, SP.

métodos que eu sei que foram usados, colocar em recipientes declaradamente seguros, enfiar não sei quantos metros debaixo da terra, não deram certo. Era tão seguro que dali a pouco começou a aparecer radioatividade em cima da terra. Me faz lembrar os recipientes seguros dos finlandeses que eram tão seguros que eles vinham jogar o arsênico aqui no Atlântico Sul; mas, se era seguro, jogassem lá num dos mil lagos que eles têm. E quanto mais energia você gerar mais lixo vai ter. Tem, de vez em quando, umas propostas malucas — botar em órbita, bota num satélite em órbita. Então a proposta racional é ir com cuidado, ir devagar e certamente não esconder, não adianta enterrar. Melhor que ele esteja num lugar em que se possa verificar se está havendo vazamento ou não.

— Dentro da física, no Brasil, existe ou existiu evasão de cérebros?

— Falar em evasão dá idéia de fuga ou negócio desse tipo; e falar em cérebro dá a impressão que é a mesma coisa que um computador, hoje em dia esses bichos aí são chamados de cérebros eletrônicos. Você está perguntando se cientistas de gabarito internacional têm deixado o Brasil por salários melhores. No campo da física, que eu saiba, não, quer dizer, houve a saída há bastante tempo, mas não era só a falta de salários era a falta de condições. Agora, se a pessoa que trabalha em pesquisa científica sofre uma aposentadoria compulsória, ele não tem outro remédio, a não ser migrar; é o caso do professor Leite Lopes que está em Strasburgo (França). Ele sair por um ordenado melhor, não sei, prefiro não comentar, eu acho que a gente tem certa obrigação com a terra da gente.

— Dr. Cesar, existe mais verba, hoje do que no passado para a pesquisa?

— Eu acredito que sim. Não sei se isso responde de uma maneira correta a pergunta. Se se pensar em certas atividades de pesquisa científica, por exemplo ecologia — na minha opinião a mais importante no momento, do ponto de vista humano, ou da sobrevivência do planeta — não sei se há mais verba para a ecologia, ou não. Prá física... eu creio que sim, né, pelo menos, o meu laboratório aumentou a verba, creio que sim. Agora, aumento substancial tem sido para o que se chama pesquisa tecnológica, para conseguir fechar a fenda entre nós, que somos chamados país em desenvolvimento — eu acho que somos um país atrasado, não é verdade? Não é a feira de automóveis que vai me convencer que somos um país adiantado. Eu acho que a gente tem de ver o adiantamento do país

pelo analfabetismo, pela subnutrição, mortalidade infantil.

— E o Centro Brasileiro de Física?

— Pera aí, eu tou falando uma coisa, não estou caduco ainda! Então há muita verba para pesquisa desse tipo... Agora é uma coisa que só o futuro responderá, se essa é a resposta ao nosso atraso.

— Como estão as pesquisas de energia solar?

— Bom, eu acho que essa terá de ser a solução. Eu... você sabe que, na realidade, a energia hidroelétrica, é de fonte solar, não é? Como é que a água subiu pra depois descer... hem? O sol faz evaporar a água, forma nuvens, chove e tal, forma rios, cachoeiras e tal?... A hidrelétrica é solar. A energia solar é limpa., não é? Ela pode trazer queimaduras ou morenas.. morenas muita bonitas, não é? Mas é extremamente limpa. A energia elétrica, ela sozinha, é a mais limpa que se conhece. Se o sujeito tiver dúvidas, põe o dedo que vai ver que ela não só é limpa, mas a origem é solar, quer dizer, a origem dessa energia são as reações termo-nucleares do sol. Agora, a quantidade de energia que o sol manda prá terra é uma imensidade, quer dizer, coisa da ordem de 1 quilowatt por metro quadrado. Não se sabe ainda a maneira eficiente de aproveitar e armazenar, porque de noite não tem sol e eu sei que tem havido pesquisas. Mas por motivos — vamos chamar de econômicos — eu acho que não se investiu o necessário no estudo do aproveitamento prático da energia solar, por que havia outras fontes, não digo mais econômicas, mas mais rendosas de energia, que poderiam ser usadas para outras coisas mais nobres que fabricar energia elétrica, e também sem sujar, não é? Quando você queima certas coisas, carvão, petróleo, o que seja, você não só está queimando uma reserva que se formou na natureza, (em épocas imemoriais; você está também roubando o vizinho, quer dizer, você está sujando o ar de todo o mundo, não é só o teu. Você pode dizer que o teu fusquinha não faz nada, mas são muitos fusquinhas e as indústrias, e assim por diante. A energia hidroelétrica é a mais limpa. Agora, a energia solar, transformada diretamente em elétrica é limpíssima... O urânio é da nucleosíntese que formou a galáxia estrela, sujo... sujo... sujo, prá chuchu e perigoso...

(repórter João Russo, da TV Bandeirantes, SP)

MOÇAMBIQUE. CRISTO EVITA. SAUDADES DA REPÚBLICA.



Uma Recomendação à Imprensa: Vamos Falar Português Claro.

Independente há 2 meses, liderado por Samora Machel, Moçambique está passando um período de transformações culturais. O governo pretende tornar a língua portuguesa compreensível para todo o povo, estimulando o jornalista a escrever palavras simples; a escola a usar textos de autores africanos; e as livrarias a esquecer um pouco o valor comercial dos produtos que vendem.

Uma verdadeira campanha de linguagem começa na imprensa de Moçambique. A palavra de ordem é a convivência mais próxima do jornalista com o povo. "pois é da sua realidade que se ocupam os jornais e os rádios" — disse o Secretário de Trabalho, José Luís Coboço. Recomenda inclusive a eliminação temporária de palavras difíceis. "até que todos vão acostumando, pouco a pouco, a ler e ouvir a língua portuguesa".

As escolas vão ter um novo sistema de ensino a partir de 1976, mas desde já os alunos estão conhecendo novos escritores nacionais e textos de líderes africanos como Samora Machel, Agostinho Neto (de Angola) e Amílcar Cabral (assassinado pelo salazarismo na Guiné).

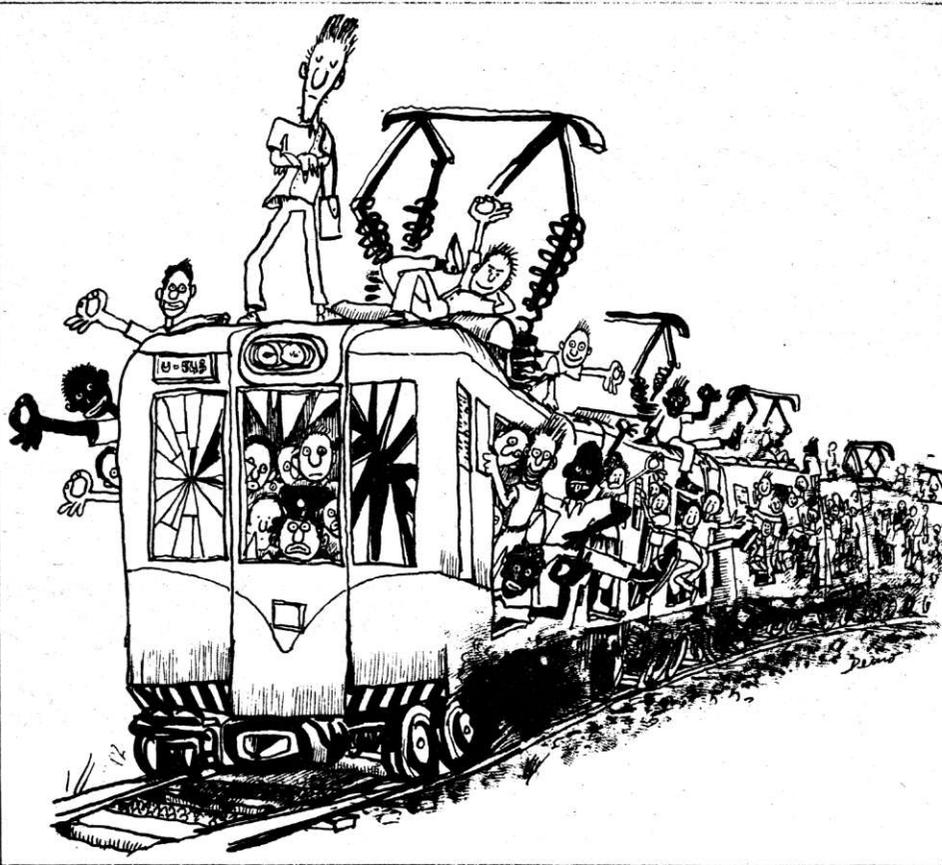
É difícil, no entanto, encontrar nas livrarias essas obras, editadas em Lisboa. Os estoques ainda não foram renovados depois de 25 de abril. Ou então paga-se um preço muito alto: de Portugal o livro já vem caro e em Moçambique é acrescido de 25%.

(Extraído de Crisis)

Encontro Com Jesus Cristo Através Do Sábio Satã

Era uma geração da qual eu esperava alguma coisa. Não digo grandioso como da "Rosa dos Ventos" de Chico Buarque uma explosão atlântica e a multidão que vê atônita seu despertar. Esperava algo menos poderoso, mas forte. Em plena vivência do processo, de 71 a 73 (aproximadamente), é possível que tivéssemos dado muitos frutos. Eu esperava mais de nossa volta à sociedade, em 74 (aproximadamente).

Não sei quantos éramos quando saímos do caos: mil, 3 mil, 5 mil espalhados pelas principais cidades do país — São Paulo, Rio, Bahia, e também no interior, porque não? É possível que a



maioria tenha sido hippie — não sei. O Brasil mostrava, por uma estranha coincidência, que não estava fora do mundo (Hamilton Almeida, Ex n.º 7), pois em 68 as gerações de esquerda na Europa e aqui perdiam sua vigência.

As pessoas deixaram na escuridão o corpo, a cara e a coragem. Voltaram-se para dentro de si quebrando com tudo — elas e valores. Muitas tinham de 68, outras pegaram o processo no auge. Cada qual teve no peito sua própria teia, num momento em que todos reconheciam que participavam de algo novo. Teve gente que diz que viveu mas não entendeu. Cada qual viveu a seu modo.

No fim de 73, começo de 74, há uma necessidade quase unânime, de volta à saúde e à pureza. — "mens sana in corpore sano" (Antônio Bivar, dramaturgo). Vi muitos pulando do caos para uma grande claridade. Cada um de nós parecia ter encontrado um caminho, uma solução, irradiando uma alegria estranha e serena. Essa euforia era o resultado de uma descoberta: o encontro de Cristo no próprio homem. Tínhamos um sentimento pentecostiano porque ressuscitamos a figura bela e terrível. Parecia que tínhamos descoberto a Via Lactea. A violência de dois mil anos de história passou a ser interpretada como a característica natural de uma era que passou, de dor e sofrimento, simbolizada pela crucificação de Jesus: começaria uma nova era. Aquário, de paz e amor para a humanidade.

"O destino de quem parte é partir sempre. É não voltar jamais em idade alguma". Quem disse foi Antônio Ventura, poeta desta geração.

Surgimos como seres completamente novos, originais na história. Viramos magos — alquimistas, sem definir uma forma de luta. Descobrimos que era preciso só ser, como cantou Gilberto Gil. Manipulamos a vida no plano da energia. Mergulhamos fundo na alma humana e no homem condicionado pela sociedade, traduzindo tudo em modalidades de energia.

Tínhamos outra peculiaridade: superamos a visão co stumeira do Diabo. Para nós passou a ser um anjo iluminado, um deus terrível parceiro do Bem, sem o qual não há evolução da humanidade. Nos o reconhecemos no próprio homem, adotamos a magia de Lúcifer que conduz os homens à Beleza através da sabedoria (em grego Sat - Satã).

Se houvesse rebanho, poderíamos ter sido ovelhas negras quando voltamos à civilização. Mas onde havia rebanho? Jogamos muito lixo fora. Apesar disso muitas fadas más continuavam infernizando o caminho. Dentro de nós mesmos.

Fomos o gerente, o chefe, o subchefe, dono da grande e da pequena empresa. Vi papas, bispos, padres e freiras. Capitães, policiais, agentes secretos e soldados. Foi Mao Tse-Tung, Kossinguin e Nixon, Rockefeller e o cidadão Kane.

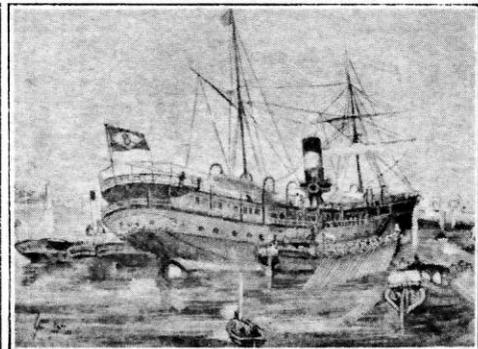
Fomos Romeu e Pierrot. Viajamos ao reino das mulheres para conhecer seu segredo, como Orfeu e as mulheres viajaram ao reino dos homens. Os homens viraram mulheres, as mulheres viraram homens; e olharam-se como companheiros enigmáticos.

Em cada um de nós, havia também um Durango Kid, um Fantasma, um Zorro, Tarzan, e Bomba, o agente secreto 000 e o Mexicano (aquele que vem para matar). Havia um John Lennon dentro de nós, e foi preciso assumi-lo para garantir que o sonho não acabou. Quantos John Lennon vi, tão belos quanto o verdadeiro.

Jesus Cristo estava morto em cada homem, dentro de nós também. Fomos Judas e Pilatos para nos experimentarmos, repudiando ambos, amantes da Beleza simbolizada em Jesus. O povo queria fazê-lo Rei mas Jesus fugiu para a montanha dizendo: "Sois deuses."

Antonio Carlos Morari

(Jornalista, morreu em maio deste ano, com 28 anos, no Hospital São Francisco, em Ribeirão Preto, de meningite bacteriana, seguida de uma infecção na bexiga e pneumonia. Trabalhou em O Bondinho e Última Hora).



A família imperial parte para o exílio.

Últimos Queijos e Ameixas Que Dom Pedro Comeu Em Petrópolis

9 horas, Petrópolis. Mal desperto, o imperador recebeu um telegrama (o telegrafo, foi inventado em 1832, por Morse; e chegou ao Brasil em 1852). Manda abrir as janelas, quer ouvir o esporro das cigarras. No telegrama, o Presidente do Conselho de Ministros avisa-lhe: "O Ministério foi deposto". (O Presidente do Conselho chamava-se Afonso Celso, Visconde de Ouro Preto). No Império do Brasil, só o Imperador podia demitir um Gabinete (aliás, também só ele podia dissolver a Câmara). Regeu o telegrama: quem depusera, inconstitucionalmente o Gabinete? As cigarras não responderiam. Ao café — queijos e ameixas de Correias — disse à mulher:

— Cristina. Desceremos imediatamente para o Rio.

— Que maçada!, respondeu D. Teresa.

Meio-Dia, no centro do Rio. O gabinete Ouro Preto está reunido no quartel-general, pronto para resistir à sublevação militar. Em frente, na praça milhares de soldados e um cavalo morto, o ventre aberto, beijos arranhados. O ministro chama o Ajudante-General:

— General, o senhor, que tanta bravura mostrou nos campos do Paraguai, porque não manda atacar os rebeldes?

— No Paraguai, lutávamos contra inimigos, respondeu. Naquela tropa que ali está eu vejo a mocidade militar guiada pelo Mestre — que foi, também o meu Mestre.

Este Ajudante-General se chamava Floriano Peixoto. O mestre, Benjamim Constant. Ouro Preto estava surpreso. E insistiu: que mandasse prender os rebeldes. O General cortou, então, a conversa:

— Tenho a lhe dizer que estes bordados que trago nos punhos ganhei-os ao serviço da Pátria, e não ao serviço de ministros!

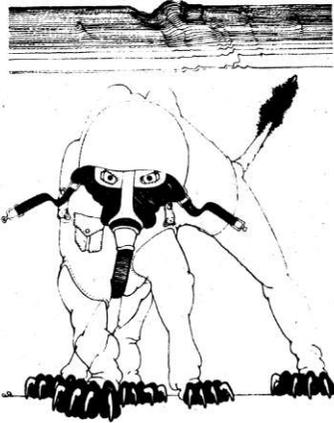
Ouro Preto compreendeu que uma monarquia de 66 anos chegara ao fim da linha.

(Do livro Quem Fez a República, de Joel Rufino dos Santos, historiador e professor).

Declarações Amorosas De Lopez Rega a Evita Perón

Si un hombre contiene todos los planos de todos los hombres y una mujer contiene todos los planos de todas las mujeres y cada hombre contiene todos los planos de todas las mujeres y todas las mujeres contienen todos los planos de cada hombre, entonces no soy solamente yo ni tu es solamente tu, vivamos en que época vi-

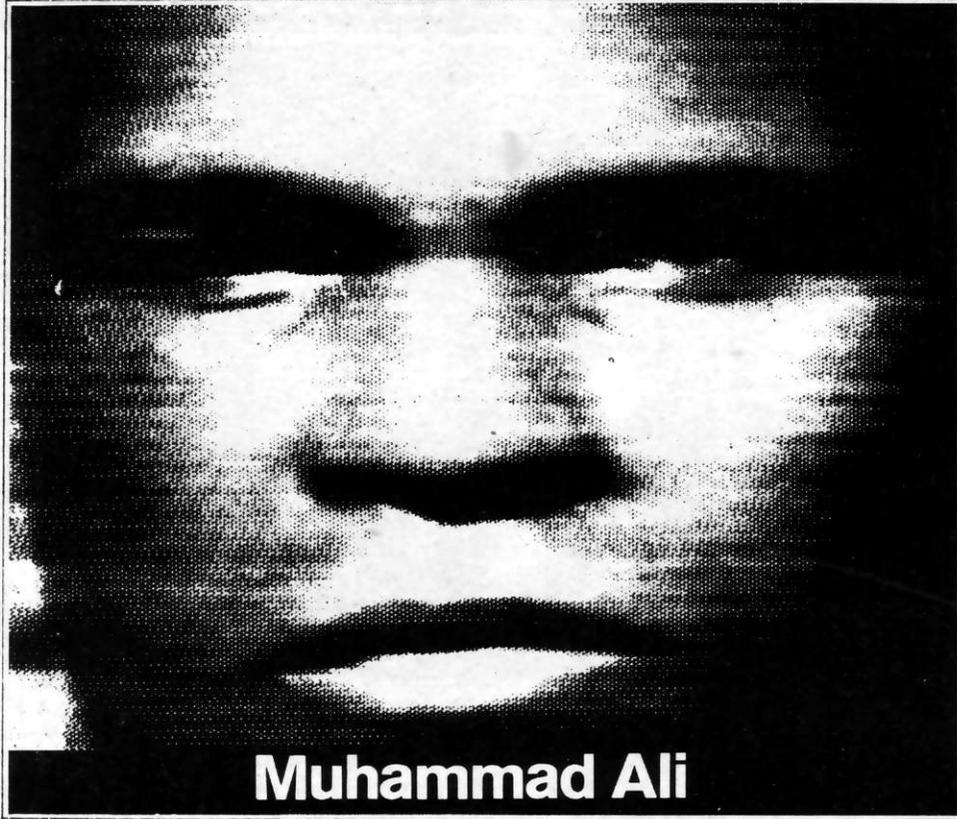
POETA AVISA AOS NAVEGANTES: DEVAGAR COM O NEVOEIRO.



vamos, pués todas las épocas son una época, passada, presente o futuro dentro y fuera de nosotros donde buscamos saber a veces como somos tan diferentes e outras veces, como somos tan identicos, confundindo nuestro raciocínio logico con el desconocer de esta cosa tan primária pero olvidada hace mucho hasta la hora en que un hombre de nuevo se acuerda de su individualidad coletiva, una pequena constatación de que la solitud no existe en verdad, la solitud es una criación paranóida, vicio de vidas jugadas al viento cru, ya las tenemos también adentro essas vidas, nos quedamos al viento y por la noche murimos llenos de visiones periódicas, paralelas y tal qual olvidamos la muerte en la vida, olvidamos las visiones nocturnas en el dia, pués en verdad una imensa maioria de objetos son circulares y una imensa maioria de movimientos es circular, la tontura es una característica mundial, giramos así dentro de algo que llamamos infinito por fuerza de nostra palavra, somos los giratórios conteúdos de todas las manifestaciones visibles y invisibles y por eso no sé que otra cosa podría darse entre nosotros sino el amor.

Autor argentino desconhecido psicografado por Alex Solnik

Documento do Museu Paulista — Ipiranga)



Muhammad Ali

Preto é Gente:

Campeão mundial dos pesos-pesados. Idade: 34 anos. Altura: 1,91 m. Envergadura: 2,08m. Peso: 97 Kg. Coxa: 62 cm. Punho: 33 cm. Tórax: 1,61 m. Ganhou título pela primeira vez em 1964, lutando contra Sonny Liston. Nessa época costumava festejar suas vitórias com frase do tipo:

— Sou o melhor e mais famoso, sou um lindo e cintilante campeão.

Logo após a vitória contra Liston, entrou na seita dos Mulçumanos Negros e trocou de nome: "Não quero ser chamado Cassius Clay, nome dado à minha família

pelo escravocrata branco". Em 1967, se recusou a lutar no Vietnam, alegando princípios religiosos, e perdeu o título. A Suprema Corte o absolveu da condenação — 5 anos de prisão e 10 mil dólares de multa. Foi impedido de lutar por 3 anos e meio. Viveu de conferências em universidades americanas, denunciando a segregação racial e exibições em vários países.

Voltou a enfrentar um adversário de respeito em 1972. No "combate do século", contra Joe Frazier, não conseguiu reconquistar o título, o que só aconteceu no ano passado, em outro combate do século, contra George Foreman. Como sempre, dedicou sua vitória aos negros americanos.



mim é desmílagre") e realista ("para mim não significa nada, talvez porque não trabalho. Se eu trabalhasse sentiria alguma diferença, mas assim não").

Sobre repressão, 18 alunos disseram que não há, 4 se auto-reprimem e 12 acham que a repressão é geral:

— Vou escrever, estou reprimida, vou desenhar, estou reprimida, em sexo sou reprimida. A minha vida inteira, sabe? Eu sou reprimida e acho que todas as pessoas são.

A febre de livros e filmes pornográficos foi confundida com sexo, e sexo com moda — épocas de maior e menor repressão sexual:

— Este surto é uma tentativa de se libertar daquele tabu sexual e uma tentativa de quebrar esse preconceito. Mas, na verdade, ele pura e simplesmente aumenta certos tabus, sexuais de relacionamento entre homem e mulher. Acho inclusive que aumenta o machismo.

A crítica mais geral ao colégio Santa Cruz foi de que tem muitos grupos fechados: alguns alunos também criticaram o fato de haver apenas uma classe social:

— Aqui, tudo filhinho de papai, só da classe A, você chega e eles só falam de mulher, carro, moto. Os de fora têm outros problemas na cabeça.

CANTE COM EX

Argumento De Paulinho Da Viola

Tá legal,

Eu aceito o argumento Mas não me altere o samba Tanto assim.

Olha que a rapaziada Já está

Sentindo a falta

De um cavaco,

De um pandeiro

E de um tamborim

Sem preconceito,

Sem mania de passado,

Sem querer ficar do lado

De quem não quer navegar.

Faça como o velho marinheiro

Que durante o nevoeiro, (bis),

Leva o barco devagar.

(Breque) Tá legal!

PROCLAMAÇÃO.

HONRADOS Paulistanos: O amor, que Eu consagro ao Brasil em geral, e á vossa Provincia em particular, por ser aquella, que perante Mim, e o Mundo inteiro fez conhecer primeiro que todos o sistema machavelico, devagar sador, e faccioso das Cortes de Lisboa, Me obrigou a vir entre vós fazer consolidar a fraternidade e tranquillidade, que vacillava, e era ameaçada por desorganisações, que em breve conheceris, fechada que seja a Devassa, a que Mandei proceder. Quando Eu mais que contente estava junto de vós, chegou noticia, que de Lisboa os traidores da Nação; os infames Deputados pretendem fazer atacar ao Brasil, e tirar-lhe do seu seio seu Defensor: Cumpre-Me como tal tomar todas as medidas, que Minha Imaginação Me suggerir; e para que estas sejam tomadas com aquella madureza, que em toas crises se requer, Sou obrigado para servir ao Meu Ilho, o Brasil, a separar-Me de vós, (o que muito sinto), indo para o Rio: ouvir Meus Conselheiros, e Providenciar sobre negocios de tão alta monta. Eu vos Assguro que coisa nenhuma Me poderia ser mais sensivel, do que o golpe, que Minha Alma sofre, separando-Me de Meus Amigos Paulistanos, a quem o Brasil, e Eu Devemos os bens, que gozamos, e Esperamos gozar de huma Constituição liberal e juridica. Agora, Paulistanos, só vos resta conservardes unido entre vós não só por ser esse o dcyer de todos os bons Brasileiros, mas tambem porque a Nossa Patria está ameaçada de soffrer huma guerra, que não só nos ha de ser feita pelas Tropas, que de Portugal sorem mandadas, mas igualmente pelos seus servís partidistas, e vis emissarios, que entre Nós existem, atiraçoando-Nos. Quando as Authoridades vos não administrarem aquella Justiça imparcial, que dellas deve ser inseparavel, representai-Me, que Eu Providenciarei. A Divisa do Brasil deve ser = INDEPENDENCIA OU MORTE = Sabei que, quando Tracto da Causa Publica, não tenho amigos, e validos em occasião alguma.

Existi tranquillous: acatelai-vos dos facciosos Sectarios das Cortes de Lisboa; e contai em toda á occasião com o vosso Defensor Perpetuo. Paço em oito de Setembro de mil oitocentos e vinte dois.

PRINCIPE I. EGENTE.

Imprensa Nacional.

Estudante Não Responde Por Milagre De Ninguém

"O que representa o milagre brasileiro para você, como brasileiro?"

— Eu fiquei contente porque progresso para mim é fundamental, certo? Precisa ter progresso aqui no Brasil. E à medida que vai tendo, vou ficando mais feliz porque é sinal de que a gente tá saindo daquela condição de 3.º Mundo, está atingindo o 1.º certo?

— Não ligo muito. Não me afeta.

— Tudo legal, dá para sentir uma evolução, mas para uma minoria reduzida. Eles não têm culpa. Se eu estivesse no lugar deles faria a mesma besteira.

São algumas respostas dos alunos do colégio Santa Cruz (São Paulo), numa pesquisa organizada pelo jornal dos alunos, o **Tablóide**. A pesquisa foi feita com 46 alunos dos 3 anos colegiais (idades entre 15 e 18 anos); e também perguntava se o aluno se achava reprimido, o que acha da pornografia e do colégio.

26 entrevistados (mais da metade) nunca tinha ouvido a expressão "milagre brasileiro". Houve 4 tipos de resposta, segundo o **Tablóide**: irônica ("que milagre brasileiro?"), indiferente ("não acho nada, não gosto de políticos"), entusiasmada ("estou contente com o progresso"), pessimista ("não sei o que poderia ser feito, soluções"), crítica ("enquanto houver gente morrendo de fome, de pobreza, eu não acredito em milagre; para

DRAMA EM 1 ATO, PELOS MALUQUINHOS DA VILA CONCEIÇÃO



FOTOS: DOMINGOS COP JR.



Tchau, Doutor Breno, e Adeus!

Cenário: Um quartinho de subsolo, paredes com desenhos infantis de cores berrantes, banquinhos espalhados no chão ainda coberto de tinta fresca. É a sala da Clínica Kuka, Psicoterapia e Psiquiatria S C Ltda., na Vila Nova Conceição, SP, onde se faz psicoterapia infantil com crianças até 12 anos.

Personagens: Marcos, 10 anos; Cássia, 10 anos; Carlos, 10 anos; Werner, 10 anos; Roberto, 12 anos; Luiz, 10 anos; Eduardo, 9 anos; Regina, 9 anos; Dr. Breno, 29 anos; Reporter, Hilton Libos, 20 anos; Fotógrafo Domingos Cop Jr., 28 anos; Doutor Jair, 26 anos.

O Dr. Breno entra com o repórter e o fotógrafo. O Dr. Jair já está lá. O repórter liga o gravador enquanto Luiz agride o dr. Breno.

Luiz - Se você não tirar esta barba feia, nós vamos acertar um tiro bem no meio da cara do senhor.

Dr. Breno - Por quê? Primeiro vamos dar boa noite. Eu ainda nem cheguei direito.

Luiz (com o dedo em riste para o psiquiatra) - Se não tirar, nós damos um jeito nisto.

O dr. Breno e o dr. Jair se olham enquanto as outras sete crianças apoiam Luiz. Todas gritam juntas e cercam o dr. Breno, puxando a barra da camisa, dando socos em sua barriga. Todas - Corta! Corta! Pau nele! Se não cortar a barba vai se azarar! Corta!

Dr. Breno (se livrando das crianças) - Olha, hoje vocês vão curtir uma diferença...

As crianças ficam curiosas.

Todas - Que é, hein, doutor, que é?

Dr. Breno - Estes dois rapazes são repórter de um jornalzinho e vieram fazer uma entrevista com vocês. Este aqui é o Hilton e este é o Domingos.

Roberto - Vocês são repórteres, mesmo?

Repórter - sim. Você não acredita?

Roberto - Então deixa eu ver a carteirinha.

Repórter - Está na minha bolsa, lá em cima. Se quiser eu vou buscar.

De repente, todos se voltam para o repórter, fuçam o bolso da calça e gritam ao mesmo tempo.

Todas - Mentira! Palha! Eles não são repórter coisa nenhuma! Mostra a carteirinha! Mostra que eu quero ver!

O repórter sobe para pegar a carteirinha. Os meninos e meninas correm pelo quarto e Luiz descobriu o gravador.

Luiz - Ah, um gravador! Maravilha! (como locutor) Emerson Fittipaldi vai correndo na pista ao lado de Niki Lauda. Emerson vai passando, vai passando e deixa Niki prá trás! Vai Emerson! Vai!

Reporter (aproxima-se de Luiz) - O que é que você tem, Luiz? Por que está fazendo tratamento?

Luiz - Minha mãe acha que eu sou nervoso. Tenho uma irmã de 7 anos que me enche o saco! Eu que tenho 12 e ela quer bater em mim: como é que pode uma menina de 7 anos querer bater num menino de 12? Então eu fico muito nervoso.

Eduardo pega o microfone.

Eduardo (como repórter de rádio) - Agora nós vamos fazer uma entrevista com o senhor Napoleão Boa Pinta. (Dirige-se a Luiz) Quais são suas primeiras intenções, seu Napoleão?

Luiz - vai tomar banho, xarope!

Eduardo - Nós estamos falando diretamente do inferno. O que o senhor tem a dizer, Napoleão Boa Pinta? Por que está assim tão nervosinho? Hein, conta aqui pra nós?

Repórter - O que é que você tem? Conta pra nós, Eduardo.

Eduardo - Não sei, ninguém sabe. É um mistério total. Nem Cherloque Rolmes consegue resolver.

Reporter - Nem o dr. Breno?

Eduardo - Não, ninguém. É um troço muito complicado.

Todos voltam as atenções para a máquina do fotógrafo. Cássia pede para ele bater umas fotos de perfil e de frente. Tem cabelos crespos e longos, amarrados com uma fita vermelha. Caminha com passos medidos, requeimados: olha os companheiros com ar de superioridade. Os dois psiquiatras permanecem sentados, observando-os.

Repórter - Ouvi dizer que você queria fugir de casa para vir aqui...

Regina - É, mas depois eu pedi pra minha mãe, direitinho, e ela disse que está bom, pode ir mas volta depressa. E eu vim correndo.

Repórter - Sozinha?

Regina - Sozinha. Mas logo que eu saí ela pediu pra minha tia vir aqui. Ela está lá em cima me esperando.

Repórter - Por que você gosta de vir aqui? O que você tem, algum problema?

Regina - Não tenho nada. Não sei.

Eduardo (entra no meio da conversa entre o repórter e Regina) - Você sabe o que eu gosto de fazer de noite? Assisto novela, o "Bravo"! Mas como eu tenho que acordar cedo para ir pra escola, minha mãe quase não deixa eu ficar assistindo a novela.

Repórter - E daí? Você gosta? Como é a história da novela?

Eduardo (pensativo) - É um maestro... Ele tem uma namorada, a Cristina... Acho que eles vão se casar no dia 1º de setembro, não me lembro direito. O maestro tem uma moça lá no sítio e...

Luiz - ... eu odeio! Eu tenho raiva!

Repórter - Você odeia o que?

Luiz - Eu odeio o namoro da Cristina com o maestro! Mas sei que eles vão casar no fim. Meu ódio não adianta nada! Eles vão casar no fim, tenho certeza disto, porque são os dois atores principais.

Werner pega uma latinha de cerveja vazia, amassa com as mãos até quebrar no meio. Esfrega as duas metades produzindo um som que mistura a gritaria até o final de sessão.

Dr. Breno (para o Reporter, se referindo ao comportamento barulhento de Werner) - Quando ele começou o tratamento, não esboçava qualquer reação perante qualquer ataque dos outros, que batiam e gozavam na cara dele. O simples fato do Werner agora estar produzindo estes sons já é um progresso. Além de que ele está se detendendo dos companheiros. Quer ver um outro caso? A mãe de Marcos pegou ele fazendo troca-troca com outros e, como era de se esperar numa mãe classe média, ela reprimiu-o violentamente.

Depois trouxe o menino aqui pedindo para fazer com ele um tratamento para "curar o homossexualismo". O menino começou a frequentar as sessões não para isto, mas para aliviar toda a carga repressiva que se acumulou dentro dele.

Reporter - Quem deveria fazer psicoterapia são os pais destas crianças. Quando é que você começou com psicoterapia infantil?

Dr. Breno - Foi no Hospital Centenário, em São Paulo, mais ou menos dois anos e meio. Lá curei uma porção de crianças asmáticas. Cheguei a conclusão de que a asma não é nada mais que uma reação da criança, uma reação somática do processo de repressão psicológica.

Todas as crianças agora estão alvo-roçadas, batendo fotografias.

Dr. Breno (volta-se para as crianças) - Bom, já são nove horas, vamos ver se a sessão de hoje acaba.

Marcos - Doutor Breno, minha mãe mandou eu me despedir de todos os amigos e avisar o senhor que eu não venho mais na psicoterapia.



(Pausa um grande silêncio no pequeno quarto).

Dr. Breno - Por que? Ela não disse por que?

Marcos - Não. Só disse para eu me despedir dos amigos e que não volto mais aqui.

Regina - Eu também. Minha mãe não quer que venha mais aqui na psicoterapia. As crianças abraçam Marcos e Regina, e vão saindo pouco a pouco.

Dr. Breno - Para um pouco aí, deixa eu conversar com eles. (Para o reporter). Está vendo? Agora as crianças sobem esta escada, encontram os pais e, finalmente, vão para suas casas; sua fisionomia e seu comportamento se modificam. Assumem novamente o papel de filho.

(Marcos volta para falar com o dr. Breno)

Marcos - Posso dizer só mais uma coisinha no microfone? Tchau, doutor Breno, e adeus.

jornal da cidade

TAPACURÁ

1. A mentira da propaganda
2. O escândalo do sistema d'água
3. DNOS defende barragem
4. E se tivesse arrombado?



EDIÇÃO EXTRA

O Jornal da Cidade, do Recife, nasceu em novembro do ano passado, em cima da campanha eleitoral. E fez uma cobertura tão boa, que não teve outra saída se não melhorar cada vez mais. "Acabou ganhando uma importância maior do que sua estrutura: deu uma trabalhadeira incrível manter o ritmo e qualidade", diz seu editor Ivan Maurício, 24 anos, também correspondente do Movimento em Pernambuco.

Média de idade da redação: 22 anos. Segundo Ivan, os meninos trabalham muito, ganham pouco, mas estão sedimentando um jornalismo honesto no Nordeste. O tablóide tira 3 mil exemplares de 20 páginas por semana. A distribuição é própria.

PRISIONEIRO DE GUERRA A-6124 GOSTOU MAIS DA REALIDADE



ASSASSINATO NA REDAÇÃO: QUEM MATOU O REPÓRTER?

Aldeão, house organ da Rede Globo

Resposta: Armando Nogueira, diretor-responsável da Central Globo de Jornalismo (Jornal Nacional, Amanhã, Globo Repórter, Fantástico, Hoje, Globo Interior, Esporte Espetacular, Globo Pesquisa, Mundo em Guerra, Globinho, etc.)

Esses Filmes Nazistas Não Mostram o Que Vi Em Auschwitz

O Instituto Goethe, SP, apresentou na primeira quinzena de agosto, um seminário sobre filmes de propaganda nazista - sob a coordenação de Jean Claude Bernadet. Ex levou Alexander Ferner, 58 anos, judeu, para assistir alguns dos filmes.

O velho não parou de balançar os joelhos durante a projeção do filme "Batismo de Fogo", sobre os ataques aéreos nazistas à Polónia, em 1940. Nas cenas da queda de Varsóvia e dos 130 mil prisioneiros feitos pelos alemães, Alexander Ferner se levanta da cadeira:

-- Acho que já chega, não?

Peço para ele ficar mais alguns minutos, até começarem a debater o filme. Alexander concorda, os joelhos batendo. Na tela, cidades alemãs, os prédios esburacados de balas e - logo depois - os stukas e messerschmidts partindo para a Polónia, em represália.

-- Não é isto! conta Alexandre. - Foi a aviação de Hitler que bombardeou cidades alemãs para dizer que eram os poloneses e atacar!

Fala com raiva e se levanta:

-- Agora, vamos. Não quero mais ver estas porcarias.

Ao sairmos da sala de projeções, Marianné - a moça que auxiliou a realizar o seminário - nos chamou:

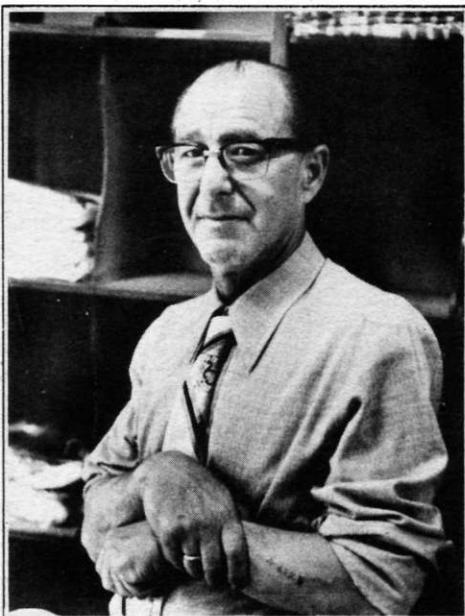
--Quero que fique bem claro que não estamos querendo fazer propaganda nazista. Entenda isto.

Alexander, duro:

--Eu sei, eu sei.

--Só queremos mostrar às pessoas como os nazistas faziam publicidade. O Bernadet deixou isso na cabeça de todos os que estão participando do seminário.

-- Veja aqui, moça - fala Alexander arreganhando a manga do paletó e mostrando a ela um número gravado no braço - eu conheço muito bem este tipo de coisa. Sei que vocês não querem fazer publicidade do nazismo. Então, por que não mostram filmes de campo de concentração? Por que ficam apenas mostrando filmes de publicidade nazista? Acho que se passar estes filmes na televisão, todos



vão pensar que eram bonzinhos e cotadinhos. Só se defendendo...

Vamos para uma sala do Instituto Goethe, fazer a entrevista. Alexander tremeu durante toda a conversa de 25 minutos e fumou 9 cigarros. Ele é um dos poucos judeus do comércio de roupas e armários de SP - rua Três Rios. José Paulino, da Graça - que fugiu de Auschwitz. Sua fala:

-- A perseguição começou, quando todo mundo sabe que começou, em 1933, com propaganda e doutrinações, sob a mão de Goebbels. Eu era muito pequeno nessa época e morava na Romênia, nasci lá, cidade de Mediasch - onde a maioria da população era de nazistas. A perseguição já existia quando Hitler subiu ao poder, em 33. Mas eu nunca tinha medo de nada e quem viesse me humilhar eu descia porrada, era brigar ou apanhar. Lógico, quem queria apanhar? Eu não. Fui embora para a Hungria em 1940.

Lá o povo não era tão anti-semita. A Hungria era aliada da Alemanha, mas lá não tinha perseguição de matar, matar, matar, compreende? E passei a viver clandestinamente, em Budapeste, trabalhava como tecelão e "sttromann", quer dizer, "homem de palha", o camarada que formava os trabalhadores, que fazia os negócios da empresa. Ninguém sabia que eu era judeu. Ganhei tanto dinheiro que acabei ficando sócio da fábrica.

Um dia, a polícia húngara deu uma batida no meu apartamento, fui preso e deportado para um campo de concentração de estrangeiros onde fiquei duas semanas e fugi. Eu e mais 2 amigos. O plano era a gente passar a guarda de segurança e depois sumir num bosque. E deu: corremos até acabar o fôlego. Quando o fôlego acabou, subimos numa árvore. A maior árvore. Ficamos lá em cima eu e meus 2 amigos e 15 ou 20 minutos depois, de baixo de nós, ficou coalhado de soldados que não nos viram. Ficaram procurando o dia inteiro, a noite inteira. Só na noite seguinte arriscamos descer de lá. Descemos e fomos caminhando para a cidade mais próxima. E daí fui parar em Budapeste. Eu ainda tinha algum dinheiro que havia recebido na fábrica e fui trabalhar com o negócio de fios. Ganhei mais dinheiro. Um dia, em março de 1944, deram uma batida num bar, me prenderam e levaram de volta para o mesmo campo.

Contratei um advogado para tirar de lá, legalmente. Eu estava com dinheiro e pensei: "com dinheiro, como em todo o lugar do mundo, resolvo este caso". Mas os soldados da guarda haviam sido trocados por outros de uniforme preto, mais duros que os outros. Foi quando os alemães resolveram ocupar a Hungria e não eram mais o húngaros que mandavam. Dia 11 de maio de 1944 nos colocaram naqueles vagões de transportar gado - 150 ou 200



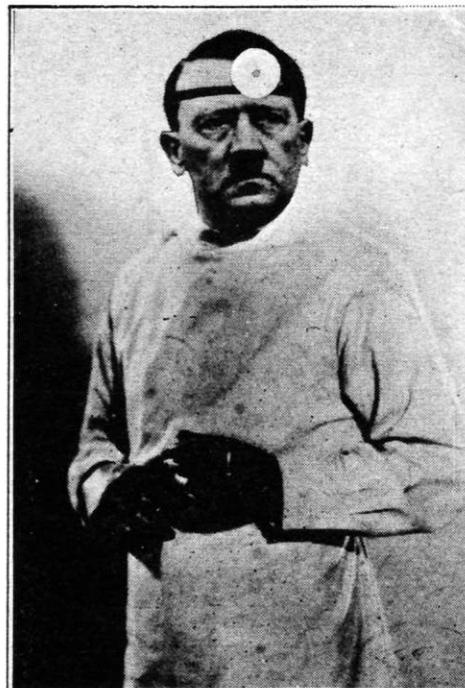
peças em cada um. Ficamos 12 dias dentro do vagão que estava nos levando para Auschwitz: comer não comíamos e as necessidades fisiológicas eram feitas ali mesmo, no vagão. Não tinha nem jeito da gente cair, porque todo mundo estava apertado, um encostado no outro. Muita gente estava morta quando chegamos a Auschwitz, mas lá morto era coisa normal, como uma pedra no meio da estrada. Era uma coisa que ninguém ligava, você estava conversando com uma pessoa, e ela dizia murmurando: "Que inferno! Que inferno! Será que não acaba?". E duas horas depois estava morta. Ao chegarmos em Auschwitz, o famoso Mengele - até hoje dizem que ele está no Brasil, Paraguai, Uruguai, quem sabe? - selecionava os "fracos" que iam para a câmara de gás: velhos, mulheres e crianças. Matavam e cremavam.

Nestes tempos, foram mortas 2 ou 3 milhões de pessoas. Eu era jovem "forte" e junto com outros, fui levado para um galpão grande, tiraram nossa roupa, cortaram nosso cabelo, perguntaram qual era a nossa profissão. Eu me apresentei como engenheiro. Daí nos levaram para outro lugar onde fomos numerados. Recebi este número aqui: A-6124. Daí em diante, não nos chamavam pelo nome, só pelo número.

Eu trabalhava onde ficavam os crematórios, a 7 quilômetros do campo; a fumaça subia alto com o cheiro da carne queimada. Nos primeiros dias, eu vomitava toda aquela água que eles chamavam de sopa.

O banho era coletivo. Todos tiravam a roupa no barracão onde dormíamos, saíamos todos nus para o outro barracão onde tomávamos um banho quente e voltávamos nus pelo vento frio, para dormir. Quem aguentava, aguentava. Quem não aguentava, morria. Em janeiro de 1945, os russos começaram a se aproximar de Auschwitz e começaram a evacuar o campo mais para dentro do território alemão. As evacuações eram feitas todo mundo caminhando em fileiras na estrada e foi quando eu aproveitei para tentar uma fuga. Eram fileiras e fileiras de gente agonizando, morrendo pelo caminho, que nenhum filme jamais vai apresentar. Acho que não vai passar um filme destes, vai? Até que fomos para um campo que se chamava Buchenwald e fui para os trabalhos forçados. As vezes, de manhã, eu abria a porta do barracão onde dormíamos e tinha pilhas e pilhas de gente morta - assim como quando você abre a porta de um depósito de batatas e vê toneladas de batatas empilhadas. Milhares de cadáveres que naquele dia iriam para o crematório.

Era quase o fim da guerra, em 1945. Foram 11 meses de prisão. Quando escapei de lá, pesava apenas 36 quilos. Quando entrei, estava com 65. Então, eu era pele e osso, mal podia caminhar. Foi quando percebemos que alguma coisa estava mudando. Eu prestava muita atenção nas pessoas que trabalhavam na cozinha, eram mais gordos, certamente porque trabalhavam com a comida. Uma tarde, parei para observar aqueles felizardos, pela porta da cozinha. De repente, saíram correndo. Eu pensei: "Se eles estão correndo para aquele lado é porque deve ser coisa boa". E resolvi sair correndo atrás



dele e vi que tinham rebentado uma parte da cerca eletrificada, saiam diretamente para um matagal. Fugi, fugi e fugi e de repente me vi num bosque, sozinho. Andei, andei, andei, até chegar numa estrada. Cheguei numa estrada, não conseguia mais andar e pensei: "Bom, vou sentar aqui aconteça o que acontecer". Me sentei e escutei o som de motores dos tanques, rummmm, rummmm, rummm. Pensei: "Se forem os aliados, estou salvo. Se forem os nazistas, o primeiro me dá um tiro e acabou". E por minha sorte, eram tanques americanos. De cada tanque, jogavam uma latinha de "breakfast". Por fim, estava com tanta comida na minha frente que fui abrindo as latinhas na minha frente e comendo, abrindo e comendo. Depois vieram as ambulâncias. Me levaram para o hospital da SS - ocupado por americanos - e me fizeram uma lavagem no estômago. Mais gente morreu porque comeu a comida pesada e o estômago estava ressecado.

Após tudo que tinha passado na Europa, queria emigrar, não queria mais ver os lugares onde tanto sofrimento tinha se passado. E vim para o Brasil.

GAVETA LITERÁRIA

O Maior Menor Conto Que o Ex Já Recebeu

Frágil como um amendoim quando se vê sem casca e uma língua molhada começa a conduzi-lo por caminhos desconhecidos. Assim ela andava naquela tarde.

Os passos eram pequenos e rápidos.

Alguma coisa molhada lhe roçou a nuca e ela foi engolida.

José Eduardo Mendonça

comicus

EXPOSIÇÃO ABERTA À VISITAÇÃO DE BRASILEIROS:

Você é grande mas não é Povo.



Jota, Angeli, Mendes, Jayme Leão, Airton, Marcon, Luiz Gê, Massao, Vicente e Chico. A intenção destes 10 piadistas é mostrar trabalho, em primeiro lugar. São todos jovens: Jota, que editou as piadas, tem 16 anos; Angeli, 19; Massao, 25. E são deles 3 estas palavras:

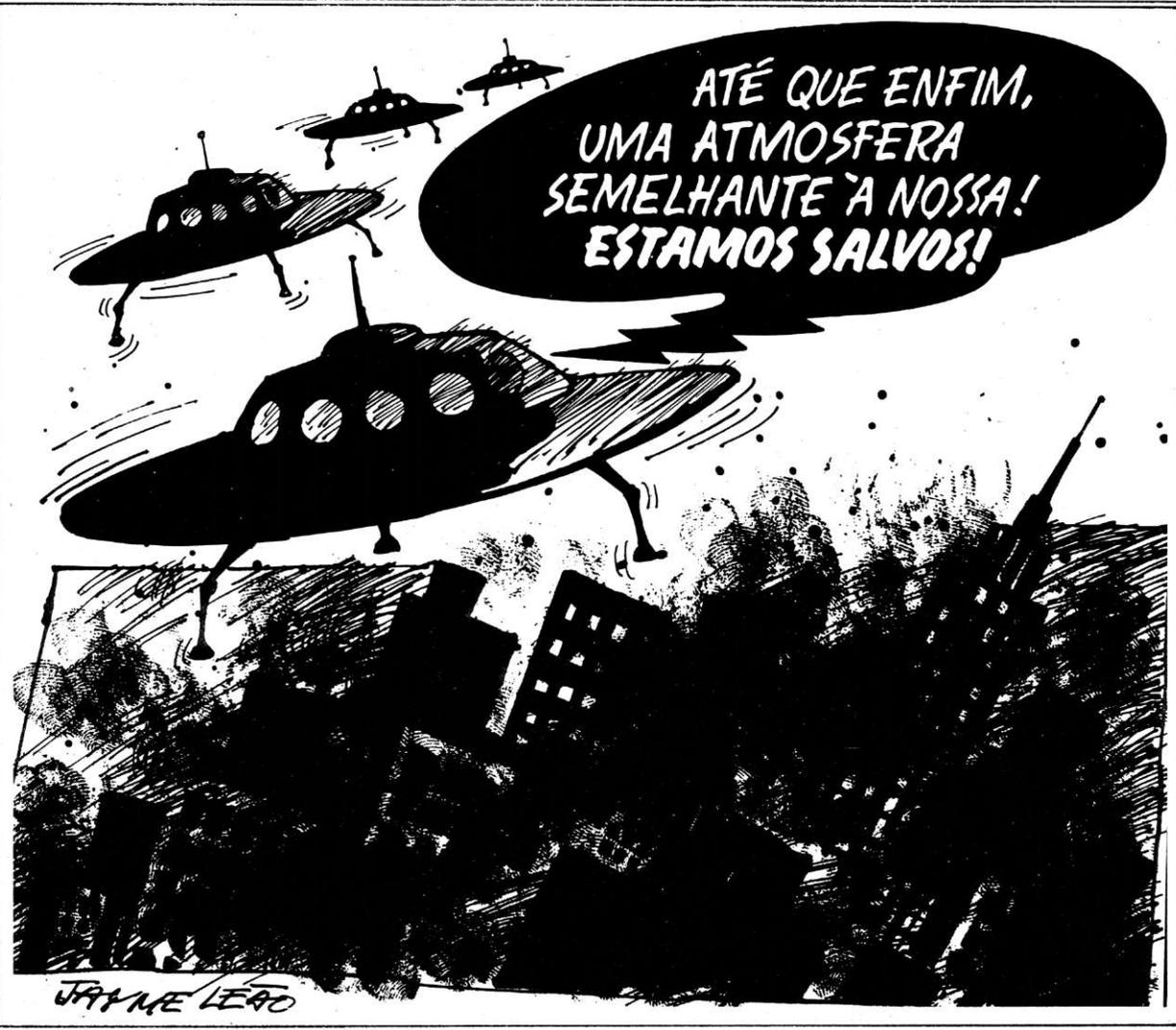
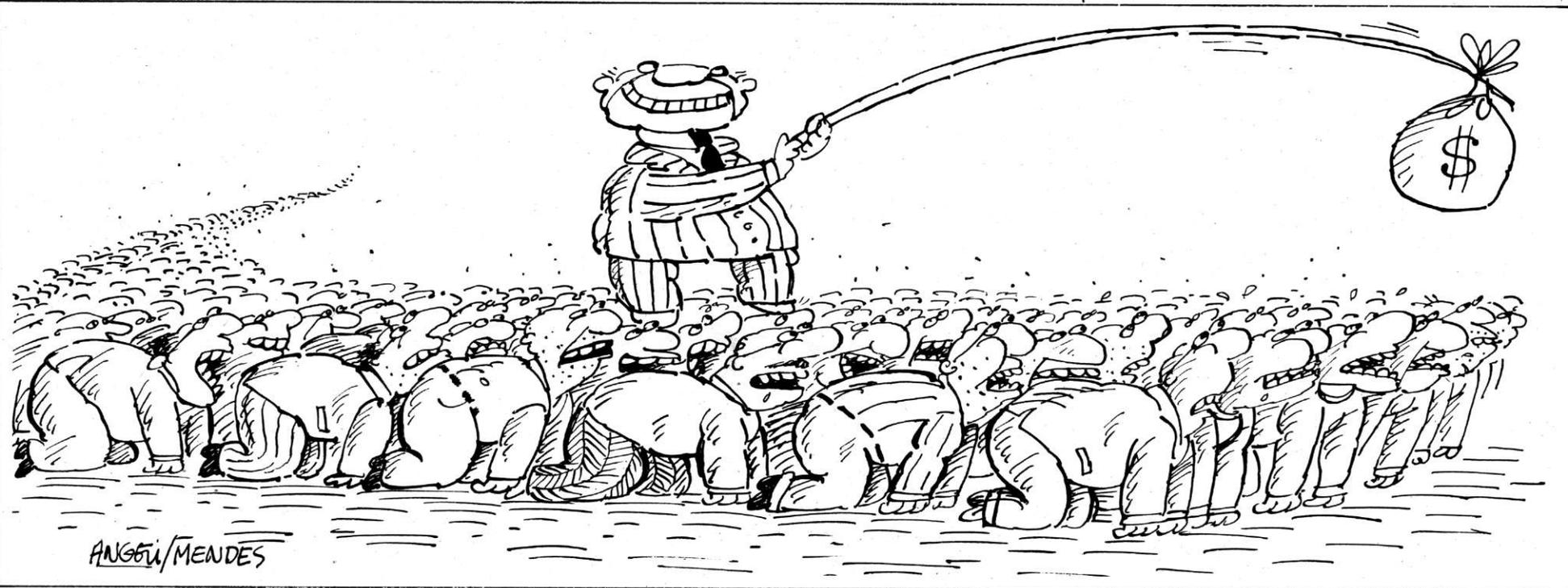
“Não temos chance na grande imprensa. Esta é a primeira que temos, em conjunto. Surgem muitas revistas novas, onde os piadistas podiam mostrar seus trabalhos; mas para mostrar, eles precisam virar cartunistas, desenhar mulher pelada na cama. Eles te dão chance se você desenhar um humor água com açúcar, pra pendurar em banheiro de executivo. Os cartunistas estão fazendo desenho pelo desenho, desenho bonito que não diz coisa nenhuma. Estão olhando prá Europa, de costas para o Brasil.

“Nós queremos nos dirigir ao brasileiro em primeiro lugar. É difícil porque de cer-

to modo os grandões viciam a gente. A função do piadista é tirar o pano de cima da verdade, com humor.

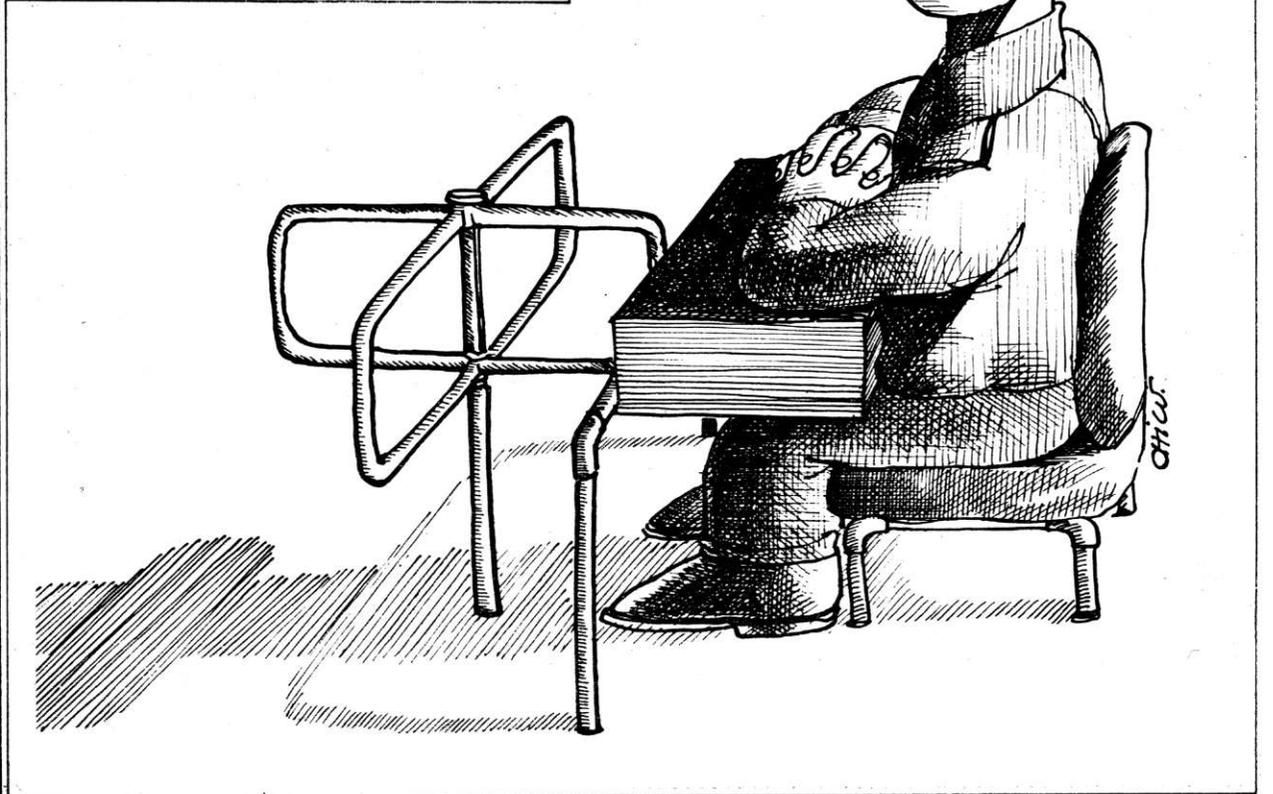
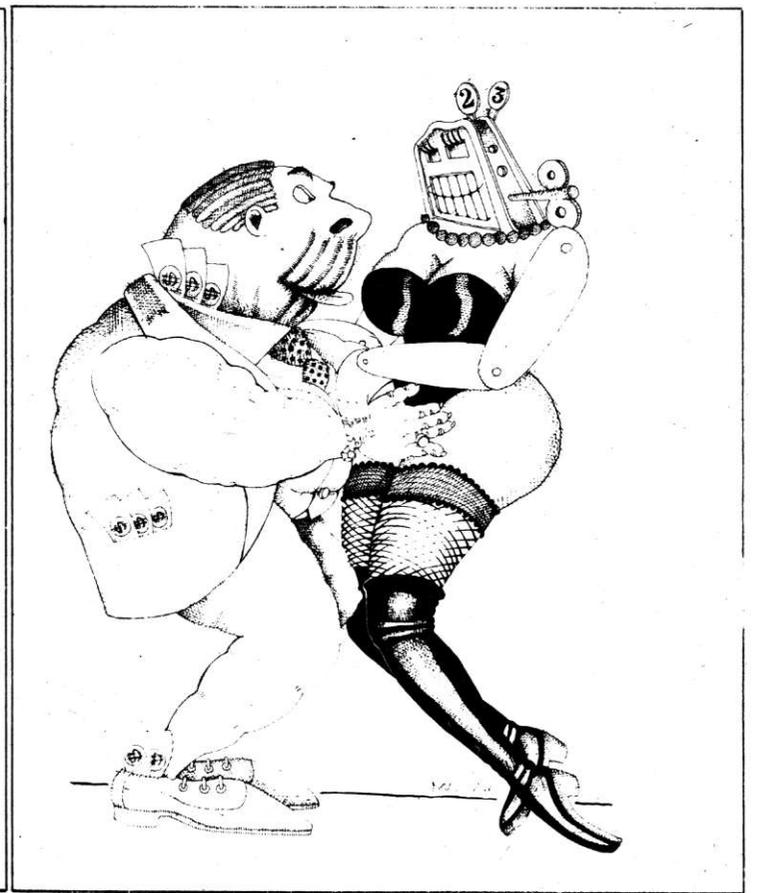
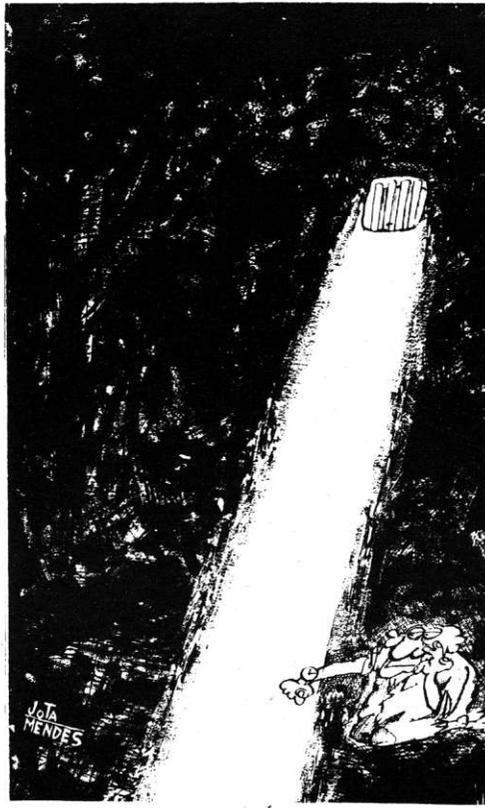
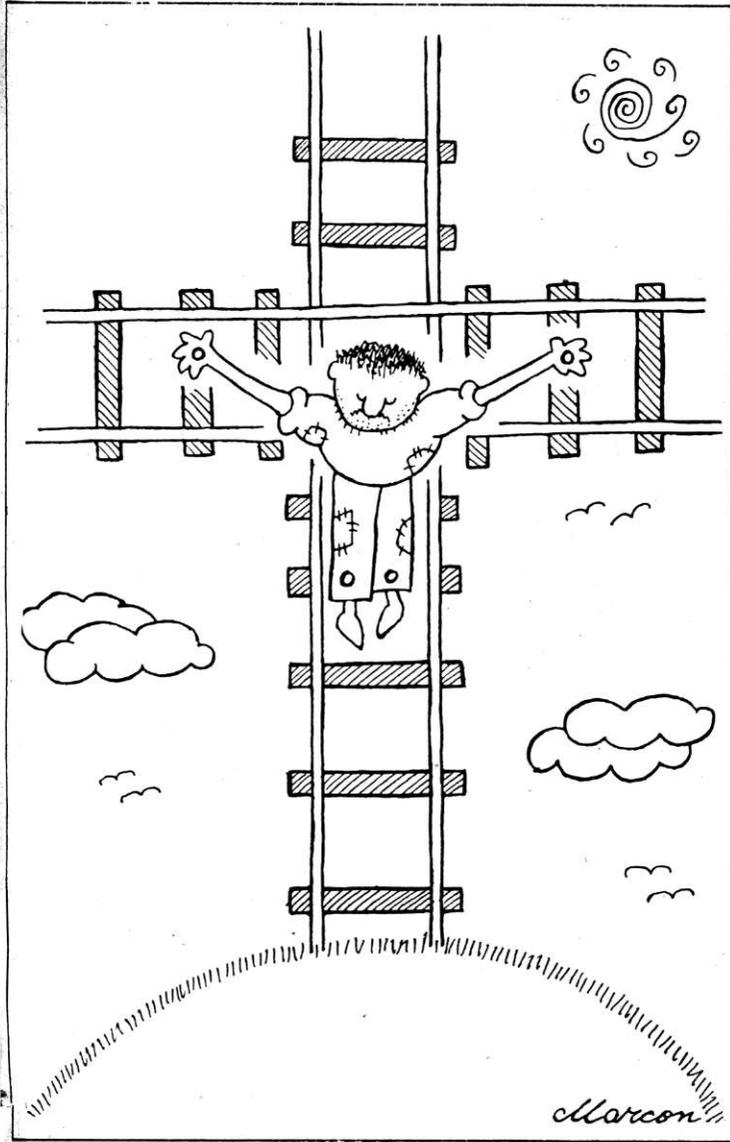
“O desenho tem que acompanhar...estar no nível da idéia. Que idéia? Uma idéia voltada para o Brasil. Ninguém mais faz piada pra salão de barbeiro. O Carlos Estevão fazia piadas muito antes de ser inventado o termo cartum (do inglês cartoon). Mataram ou estão matando A Manha do Barão de Itararé, O Malho, Carlos Estevão, o próprio Millor do Pif-Paf, o Péricles — em oficina mecânica a gente sempre via um Amigo da Onça pregado na parede, um personagem brasileiro.

“Eles acabam com todo cara novo que aparece; daqui a 20 anos como é que vai ficar? Vai estar todo mundo fazendo traço com régua e caneta osford zero-um. É importante que apareçam mais publicações como o Balão, o Bicho. Só pra terminar: vamos parar com essas réguas aí?”

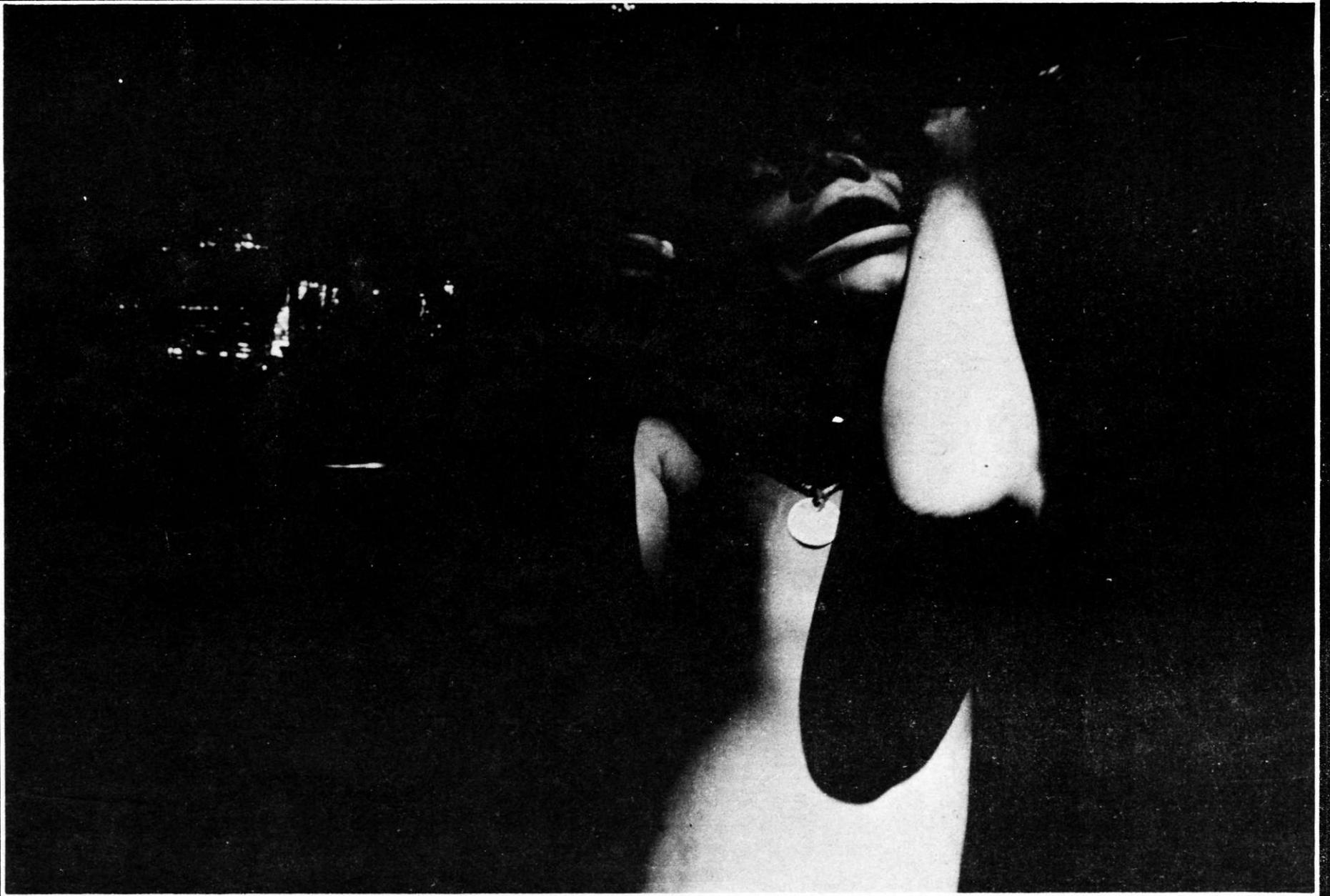


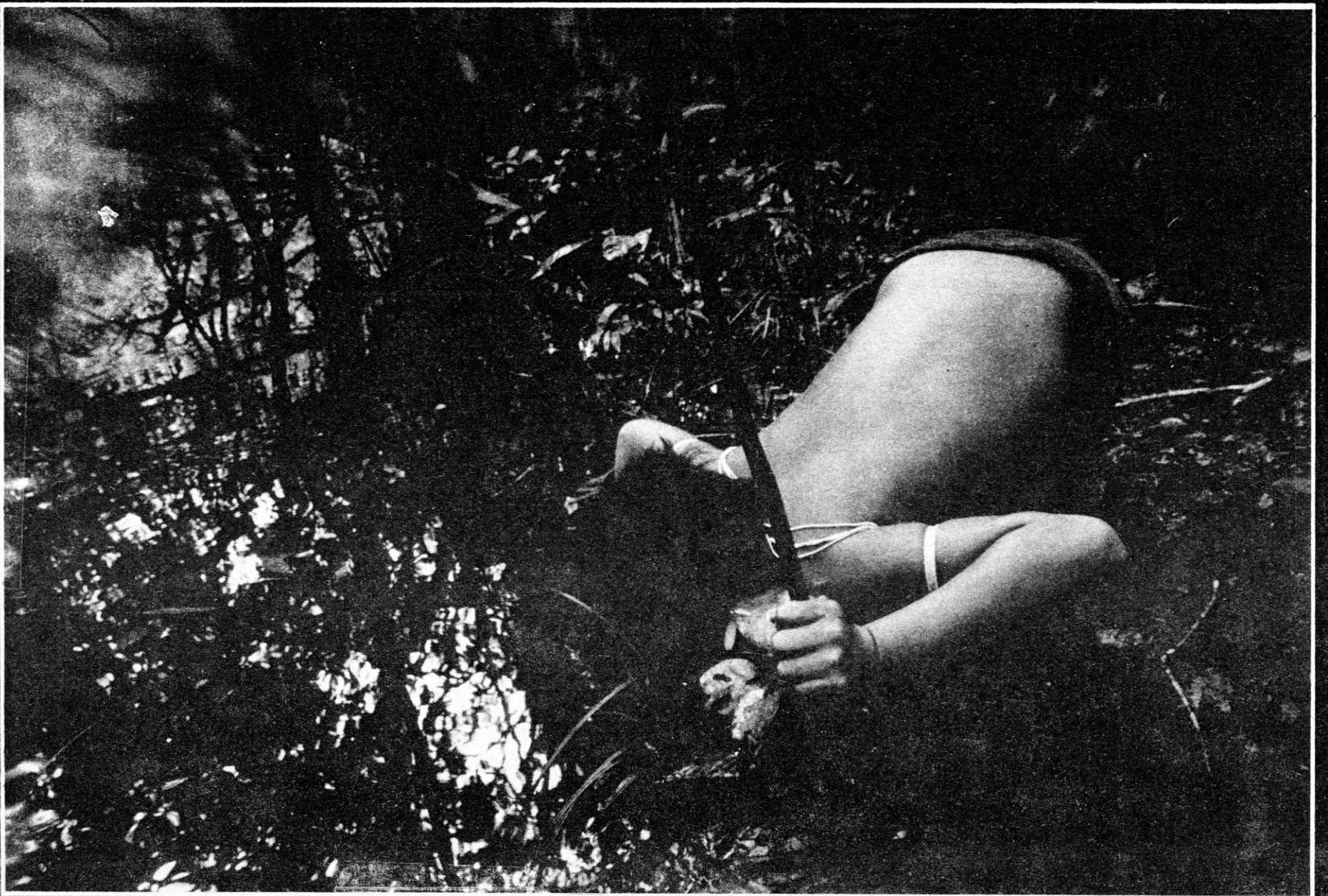
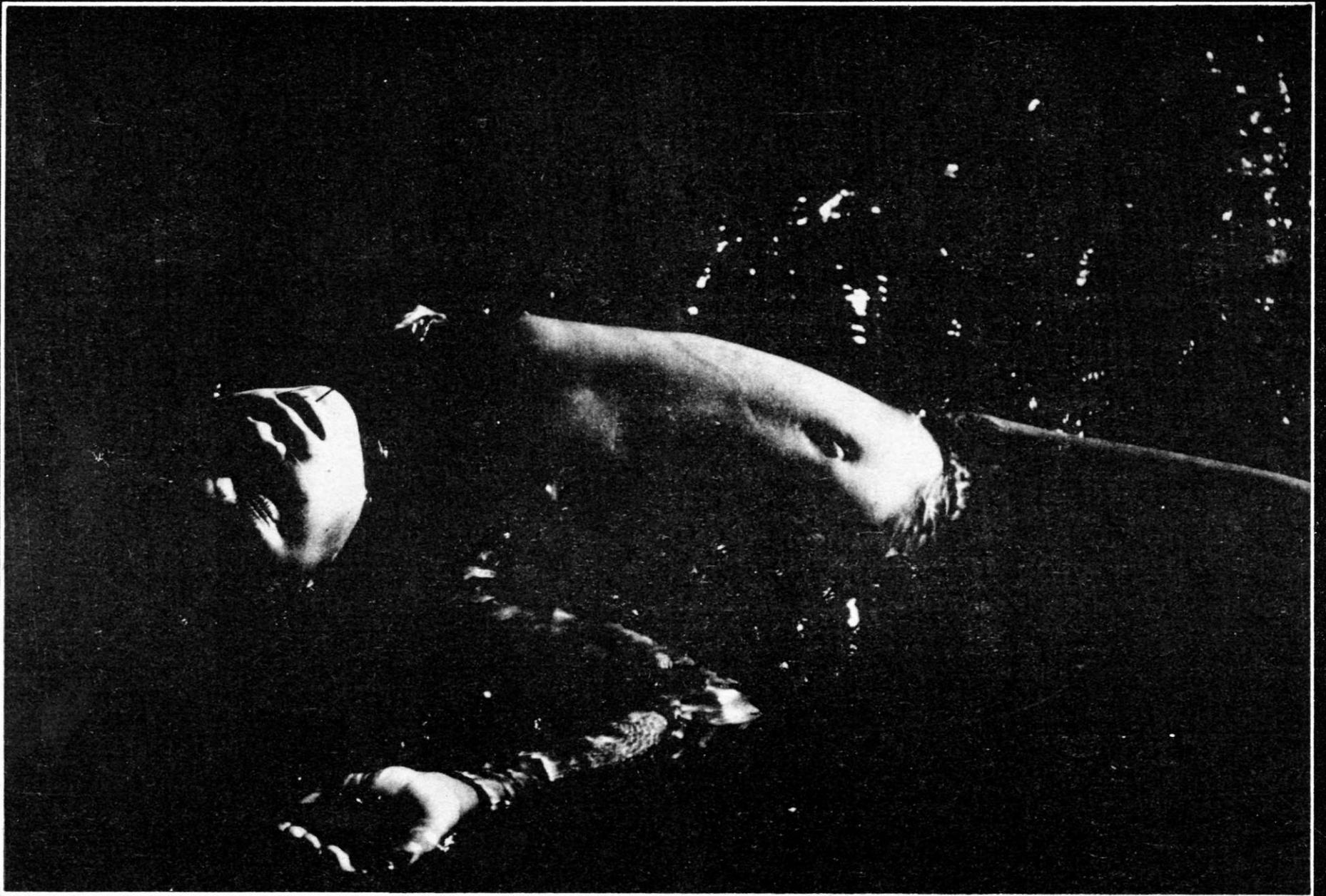
comicus

10 PIADAS PARA COLAR EM PAREDE DE OFICINA MECÂNICA.









Relação: Homem Pra Homem

Claudia Andujar tinha 7 anos em 1944, na Hungria, quando seu pai foi deportado e assassinado num campo de concentração nazista. Esse acontecimento marcou-lhe a vida. Morou 6 anos nos Estados Unidos, em 1958 chegou ao Brasil. Atualmente, Claudia faz entrevistas com fotógrafos na TV Cultura, SP; e organiza o acervo fotográfico do Museu de Arte de São Paulo, além de orientar dois cursos: para principiantes e para avançados. O texto e as fotos são de seu trabalho mais recente, em Roraima, com os índios Yanomami.

Ex— Quando você começou a fotografar tinha algum objetivo?

Claudia — Sim. Quase posso dizer que aprendi fotografia para fotografar índio. Pouco tempo depois de ter chegado no Brasil comecei a viajar, sozinha. Me liguei ao homem e à terra. Era uma busca tanto de mim mesma como de entender, vamos dizer, a vida. Então de certa maneira minha fotografia cresceu junto com esse interesse, envolvimento e afinidade que senti pelo índio. Nunca foi uma curiosidade como acho que muitas pessoas têm por lugares exóticos. Nunca foi isso. Desde o começo para mim foi uma relação de homem para homem. Mas eu na sociedade muito diferente, com valores muito diferentes: uma pessoa que veio da Europa, foi nos Estados Unidos, veio aqui. Entender, vamos dizer, os índios, talvez até hoje não entendo. Até a mim mesma não entendo muito bem! Como é que posso pretender que entendo eles? É de certa maneira um amor... não sei bem explicar o que me liga a eles. Gasto bastante tempo para entender antes de fotografar, porque para mim a fotografia hoje é uma síntese. Quando hoje fotografo, como nesse último trabalho que levou 3 anos num lugar só lá em Roraima, com os Yanomami, talvez fiquei observando e pensando tanto quanto fotografando. Quando fotografei já sabia o que quis dizer. Isso por um certo conhecimento que levou bastante tempo e pesquisa. Estive 4 vezes com os índios Yanomami. A primeira vez foi muito curta, só para ver se era o lugar onde eu podia fazer o trabalho que quis. Estava procurando um grupo de pessoas com muito pouca aculturação, quase puros. Esse era um dos trabalhos que fiz com a bolsa que ganhei da Fundação Guggenheim (EUA), faz 3 anos.

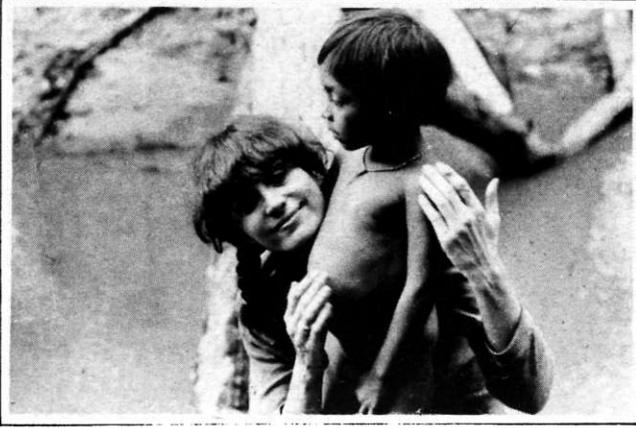
Ex—Antes de ganhar a bolsa você era financiada pelas revistas para fotografar índios?

Claudia — Não. Nunca para fotografar índios. Inclusive a primeira vez fui procurar O Cruzeiro, em 1959, depois de ter ido duas vezes na ilha do Bananal, nos índios Carajá. Eu estava séria comigo mesma mas ainda não tinha ligação profissional com ninguém. Queria ouvir a opinião deles. Me mandaram embora. Inclusive acho ótimo publicar isso: porque me mandaram por que eu era mulher. O redator, me lembro muito bem, falou para mim: "Você acha que foi você que descobriu os índios? Era Jorge Ferreira. Nunca vou esquecer. "Mulher aqui não tem lugar, mulher não pode ser fotógrafa". Tá bom. Tchau. Foi meu primeiro contato com esse mundo vamos dizer profissional. Então desisti de fazer qualquer contato no Brasil. Depois o redator-chefe do Life em espanhol viu minhas fotos e deu 12 páginas. Foi meu segundo contato profissional. Isso me deu um pouco de volta vamos dizer minha dignidade. Fui aos Estados Unidos, também sem conhecer ninguém. Deixei o trabalho no Museu de Arte Moderna de Nova York. Na época o diretor do departamento de fotografia era Edward Steichen. Entre outras coisas grandes, ele fez uma exposição maravilhosa: A Família do Homem. Ele que viu minhas fotos e adquiriu duas para o museu. Não o conheci pessoalmente. Só recebi um comentário por escrito de que eu tinha um olho muito perceptivo.

Ex — Quando você começou na imprensa brasileira?

Claudia — Em 1968, com a Realidade. O Roberto Civita (um dos diretores da Editora Abril) soube das publicações que eu tinha feito fora — várias reportagens para Life, meu primeiro trabalho colorido para Look (8 páginas e a capa). Fiz trabalhos mensalmente para eles. Nunca fui empregada da Abril. A última publicação foi a Amazônia. Mesmo dessa vez a revista não me mandou fotografar índios — e o assunto era Amazônia. Aí telegrafei de Manaus para o Raimundo Pereira — que me chamou para esse trabalho quando eu já estava no Bondinho. "Raimundo, tenho chance de subir o rio Negro, fotografar índios"...ele respondeu que podia. E eu fui. Deram 3 páginas duplas e capa. Todo esse tempo na Realidade e no Bondinho voltei periodicamente nos índios. Fui várias vezes no Mato Grosso entre os Bororos. Lá fiz um ensaio sobre mulheres. Também um trabalho muito pessoal. No Brasil ninguém publicou. Dois museus norte americanos compraram várias fotos dessas. Mas quando mostrei na Realidade, não interessava. Porque índio é uma coisa que não quiseram tocar. Eles estavam de acordo de publicar na época as reportagens que o Luigi Mamprim fazia com os Villas-Boas, como eles penetravam no mato, as dificuldades que passam para pacificar. Eu não estava interessada nisso. Eu quis mostrar sempre essa relação homem a homem.

Alex Solnik



Era de manhã e sabia que de tarde viriam me buscar para me levar de jipe na cidadezinha de Caracará. Primeira viagem por terra de volta ao outro mundo, o mundo tecnológico e compromissos diferentes. O mundo no qual nasci e cresci; onde aprendi que para ser respeitada tinha que me impor como pessoa sorridente, com a cabeça limpa, otimista.

Não me despedi formalmente porque não existe "até logo" entre os Índios; e se existisse, também não iria me despedir de qualquer jeito. Se despedir implica um fim; mas a vida é uma continuação eterna das coisas que se ligam, desligam e ligam de novo. As vezes de jeitos diferentes. Tem mil maneiras de se separar e se juntar: é um processo molecular. As formas são infinitas, as combinações inúmeras, mas essencialmente sempre tudo continua; é o processo da vida. O mistério da existência. Vida, onde a morte é só um processo complementar, uma outra forma de continuar. Um processo de transfigurações de momentos em fluxo.

Embrulhei minha rede, saco para dormir, máquina fotográfica, canequinha, remédio para malária, calça blue-jean, camisetas. Estava tudo pronto para deixar os meses de trabalho entre a família extensa do mundo Yanomami. Os Yanomamis que até pouco pensavam ser o único povo do mundo. Eles a "gente" e o resto, os "napê", os que não são Yanomami. A última coisa que fiz, como tinha feito tantas vezes, foi de dar remédio a um doente. Mil novecentos e setenta e quatro, o ano em que tiveram onze gripes e o sarampo, trazido pelos peões da construção da estrada (Manaus - Caracará - Venezuela), e malária que não acaba mais.

E o jipe chegou. Havia três ou quatro Índios olhando com curiosidade minha parafernália. Ia embora. Falei pouco, era emocionada. Lá, estava em casa. Me sentia bem, era como se sempre tivesse estado lá, integrada. Esse pequeno mundo na imensidão do mato Amazônico era meu lugar e sempre será. Estou ligada ao Índio, à terra, à luta primária. Tudo isso me comove profundamente. Tudo parece essencial. E talvez nem entendo tudo, e não pretendo entender. Nem preciso, basta amar. Talvez sempre procurei a resposta à razão da vida nessa essencialidade. E fui levada para lá, na mata Amazônica, por isso. Foi instintivo. A procura de me encontrar.

Me acho nas longas caminhadas pelo mato. Fiz várias. Me lembro do suor pingando do nariz, queimando os olhos. Caminhamos horas. Homem, mulher, criança, criança recém-nascida, nas costas da mãe, o macaco da noite agarrado no cabelo da Índia, as redes, as panelas, o essencial, tudo caminhava. O homem na frente com arco e flecha para defender a mulher e a criança, ou pronto para qualquer caça. Seguindo a trilha, um caminho estreito, coberto de um tapete de folhas. Igarapés, paus caídos, mil dificuldades, um mato virgem. O mato que para o Índio é como uma cidade para nós. Ele conhece cada cruzamento, supera-os como nós atravessamos as ruas.

Eu me senti cansada, de horas de caminho. E o mato todo, monótono, não enxergava mais. E nós ainda estávamos andando. De repente me desliguei. Sei que estava caminhando, seguindo o outro, colocando um pé em frente do outro, e meus pensamentos foram longe. Me vi criança na Europa. Uma Europa na guerra, uma criança que tenta desesperadamente se ligar a alguém. Amar e ser amada, compreendida, era o desejo da minha infância. E não consegui. Fui para Nova York e procurei a mesma coisa, ainda criança. Gostava de passar horas no campo, nos parques, no cemitério com árvores, porque eram lugares quietos e solitários. Passava horas em igrejas vazias conversando sozinha. Me senti só na grande metrópole.

Mas ainda estava andando no mato Amazônico com os Índios, uma marcha que virou automática. E senti que a vida estava tomando conta de mim. Era uma caminhada que limpava. Limpava tudo que era dentro de mim. O calor, o suor, a fadiga, o ruído surdo dos passos.

Me senti integrada com migo, com o mato, não importava onde ia, quantas horas caminhava. Sabia que me tinha encontrado. Me encontrei no senso de ter encontrado o essencial. São momentos raros que a gente sente às vezes, que resumem tudo. E a gente se sente integral. Dura pouco, são momentos só. E me lembro que suava tanto nesta caminhada, que era toda molhada. A sede me apertou. Quis parar e beber, mas não podia porque era apenas uma entre outros acostumados a andar como se anda numa grande avenida. E se parasse e ficasse para trás, o mato iria me engolir. Então andava e me perdia nos pensamentos. Essa minha primeira viagem no mato durou uns cinco dias. Os Índios foram caçar e pes car. O destino geográfico da viagem me era desconhecido, só sabia que era uma procura de comida e queria entender o que significava isso. Tinha dias em que andávamos horas, outro pouco. O que me levou era o desejo de entender essa busca pelo alimento tão essencial nessa sociedade. Cada tarde, nós limpávamos o mato para acomodar para a noite. Pendurávamos as redes entre as árvores, cobrindo-as com um teto de folhas de sororoca (banana selvagem). A noite chegava cedo. No mato onde o sol penetra pouco, a obscuridão da noite é total. Pelas sete horas todos estavam na rede e só se enxergavam as luzes das fogueiras e dos vagalumes. Deitada escutava as risadas, as conversas dos Índios e os barulhos do mato. Porque o mato raramente é silencioso. Dormia e acordava. O Índio de vez em quando levantava para alimentar o fogo. As noites eram compridas, os barulhos misteriosos. As vezes me dava medo e ficava escutando o barulho dos passos de bichos ou um pássaro noturno a cantar. As vezes ouvia um jato bem longe em cima do mato passar e pensava no passageiro, rota Nova York-Rio-São Paulo, tomando seu último whisky que a aeromoça servia. Me sentia entre dois mundos, um bem longe em tempos e mentalidade e um outro perto que queria pegar entre as mãos e entender.

Na época não me importava não entender a língua dos Yanomami. Nós nos entendíamos com gestos e mímica. As respostas encontrava no olhar. Não sentia a falta de troca de palavras. Queria observar absorver para recriar em forma de imagens o que sentia. Talvez o diálogo iria até interferir. Só mais tarde, quando acabei de fotografar, eu procurei a comunicação verbal. Fotografar é processo de descobrir o outro e através do outro si mesmo. No fundo por isso o fotógrafo busca e descobre novos mundos, mas acaba sempre mostrando o que tem dentro de si. Minha busca da interligação homem-terra estava dentro de mim antes de ter ido na Amazônia e as caminhadas no mato só serviam como catalisadores para reforçar o que estava fundamentalmente lá.

O medo da morte me perseguiu muitos anos. É um pensamento que trouxe da infância; sem dúvida sentimento de culpa. Durante a guerra, meu mundo foi arrasado de um dia para o outro. Fiquei viva enquanto os outros morreram. Morreram meu pai, morreu minha avó, minhas amiguinhas e um amiguinho que me emocionou e me acordou dos sonhos da infância.

Os anos passaram. Era madrugada; exausta de dores, apoiei a nuca no travesseiro com gelo na testa. Me senti deslizar no limbo. Estava passando muito mal, com a malária. Descobri que a dor era mais terrível que a morte. Meu único desejo era que a dor parasse. E um dia parou; perdi o medo da morte. As folhas podres no solo da floresta, as caminhadas no mato fechado, o encontro com migo nos momentos raros que a vida me propôs num momento de entrega, é o que está com migo, está no meu trabalho. Trabalho que pode se resumir na fotografia, no tratar de um doente, na comunicação, em mil coisas, todas interligadas, porque sou sempre a mesma pessoa com a mesma procura.

O jipe chegou, me levou. Durante a viagem para Caracará me acalmei, sabia que o que tinha feito era certo. Certo para os demais que deixei para trás e certo para mim.

Por Claudia Andujar

TRABALHADOR

Memórias, Histórias: o Dr. Getúlio Vargas No Beco Da Onça (Hoje Agua Branca, S)

—Trabalhadores do Brasil!

Pé no chão, verminose, nariz moncoso, barriga de fora, cabeça despenteada, fome na cara, a meninada negra passava o dia na rua de terra, mexendo com carrinho de rolemã, papagaio, bola de vidro, balão, segundo a temporada. Uma vez chegou um carro das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo para a entrega do açúcar vendido em pacotes de meia arroba, pacotes azuis de faixa vermelha, 7 quilos e meio. Os homens taludos do caminhão metiam uns 4 daqueles nas costas e iam rápidos, bíceps enormes, cinturas finas, canelas finas, do caminhão à pilha de pacotes no chão da vendola de meu pai. Quando um pacote no ombro do homem sofreu um furo, o açúcar correu do caminhão à pilha, fino, fininho, pintando um rastro branco na terra da rua. A molecada faminta meteu a língua naquilo, barriga de fora, nariz ranhento. Esta cena, este aqui nunca pode esquecer e meu pai passou a dá-la como porrada viva quando eu torcia o nariz e não queria comer.

—Trabalhadores do Brasil!

O Beco da Onça era getulista, negro, negróide, mestiço, cafuso, mameluco, migrante, pobre, operário, corintiano roxo e paulista da gema, gente que só comia carne de galinha aos domingos, que andava de tamancos quando estava em casa para não gastar sapatos, que mandava botar meia-sola nos sapatos, para quem ir ao cinema era um acontecimento, que pagava os aluguéis com dificuldades e temia perder os empregos, que ia uma vez cada 6 meses tomar banho de mar na Praia do Gonzaga, em Santos, nos trens da Santos-Jundiaí, mas que acompanhava o Corinthians em qualquer viagem que o clube fizesse. Tudo getulista.

—Trabalhadores do Brasil!

42, 43 e 44. O que me sobra vivo desse tempo fica nas viagens ao Mercado Municipal a apanhar mercadorias nas beiradas do Tamanduateí, a correria atrás do balcão enlitrando óleo de cozinha, ensacando carvão ajudando meu pai. Havia o jogo de trilha à noite com os homens da sacaria, o Corinthians, o Palmeiras, o goleiro Oberdan, o goleiro Rato, o Rio Aimeré, os caminhões pesados de areia, água pingando da carroceria, atrás do campo do Palmeiras. Havia o murro da vida e o crioulo do Beco da Onça ou Navio Negreiro, conforme meu pai batisou, a Rua Caióvas, número 59, o black-out fascinante, o Teatro Santana, os seriados do cinema Avenida, na São João, o Edifício Martinelli, o cachorro quente, o cine Alhambra e a voz de Getúlio Vargas:

—Trabalhadores do Brasil!

O il saía muito sulista, demorado, a língua do velhinho demorando no céu da boca. Velhinho, nada. Moço e de testa larga. O homem pertencia ao quadro de honra das famílias, das paredes dos botequins, dos barbeiros, das folhinhas. Em tudo: na fala do meu pai, um transmontano chegado ao Brasil - uma mão na frente, outra atrás - com 30 e poucos dias de idade e, logo, mais brasileiro que eu. Getúlio estava até no dinheiro, gravado nas moedinhas amareladas. Saltava nas conversas dos operários, carregadores profissionais, homens do frigorífico, da estrada de ferro, do cortume do Largo da Pompéia, da Vidraria Santa Marina, das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. O argumento era bem assim: Getúlio fizera as leis das férias, da indenização e alguns diziam que já não trabalhavam como escravos. Ferviam ainda o fanatismo, o fascínio, o talento político do homem, o sorriso do velhinho fazia a gente trabalhar. Nem era um velhinho, aí está. Moço, testa larga, baixote, barrigudinho, fotografias não o traziam de óculos e era vistosamente simpático. Remexia as emoções:

—Trabalhadores do Brasil!

Um dia, veio a São Paulo. A crioulada do Beco da Onça, os negros eram maioria - se arrumou e foi ver. Havia, onde é hoje a Sears, defronte às Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, um pavilhão, a Feira das Nações Unidas. A gente se aprontou, era ali pertinho, fomos aprumados em

roupas limpas e em grupo ver Getúlio Vargas. Meu pai, atolado de trabalho na vendinha da Rua Caióvas número 59. Não ia. Aquilo nos valeu como um esparramado desprendimento. Como poderia alguém perder a oportunidade de ver Getúlio?

—Eu vejo ele na moedinha.

Getúlio nas moedas menores. A negativa de meu pai marcou para todos um alto sinal de renúncia. Como podia alguém dispensar tal oportunidade? Meu pai é que era homem. Boquejou-se essa qualidade digna por todo o Beco da Onça. Por uma semana.

A força do velhinho, nunca vista; e depois, jamais repetida. Muitos anos me encabulou o fascínio do homem que apareceu entre duas bandeiras brasileiras, de pé em carro aberto, sorrindo e estirando os braços para o alto no portão de entrada da Feira das Nações Unidas. Agua Branca, São Paulo, Capital. No atopetado de gentes, de cavallinho nos ombros de um tio meu, vi Getúlio.

Seria papo para uma semana. Houvesse o que houvesse com Getúlio era um referencial para a gente, corria com a agilidade dos rastilhos de pólvora, virava boato apetitoso e, de comum, estrondoso. Engraçado. Mesmo a meninada sentia que o poder de decisão estava nas mãos dele.

—A lei. Ora, a lei.

Até esta posição ditatorial acabava soando simpática no meio do povo do Beco da Onça, da Vila Pompéia, das beiradas da estrada de ferro, para os lados da Barra Funda e também em Presidente Altino e Osasco. O mundo era esse. E nele, com toda a força, a sensação que Getúlio transmitia era de proteção. Um pai dos pobres.

—A lei. Ora, a lei.

A gente sabia que não fora ele quem nos dera o black-out. Mas seria provavelmente o homem que nos ia livrar dele. Assim, quando os pracinhas foram convocados para a guerra, imaginávamos o fim do black-out e nunca o inferno da soldadesca na Itália.

Protetor, moralizador, pai dos humildes. Então, boataavam exemplos. Um governo que governa sem nunca ter saído do País, nunca ter saído do País. Nunca fez uma só viagem ao exterior; um homem que pensa primeiro nos trabalhadores; um pai exemplar que corrige excessos. No massacre do cine Alhambra — o incêndio era só na tela — morreram 30 meninos pisados na correria do povo apavorado com a sensação de incêndio do cinema. Getúlio legislou: veio a proibição para menores de 18 anos. Firme.

Ainda não era tempo do transistor, mas todos ouviamos rádio. A noite, A Voz do Brasil era uma obrigação para se ficar sabendo das coisas; a possibilidade de se sofrer fome, presente em todas as noites de black-out; o dinheiro curto, contado e recontado; havia bondes; os discursos de Hitler e Mussolini (gritados, de meter medo) eram apanhados clandestinamente, não se sabe como. Sentiamos temores assustados, escorregadios, pontudos. Mais do que tudo, um pé atrás com os italianos, os alemães e os japoneses, a quem chamávamos sonsos. Fora do rádio, as caricaturas de Belmonte na "A Gazeta", a presença de "O Cruzeiro" (mais na última página). No tempo da guerra, o povo do Beco da Onça vivia informado ou tentando. Esses movimentos e esses rumores alertavam meu avô Virgínio que meneava a cabeça, com exemplaridade:

—No meu tempo de menino, garoto nenhum nem mesmo sabia quem era o Presidente da República.

Getúlio deposto, eleições a vista, só se falava. Dutra seria bom, Getúlio dizia que ele era. O velhinho, uma lenda acima de quaisquer suspeitas. Eduardo Gomes e Ademar, dois gostosões, faziam sucesso na ala feminina. Getúlio era geral. Só ele tinha a chave:

—Trabalhadores do Brasil!

Os boatos repetiam uma vida limpa, sofrida, de vítima e sem bandalheiras. Os outros eram pandegos, mentirosos, prometiam não cumpriam, oprimiam e enganavam, usavam impunemente. Getúlio, não. Os olhos do Beco da Onça ou

Navio Negreiro, da Barra Presidente Altino e de Osasco. Getúlio. Isso não era um

Confusa era a nossa referência ("alemão batata come quei expressão o Eixo era de safardanas que pretendiam pequeno, nossas ruas de terra era pespegada a admiração dos norteamericanos. Exer amizade. Nossos aliados.

Hitler era um verme; Mussolini um sabido e Roosevelt, este

O Beco da Onça, o Nã subúrbios perdavam, cabe do a Canção do Expedicionário eu morra/Sem que volte por com letra de Guilherme de Itália. E quando voltaram saímos de casa de madrugada Voltando da Itália os pracinhas escolhambação desordem

Ninguém perguntou se Itália. A guerra, o namoro com aturdidos, malucos, desand intermináveis, nada disso n velhinho estava acima do b pulados, explorados, ague prego, gasogênio eraciona o chão com a língua para la de meia arroba. Muitos, os estava acima do bem e do

—Trabalhadores do Brasil!

Dutra, bom batuta, per Barros, apesar de caixinha pulou de intervir a go Vargas. Prometeu baixar o saltou em 250% em dois anos democracia. Falta de memórias, os rádio cantavam e a g

Presidente
Ademar
e Lucas
Pra Govern
É PTB
Com Luca
Nós vamo

Pouca e fraca memória. O Onça caiu de pau sobre o G Culpado e responsável por tu fila da carne Nessas filas, n mistura da farinha com fuba levantou grana alta. A culpa

—Trabalhadores do Brasil!

Mamãe tirou título de e de quase um dia para vo Geraldo, lá nas Perdizes. meu pai continuava estran tou uma raiva:

—Se estão elegendo o h derrubar?

Getúlio na democracia, abertos, ferozes apoquento sabia que a caixinha, o logro protecionismo, os tubarões d azeite, do pão dos aluguéis, frouxa e apostava alto. Nen velhinho fazia ministros e d teiras maquiáveis — d Chateaubriand. O povo lia

Boatava-se à grande. Ap dei de cara com um sujeito

ES DO BRASIL!

SP Pela Otica De Um Dos Seus Mais Famosos Ex-Habitantes, o Escritor João Antonio.

Funda, da Agua Branca, de asco viam—homem bom era sentimento confuso.

ção aos japoneses, alemães, o com barata”) italianos. E a o definindo uma cambada de n o mundo. O nosso mundo era vestiamos pobremente e nos pelas qualidades magníficas plo de capacidade e padrão de

assolini, uma besta; Churchill, sim, um grande homem.

o Negreiro e outros bairros e a alta e baixa, o rádio cantan-rio (“não permita Deus que ra lá”) um verdeamarelismo Almeida, a ida dos pracinhas à em 45, fomos ao Pacaembu, la para ver os que sobravam. has fizeram uma variedade de excessos na cidade.

ão não teriam enloquecido na o Eixo, a volta dos pracinhas ando em besteiras e bebedeiras exeu com a gente. O sorriso do em e do mal. Éramos mani-aramos black-out e desem-ato, nossos meninos fuçavam ber o açúcar que caía do saco lpados pela carestia. Getúlio mal.

que Getúlio dizia. Ademar de moral, safadezas e desmandos, nador, levado pela mão de sto de vida e o custo de vida (46 a 48) de restauração da ana volta de Getúlio às ur-nte entoava, acompanhando:

Getúlio,
enador
Garcez
nador
PSD!
Garcez
vencer”

iu Getúlio em 45 e o Beco da eneral Eurico Gaspar Dutra. o: fila do pão, fila do açúcar, uito padeiro fez fortuna na muito produtor de rapadura ? De Dutra.

itor e pegou, coitada, uma fila r nas urnas da Igreja de São bspinhado, fumando muito, iro não naturalizado. Susten-

mem de novo, por que o foram

utro homem. Tinha desafetos los. acordados e sequiosos: se a prevalência, a ladroeira, o o açúcar, do leite, da carne, do a ratatúia andava solta, corria tudo era Volta Redonda. O depois os derrubava com ras-ia o senhor jornalista Assis

s depois, já nos anos sessenta, Rio, alto funcionário da Casa

da Moeda acumulando funções na fiscalização da Renda que me deu, em boa voltagem alcoólica numa uisqueira da Rua da Assembléia, esta história dos tempos de Getúlio.

Era o barbeiro do Getúlio e sua vida ia bem. Aquele, nas manhãs, exatamente às 7 horas, barbeava o presidente que se acariocara integralmente, vestia terno branco, trazia charuto nos dedos, usava óculos, barrigudinho, asséptico e, de forma, elegante, além do fascínio, do sorriso, da boa figura. Uma manhã, Getúlio aparece de bom humor do-brado. Sem pressa, estende um oferecimento ao barbeiro, depois de várias perguntas:

—Mas você não precisa de nada? Nem de um emprego público?

A vida do barbeiro vai bem, ganha o suficiente e tem até certas imunidades. Mas o presidente insiste, há uma tensão, é preciso pedir alguma coisa. Pensa, repensa e no clima de sorrisos, joga:

—Fiscal da Fazenda.

O ditador pede papel e o nomeia decretando federalmente da cadeira de barbeiro. Seria, a partir daquele momento, fiscal da Fazenda com uma obrigação, a de fazer a barba presidencial todas as manhãs às 7 em ponto.

Corre, o tempo corre e, de novo, uma manhã de admirável bom humor na vida de Getúlio. Já fiscal da Fazenda e ainda barbeiro, o profissional da navalha ouve nova e polpuda oferta: pedisse o que quisesse em materia de emprego. Já tinha e dois, excelentes. Getúlio, paternal, insiste. O barbeiro justifica a sua negativa. Getúlio fecha o cerco, o velho sorriso. Nova tensão e o presidente ajuda:

—Mas você não tem nenhum amigo que esteja mal de vida?

O barbeiro, depois de Fiscal da Fazenda, já não tem amigos mal de vida. Búscas e rebuscas alguém que esteja necessitado. Lá do fundo do poço, traz a figura de um imbecil, um estúpido, um tal Manoel Floriano, de incompetência e mau humor famosos no subúrbio carioca em que mora, a ponto de correr na boca dos gaiatos:

—Manoel Floriano é uma besta. Sofre de complexos de coice.

Floriano vive aos coices com o mundo, tem uma grossura azeda, uma burrice estrondosa e uma redonda ausência de qualquer habilidade. Então, por que não atirar o coitado do Manoel Floriano naquele jogo?

Da cadeira de barbeiro, o Presidente Getúlio Vargas nomeia, através de um bilhete um novo fiscal de Renda, cargo próprio para bacharéis em Direito, quando não economistas, mas sempre gente que tenha conhecido universidade.

O mar de lama, a morte de Getúlio, as dúvidas que levantou, Gregório Fortunato, Samuel Wainer, Lacerda, Zenóbio da Costa, Jango, Oswaldo Aranha, Alzira Vargas, Amaral Peixoto — tudo isso na velocidade de agosto de 1954, os acontecimentos se atropelando, vão encontrar o povo do Beco da Onça e do Navio Negreiro sumido ou disperso na poeira dos anos.

Para aquele povinho no entanto, mais do que um pesar, uma dor, uma mágoa, a morte de Getúlio teve o gosto assim como de algo errado no sentido da queda do sacrosanto. A morte do velhinho valeu, como uma cena desnorteante e desrespeitosa. Quase imoral. Imaginem isto: de repente, no silencioso e gregoriano de uma igreja respeitável desfila uma mulher nua.

Uma porrada indesculpável e ninguém acredita em suicídio. Nem a carta que o velho deixou. Para aquele povo, a carta é conversa dissimulada, manipulada, mais um engodo. Leu-se a carta, ouviu-se a despedida pelo rádio e se chorou. Tudo bem. Mas no fundo, se teve para ela, o mesmo desdém do velhinho diante da lei escrita e promulgada. A carta intencionava ter força de lei. Mas:

—A lei? Ora, a lei.

Que fazia ministros, ate para se ver livre deles. Que dava com uma mão e tirava com as duas. Que, sorrindo muito e

gauchamente, era um carioca, no fundo: mordida e depois soprava. Que molhava a ponta do indicador na boca, estendia o dedo e sabia para onde ia o vento. Que manipulou os trabalhadores e namorou o fascismo nos seus quinze anos de ditador. Que, na volta à presidência, sentiu que o mar de lama era ele mesmo e suas intrigas palacianas e tratou de jogar a culpa e responsabilidade nos outros, até nos filhos, filhas e, triunfalmente, constituiu-se num herói de dimensões trágicas. Gregamente marcou o momento de sua morte. Perdido, proclamou-se um nacionalista e um mártir da nossa independência econômica — nossos exploradores vinham de fora e aqui eram auxiliados pelos crápulas de dentro. No fim, como não podia deixar de ser, estava só. E bem.

Toda essa argumentação não comovia nem convencia o povo desconfiado do Beco da Onça e do Navio Negreiro. Suicídio? Uma conversa pra fazer boi dormir. E, como naqueles tempos:

“Não faça hora comigo
Que eu não sou relógio
Da Praça da Sé”

Até as beiradas de 70, seu nome era legenda e presença em lugares inesperados. Vi retratos de Getúlio em gafieiras, em restaurantes da Praça Tiradentes, em barbeiros, em farmácias antigas. A parede principal da Estudantina Musical tinha uma imagem de São Jorge ao lado de um retrato de Getúlio.

“Bota o retrato do velho outra vez
Bota no mesmo lugar”

Onde a alquimia do fascínio, o talento político, a matreirice de Getúlio, dos Getúlios? Afinal, em 21 anos depois de sua morte, quantos gaúchos da região da fronteira ocuparam a presidência — Jango, Costa e Silva, Médici, Geisel... Qual a alquimia?

O povo do Beco da Onça nunca teve dinheiro para ir ao Rio Grande do Sul. Mas se tivesse e fosse lá, talvez atentassem para um ponto — no Sul se desenvolve cedo, o conhecimento da marcação do tempo, o momento maduro de entrar ou sair, a hora certa de falar ou não. O ir e o voltar, dentro da oportunidade, direitinho.

Há o chimarrão tomado no galpão. Ele corre a roda, de boca em boca. E a gurizada aprende cedo que há pouco tempo para falar, há muito tempo para ouvir e há tempo certo para cada coisa nesta roda de chimarrão também chamada vida. A musica popular flagrou, bem rente:

“Bota o retrato do velho outra vez
Bota no mesmo lugar”

PARA
MENORES
DE
21 ANOS

JOÃO ANTONIO

PARA
MENORES
DE
21 ANOS

4, Setembro, 1954.



PELA ÚLTIMA VEZ EM PÚBLICO

Já em plena eferescência de crise político-militar que haveria de ter um desfecho tão dramático, o Presidente Vargas viajou para Minas, onde passou dois dias. Foi inaugurar as indústrias Manacemans. Na oportunidade falou ao País, num discurso cujo teor não era o dum Chefe de Estado que pressentisse aproximar-se o fim de seu Governo, e muito menos o de sua vida.

Quando cruzei os portões do Palácio do Catete, naquela manhã fria de 24 de agosto, não poderia supor que ali iria assistir ao desenrolar do mais dramático episódio da nossa história política e dele participar até certo ponto. Era a primeira vez que entrava no Catete, e, ao fazê-lo, tive a sensação que estava descobrindo um mundo novo e penetrando em território proibido. Eram 5 e meia da manhã. Terminara há pouco a reunião dos ministros com o Presidente, na qual ficava assentado que o sr. Getúlio Vargas deixaria o cargo por 3 meses, sendo substituído pelo Vice-Presidente Café Filho. Todos os titulares haviam partido, e, a não ser os srs. Lourival Fontes e general Caiado de Castro, não restava no Palácio nenhum outro auxiliar de categoria da presidência. Reinava o mais absoluto silêncio nos jardins e no interior do palácio. Silêncio e tristeza. Os soldados do Exército, que haviam feito o policiamento interno do Palácio durante a madrugada, iam aos poucos ganhando a rua, de volta aos quartéis. Um contínuo dizia, junto a este repórter, que, até aquela madrugada, e desde que a crise começara, todos os funcionários do Catete estavam munidos de armas automáticas. Aliás, ainda se podia ver, junto aos grossos troncos de figueiras dos jardins, ninhos de metralhadoras e trincheiras de sacos de areia. Pelas 6 h da manhã, d. Darcy Vargas apareceu numa das janelas dos fundos da residência, de óculos escuros, chorando. Vi o sr. Arisio Viana, diretor do DASP, entrar e subir para os aposentos presidenciais. Vi o sr. Lourival Fontes sair, depois de encher o porta-malas de seu carro de livros e papéis. Permaneci assim durante mais de 2 horas, presenciando o movimento rotineiro dos funcionários da casa. Num dado momento, porém, o sr. Arisio Viana chegou à portaria correndo, atônito. Tomou o telefone e, extremamente nervoso, incontrolado, pediu linha à telefonista. Não conseguindo, o sr.

"Colt", Calibre 32.

Arisio Viana, excitado, deu violento murro no balcão, exclamando: "Como é que deixaram este homem sozinho, meu Deus?" Compreendi que se passara algo extraordinário. O sr. Arisio Viana continuou insistindo na ligação, sem consegui-la. Desesperado, deixou o fone no gancho e saiu pedindo a um contínuo que, pelo telefone oficial, chamasse o pronto-socorro, para um "caso de ferimento grave". O contínuo, apalermado, ficou paralisado. Tomei então a iniciativa de tentar uma linha pelo telefone comum e fui feliz. Liguei para o pronto-socorro da Praça da República e pedi uma ambulância para atender um caso de "ferimento grave". Somente minutos mais tarde vim a saber que o pedido de socorro era para o próprio presidente Vargas. O destino dera essa trágica tarefa a um repórter que nunca antes havia entrado no Palácio do Catete. Mas quando, pouco depois, os médicos e enfermeiros chegaram, era tarde demais. O chefe da equipe médica desceu e disse: "Não há mais remédio. O presidente está morto".

ARLINDO SILVA.

Esta reportagem de Arlindo Silva saiu na edição de O Cruzeiro do dia 4 de setembro de 1954.

A história de Arlindo Silva não entrou na edição de O Cruzeiro que saiu logo após a morte de Getúlio (28/8/54). A revista já estava pronta quando o presidente se matou: 550 mil exemplares falando no envolvimento de Gregório Fortunato, *O Anjo Negro de Getúlio*, no atentado contra o então jornalista Carlos Lacerda, em que morreu o major Rubens Florentino Vaz.

Para dar o suicídio, no número seguinte, o 1º de setembro, a revista não mudou de estilo. Na capa, o rosto de uma mulher bonita. Mas a tiragem passou a 700 mil exemplares, até hoje não superada no país, embora o número de habitantes tenha dobrado. Durante setembro, a tiragem se manteve: cenas do velório, reação popular, agitação atribuídas ao Partido Comunista, denúncias de corrupção - o chamado *Mar de Lama*.

Depois que Getúlio foi enterrado, O Cruzeiro passou a contar sua vida em capítulos, com muitas ilustrações. Era um presidente bom, mas cercado de aproveitadores, dava a entender a revista, que o combatia violentamente.

O Cruzeiro continuou vendendo a morte de Getúlio durante muitos anos. Em 1958, quase 4 anos depois, ainda se levantava a possibilidade de assassinato. Isso porque os documentos oficiais sobre o suicídio ainda não tinham sido divulgados. A revista só conseguiu publicá-los no dia 4 de agosto de 1958.

Mesmo assim, o historiador mineiro Augusto de Lima Junior insistia em que o laudo não provava o suicídio, também nas páginas de O Cruzeiro. Faltavam muitos detalhes, como testes de laboratório e as fotos feitas pela polícia no quarto do presidente. Tudo foi

mostrado no número seguinte da revista.

Por causa das declarações de Lima Júnior, o perito Antonio Carlos Villanova, getulista convicto que fez o levantamento técnico do suicídio, consagrou-se para se defender. E o Cruzeiro 550 mil exemplares apresentou sua entrevista a Arlindo Silva e o material de perícia como "exclusividade mundial". Trecho da entrevista:

"A hipótese de que o presidente tenha sido assassinado é absoluta. Isso porque: 1 - não registramos o mínimo vestígio de luta, ou ação de qualquer pessoa, quer nos aposentos presidenciais, quer no corpo do próprio presidente; 2 - o disparo que roubou a vida de Vargas foi efetuado com a arma colada ao alvo. Foi efetuado na região precordial, na altura do mamelo, e atingiu primeiramente o bolso do paletó do pijama, tendo a massa de gases provocado a ruptura do pano daquele bolso, conforme se pode verificar examinando-se a fotografia da peça. O disparo, portanto, está bem distante da axila; 3 - a mão esquerda do presidente mostrava resíduo anegados, característico de pólvora combusta, como posteriormente foi, aliás, verificado em exame de Laboratório. Tal fato nos indicou que a arma fora por ele sustida contra o peito com as duas mãos, o que tornava necessário para a auto-eliminação com disparo feito na região precordial. Outrossim, o exame do picote do estojo do qual saiu o projétil que o matou veio mostrar que tal disparo fora efetuado com a arma engatilhada, isto é com o cão armado, o que se verificou no exame microscópico do confronto, comparando as marcas

deixadas pelo percussor naquele estojo com as de um outro estojo padrão, obtidas por nós em disparos efetuados em laboratório. Verificou-se facilmente que no estojo fatal as marcas estavam bastante acentuadas, indicando disparo processado com o cão armado. Qualquer dúvida de que aquele tivesse sido o revólver que vitimou o presidente (colt, calibre 32, número 148.756) foi dissipada com o confronto acima referido, e com aquele outro realizado sobre o projétil extraído do corpo do presidente quando do exame cadavérico e que verificamos ter sido incontestavelmente expelido pelo mencionado revólver".

O Cruzeiro não circula mais, morreu aos 47 anos. Seu último número, deste ano, com Pelé na capa, nem foi retirado das bancas. Seu título agora é propriedade de Hélio Lo Bianco, antigo diretor de publicidade da revista, que lhe devia 2 milhões em salários e comissões. No momento, Bianco não sabe o que fazer com o título, avaliado em 5 milhões. Acha que a revista está muito desacreditada, depois da longa crise financeira que a fechou. Arlindo Silva é agora assessor de imprensa do Grupo Silvio Santos.

(Luiz Guerreiro, nosso enviado especial à coleção de O Cruzeiro)



O PROJÉTEL que fulminou o ex-Presidente Vargas foi fotografado de todos os ângulos pelos peritos.

AS DEFORMAÇÕES constatadas resultam do fato de ter o bala atingido partes ósseas do suicida.

TESTES periciais demonstraram que o projétil foi realmente expelido pelo "Colt" do Presidente.

PARA MENORES DE 21 ANOS

6, Fevereiro, 1955.

JORNAL DO ATLETA E NADE TRAZER AO BRASIL

A Gazeta Esportiva

ESTABELECIDO EM 1917 - FUNDADO POR JOSÉ DE ALMEIDA

RECONDICIONAMENTO de bombas e injetores diesel **MARIEN S/A** al. Cleveland 509

Campeão do IV CENTENÁRIO!

HOMENAGEM DE A GAZETA ESPORTIVA

R. Monteiro & Co. CASIMIRAS - LINHOS - TROPICAIS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

O associação continua a impor o seu reinado, daí o tumultuante cenário que estavam vendo no próprio da municipalidade. A transcendental importância do cotejo augura sombrias previsões no terreno esportivo e disciplinar. Daí, esperamos tudo desse Derby. E vamos a ele dentro do escassíssimo tempo habil que dispomos para redigir esta deprerenciosa crônica.

Surge o Palmeiras, com camisetas azuis-anil. Uma recepção morna. Mas em seguida, senhores, entrando pelo outro túnel, eis que surge o alvi-negro de Uniforme novinho. Estoura um morteiro que francamente pode esbodegar os ouvidos do público. E, por que não dizer os nossos também.

O Palmeiras começa prejudicado. Vai jogar contra o vento que bate forte contra a meta dos portões monumentais, que será defendida pelo arqueiro Laércio. Mas, eis que o cotejo tem o seu início, com Dema passando para o Jajá Rosa Pinto. Ele manobra pelo meio e tenta de longe um tiraço para a meta de Gilmar. Mas o tiro sai fora, torto.

Rafael recebe uma bola no bico direito da grande área. E explode um centro. Saltam vários jogadores, mas um deles, no meio de todos, coloca a bola, com o cocoruto, para o fundo das redes de Laércio. É Luisinho, o Pequeno Polegar, o autor do gol, aos 11 minutos do primeiro tempo. A massa torcedora está fazendo uma grande festa.

O prélio esquenta com o gol do Corinthians. Mas Gilmar está embolsando tudo. Humberto nos parece nervoso, perdendo chances muito boas para suas cores. Quem esperava uma porfia violenta, está se enganando. Epa! Assim foi queimar a língua: não é que o Liminha acaba de dar um pontapé sem bola no Homero?

Aos 25 minutos temos uma invasão do gramado. São guardas-civis, repórteres, fotógrafos. Um episódio desagradável, que aos poucos é contornado. Muito nervosismo, mas não há nada grave a tordar a atmosfera animada do Derby.

Nota-se uma preocupação muito grande da defensiva alvi-negra: evitar faltas perto da área. Temem a violência do petardo de Jajá Rosa Pinto. Mas, surge uma boa chance para o Palmeiras. Idário toca acidentalmente com a mão na bola e o juiz Esteban Marino assinala hands. Jair explode o tiraço, mas Gilmar voa e cede escanteio.

A etapa inicial termina com a vantagem no placar de 1 a 0 para o Corinthians Paulista. A impressão que ficou é que o vento ajudou muito o time comandado pelo jovem e promissor Osvaldo Brandão.

A etapa final começa com o sol ainda muito quente. O Derby revive uma daquelas tardes para enquadrá-la em moldura portentosa. Ao se reiniciar o cotejo, Rodrigues desperdiça excelente oportunidade, frente a frente com Gilmar. Mas, aos 5 minutos, eis que surge o tento de empate. Homero comete infração em Liminha, na linha de fundo, à esquerda: bate Jair, com raro efeito, junto ao poste direito. Idário suspende de cabeça e a bola viaja dentro das redes. E, agora, aos 5 minutos da fase final, estão Sport Clube Corinthians e Sociedade Esportiva Palmeiras empatados: 1 a 1! O empate dá o título ao alvi-negro, a vitória do Palmeiras coloca os 2 em 1º lugar. Se o Corinthians perder e não passar pelo São Paulo, domingo que vem, o Palmeiras é campeão.

Se perder hoje e ganhar domingo, haverá mais um Derby como esse, calorento e emocionante.

O empate parece abalar o Corinthians, que já não detém a velocidade ofensiva do alvi-verde, ao passo que seus atacantes ficam como que paralisados no meio do campo. Gilmar, em duas extraordinárias ocasiões neutraliza, em condições delicadíssimas, especialmente uma cabeçada de Liminha desviada com a ponta dos dedos, está trancando a sua meta.

Já está na hora do juiz Esteban Marino trilar o apito. Mas eis que temos, no último minuto, a mais incrível oportunidade. Cação falha, é desarmado, e Rafael fica sozinho com Laércio. Quer se aproximar demasiado para a conclusão e dá tempo para que o arqueiro se atire aos seus pés destruindo a grande chance de vitória. Laércio se machuca e o prélio vive seus últimos momentos de monumental expectativa, até o apito final de Esteban Marino.

Corinthians, Campeão do 4º. Centenário da capital bandeirante!

O que acontece neste final é alucinante e apoteótico. Os jogadores corinthianos saltam de júbilo, alguns arrancando camisetas, ao passo que a massa torcedora impetuosa, viola o alambrados e festeja os campeões.

Sangue, suor e lágrimas, eis o preço do Derby. Ficaram as lágrimas para uns e o sangue se converteria em jorros de júbilo para outros. Foi a muito custo que este repórter conseguiu alcançar os camarins, invadidos por uma verdadeira onda humana.

No lado alvi-negro, o máximo mentor do clube, Alfredo Inácio Trindade, exultava. Rafael desmaiou, Gilmar era o mais cumprimentado. O solerte Luisinho, autor do gol, não cabia em si de alegria. O prêmio pela conquista do título foi logo anunciado: 100 mil cruzeiros para cada player.

No lado alvi-verde, o técnico Aimoré Moreira dizia que o prélio foi disputado ardorosamente. Humberto se queixa da falta de sorte, quando a bola bateu no seu joelho e ele não pode finalizar, frente a frente com Gilmar. Liminha elogiava a atuação do arqueiro corinthiano, dizendo que "ele defendeu não sei como a cabeçada que dei com endereço certo".

Pelas ruas da noite enluarada de 6 de fevereiro de 55, a legião de adeptos do chamado clube do povo invadiu e alegrou a metrópole, dando justa expansão ao seu júbilo pela histórica conquista do título de "Campeão dos Centenários".

Um Lídimo Campeão

PAU—DE—SEBO

- 1) - Corinthians - campeão - 10 P.p.
- 2) - Palmeiras - 13
- 3) - São Paulo - 15
- 4) - Santos - 18
- 5) - Portuguesa de Desportos - 22
- 6) - XV de Jaú - 25
- 7) - Guarani - 26
- 8) - Ponte Preta - 27
- 9) - Linense - 31
- 10) - São Bento, Noroeste e 15 de Piracicaba - 32
- 11) - Juventus - 33
- 12) - Ipiranga - 36

GOLEADORES

- 1) - Humberto (Palmeiras) 36
- 2) - Gino (São Paulo) - 18
- 3) - Osvaldinho (Portuguesa), Rodrigues (Palmeiras) e Amorin (Juventus) - 15

TRAJETORIA DO CAMPEÃO

Corinthians - 25 jogos, 17 vitórias, 6 empates e 2 derrotas.

NUMEROS DA PORFIA

Sport Clube Corinthians 1 x Sociedade Esportiva Palmeiras 1.

Local - Estádio Municipal do Pacaembu, Juiz - Esteban Marino
Gols - Luisinho, aos 11 do 1º. e Nei, aos 5 do 2º.
Renda - 1.233.055 cruzeiros.

Times - Corinthians: Gilmar, Homero e Alan; Idário, Goiano e Roberto; Cláudio, Luisinho, Baltazar, Rafael e Simão. Técnico: Osvaldo Brandão. Palmeiras: Laércio, Manuelito e Cação; Nilo, Fiume e Dema; Liminha, Humberto, Nei, Jair da Rosa Pinto e Rodrigues. Técnico: Aimoré Moreira.

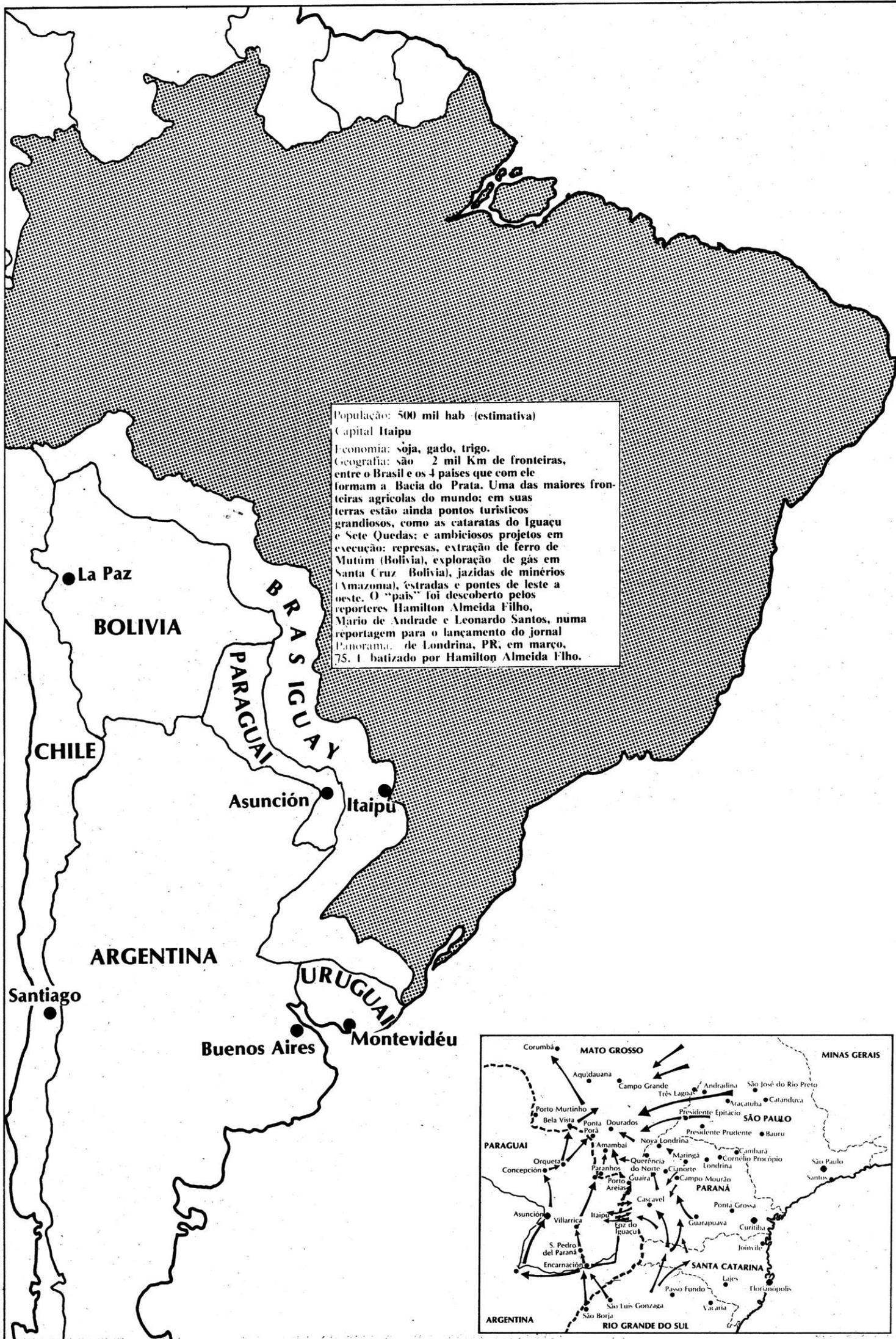
Texto de José Trajano, nosso enviado especial à edição de A Gazeta Esportiva de 8 de fevereiro de 1955, que vendeu 203.040 exemplares!!



Os censores deste jornal recomendam: use calças e camisas do
Jeans Store.

São Paulo: Alameda Lorena, 718; Rua Iguatemi, 455; Alameda Jaú, 1423; Rua Maria Antônia, 116; Rua Princesa Isabel, 235 - Brooklin; Shopping Center Continental - Osasco.
Rio: Rua Santa Clara, 50 - Copacabana; Rua Visconde de Pirajá, 82 - Ipanema.

BRASIGUAY



Se eu tivesse de batizar, seria Brasiguay. Nessa região surgem ou crescem cidades e povoados. Como Santa Rosa, Hernandárias, Corpus Christi e Paloma. Há 5 anos era uma área desabitada no interior do Paraguai. Hoje é o lugar de agricultura mais desenvolvida.

Não se fala muito o português, a mistura de línguas. Apenas o português dos colonos mineiros, paulistas, capixabas, nordestinos, gaúchos e paranaenses, o falar do homem da terra. Nas escolas, o guarani é ensinado às crianças brasileiras, louras, pretinhas. Todos os dias, três, quatro famílias atravessam essa fronteira, seja pelos 300 metros de Ponte da Amizade, ou pelos mil metros de água barrenta do Paranazão.

Atravessi o Paranazão em Guaíra. Mas tive a estranha sensação de estar viajando no tempo. O Estado do Paraná acaba ali, como eu sabia, oferecendo duas saídas. Mato Grosso e Paraguai. Mas não acaba, a própria geografia deu opções: continua pra cima, procurando Acre e Rondônia; em frente nas terras paraguaias, igualzinho às paranaenses.

Depois de viajar dias no roteiro Maringá-Guaíra, no rastro das cidades nascidas por causa da terra, colonizadas e crescidas em menos tempo do que tenho de vida, encontrei ao vivo o cenário e as histórias contadas pelos pioneiros, sejam de Umuarama, Palotina ou Guaíra.

Estranha também a sensação de ver como o povo anda. Sua aventura é do tamanho de sua tragédia. O homem não encontra mais lugar, a terra está toda ocupada, valorizada, de leste para oeste. Já construiu as cidades, já plantou, colheu. O tempo passou, a terra cansou e a fome do mundo aumentou. O espaço, que era enorme, ficou pequeno para as grandes plantações, para as máquinas que vieram substituir o homem pioneiro (a corrida pela mecanização começou em 1968 e aumentou com o II Plano Nacional de Desenvolvimento, que quer reeditar no Brasil a "economia de mercado", ao estilo dos Estados Unidos, também no campo).

Pode-se não saber para que serve a soja, mas é preciso plantá-la junto com o trigo, porque o café não alimenta mais ninguém. Não contente de tomar o campo (os cafezais estão ilhados por seu verde claro), a soja invade nas cidades os quintais, praças e até cemitérios.

A pequena propriedade não serve para o boi, o gado. Mas o gado serve pra segurar a terra cansada, dá mais lucro. Como eu ouvi isso: "Onde entra o boi sai o homem". Viajei o caminho do colono, via a história mudando. O minifúndio do café não dando mais para aumentar as terras com o lucro de uma safra. Assisti à movimentação dos novos donos das terras, os fazendeiros de gado, os plantadores de soja e trigo, voltados para a cotação do mercado internacional. Só eles com dinheiro para a aventura de agora nessas terras já colonizadas: Paraná, celeiro do mundo.

Encontrei também o homem que continua chegando: vindo de baixo e de cima, gaúchos e mineiros, atrás da terra. Só que agora eles se juntam com os que saem. Vão em frente também, na direção onde a história muda novamente, o espaço volta a se abrir, há lugar para os pequenos e os que vão começar. A mata ainda está caindo, mas já sente o calor chapado da derrubada.

Indo em frente, comprando terras maiores para plantar soja ou trigo ou mesmo para ter gado, a aventura que começa para esses homens tem a necessidade da

atualização e o clima dos tempos pioneiros. A história está se misturando e se repetindo em Brasiguay.

O brasiguayo é ativo e quer sempre conquistar novas terras. É um homem de poucos recursos, pouca instrução, grande capacidade de trabalho, mas incapaz de concorrer com a audácia dos intermediários e do sistema capitalista. Quando a terra desbravada cansa, ele não tem muitos recursos com gerentes de bancos, não sabe organizar e esquematizar racionalmente sua vida. Não cria raízes, prefere desfazer-se do pouco que tem e seguir adiante.

Há também o brasiguayo que não é proprietário — é o meeiro, o porcenteiro, diarista ou horista. Iguamente pioneiro, este homem nunca sequer sonhou com as malícias bancárias. Fazendo parte do "subsistema de trabalho" do pioneiro, este homem o acompanha. E, no Paraguai (país de 3 milhões de habitantes, menos da metade da população paranaense), ele vai formar junto com o paraguaio, será o peão de derrubada, o trabalhador de pouco preparo cultural, o elemento de apoio ao pioneiro.

Qual é a população brasiguaya? Não há como saber oficialmente. Embora o governo mantenha dois projetos do Inera na entrada do Paraguai — na região de Foz e em Mundo Novo, sul do Mato Grosso; e embora esteja preocupado com a marcha dos colonos, não há meios de controlar.

Mas se você perguntar para os primeiros que atravessaram, vai chegar a 140 mil brasiguayos, só na região fronteira com o Estado do Paraná.

Estou atravessando na primeira balsa de Guaira para o Porto José Fragelli, Mundo Novo, caminho para Dourados, Campo Grande no Mato Grosso, à direita, e Salto Del Guayrá à esquerda. São 6 horas da manhã de um sábado e na balsa já vai um caminhão de Terra Roxa, município ao lado de Guayrá, levando a mudança de uma família de colonos. São 40 minutos de travessia do Paranazão, com duas balsas que fazem a viagem até 7 horas da noite. Uma grande, para servir de ponte aos caminhões — eles trazem gado de Nova Andradina (MT) para Londrina (PR), na sua maioria; e outra para os carros. Até Mundo Novo, distrito do município de Iguatemi, são 9 quilômetros, e dali, mais 30 até Salto del Guayrá. Passando pela fiscalização recente do Inera e pela do Exército, na fronteira. Um se preocupa com gente, outro com contrabando, com o pequeno turismo, o vaivém da fronteira.

"Fique à vontade.
Quer uísque?
Aqui tem muito."

Damos carona para o guarda Domingos, do Inera, todo vestido de brim azul, em meio à poeira fina, de areia vermelha, do caminho até Mundo Novo:

— Todo diápassam umas quatro famílias para o Paraguai. Nem um quarto do que vai, volta.

Mais abaixo, na direção das Sete Quedas, quase em frente de Guaira, está o outro porto, Coronel Renato. Em barcos de 10 passageiros, se chega ao Paraguai em 20 minutos.

Os mesmos barcos que no ano passado, em 2 acidentes, mataram 32 pessoas, levadas pelos 5 milhões de metros cúbicos do Paranazão, que ali se aperta de 6 mil para 300 metros de largura, para se lançar num desnível de mais de 100 metros. Kombis como lotações, fazem o resto do trajeto até o conjunto de 4 avenidas, uma principal, que formam Salto del Guayrá.

Na principal, avenida Presidente Stroessner naturalmente, está o comércio, 25 lojas com calças Lee, Levis, os uísques, os cigarros americanos, a quiquilharia de porto livre, de comércio. Entre uma loja e outra, o Departamento de Inmigración, uma sala apertada, com 2 moças e 2 máquinas de escrever. Sempre 4 ou 5 brasileiros de pé à frente das moças e das mesas, fazendo ficha de entrada. A família do lado de fora, as malas e os sacos amarrados.

Atrás das moças, de suas perguntas de praxe, nome, carteira de identidade, quanto tempo vai ficar? vários caixotes com pilhas de documentos de brasileiros.

Eles ficam ali à espera da volta de seus donos. O trânsito é enorme, muitos vêm só para ver, atender um chamado de parente ou amigo que já se instalou e mandou notícias, contando as novidades. O preço da terra, um negócio a fazer. Quem vem prá ficar já traz a mudança, mas é normal vir primeiro sozinho, sem a família.

As lojas estão vazias, as balconistas sentadas em cadeiras na porta. O movimento só existe mesmo no Departamento de Inmigración. Apresento-me como jornalista, para falar com o chefe. O senhor Pereira demora um pouco para sair de dentro da casa, vem bem penteado e cheiroso.

— Fiquem à vontade, tomem um uísque. Aqui tem muito uísque bom.

Conversamos mais de 20 minutos, do lado de fora da sala, na calçada. O senhor Pereira não me disse quase nada. Apenas falou arrastado, mais em português um pouco em castelhano. Guayra é lugar muito novo, em menos de 12 anos deixou de ser distrito do Alto Paraná, para se tornar capital do Departamento de Canendyú. A estrada ligando com Asunción chegou há 4 anos, apenas. Se junta com a que vem de Pedro Juan Caballero, fronteira de Ponta Porã, Mato Grosso, a 200 quilômetros de Guayrá. Sobre os brasileiros, esquivou-se sempre.

— Chega muito brasileiro sim. Aqui é lugar novo, a mesma coisa que no Norte do Paraná. Eles são gente boa, trabalhadeira, plantam de tudo, café, soja, hortelã, trigo, gado. Fiquem à vontade, visitem tudo aí. Temos bom uísque, já tomou?

Desde 1961, o Paraguai tem interesse nessa colonização brasileira. Chegou a importar colonizadores, loteadores brasileiros para incentivar a entrada de colonos. O Paraguai também serviu de abrigo na época da erradicação do café no Paraná, para os fazendeiros descontentes com a política brasileira. Foi o tempo do contrabando de café, de lá para cá, já que o escoamento da produção só podia ser feito por aqui. Esses mesmos grandes proprietários paranaenses e paulistas, implantaram o gado aproveitando a semelhança do Paraguai com Mato Grosso. Mas, ao abrir para o pequeno lavrador as suas terras, o Paraguai passou a ter uma lavoura, não mais só a mandioca tradicional de seu povo índio. Só que a velocidade dessa ocupação preocupa na medida da exploração política, se puxada para o lado dos brios nacionalistas, de perigo da perda de soberania.

Por isso, a única presença paraguaia que se sente mesmo na região de Salto del Guayrá é do Exército, da 5ª. Division de Infantaria, com a bandeira tremulando alto, no portão do quartel de entrada do Paraguai adentro.

Mas o Brasiguay só tende a crescer. Além da terra, da lavoura, agora a hidrelétrica de Itaipu vai acabar de misturar as coisas. Mais perto de Foz do Iguaçu, dentro da área já ocupada pelos brasiguayos, será construída uma cidade de operários brasileiros e paraguaios. Do tamanho de uma obra de 10 anos, capaz de dar emprego para 10 mil homens e o que comer para suas famílias. O que vai acontecer?

— Isso vai ser um estouro. Quem tem terra de 10 mil contos, vai pra 20 mil em 1 ano. Imagine se aguentar terminar Itaipu.

"Até onde tem
uma seringueira,
é Brasil!"

O fazendeiro gaúcho Delvino Fachini, 39 anos, 8 de Paraguai onde chegou vindo do Norte do Paraná, sem um tostão, não quer nem pensar em sair de lá. A energia de Itaipu vai eletrificar todo esse interior, afinal são 12 milhões de quilowatts para dividir entre os 2 países. Fachini de tão branco chega a ser vermelho. Mas é o homem em pleno exercício da aventura com seu jeito de gaúcho, decidido. É conhecido como dono da Estância El Bosque, como trabalhador, que chegou ali para crescer.

— Aqui é bom para ganhar dinheiro. O paraguaio tem os olhos meio fechados, que nem japoneses. O brasileiro já chega com os olhos abertos.

Fachini chegou derrubando a mata, tirando madeira, se metendo em rolos de colonização. A terra valia 200, 300 cruzeiros o alqueire, era de graça. Plantou menta, quando a hortelã estava com os preços altos, aumentou suas terras, hoje elas valem até 10 mil cruzeiros o alqueire. Fachini me deu a impressão de que todo colonizador é inimigo da terra, na medida de sua corrida atrás do dinheiro. Vai mudando de direção conforme os ventos dos negócios. Sem se importar com o futuro, além da próxima safra, tirando tudo o que a terra pode dar. Fachini já passou pela madeira, pela menta e está no gado e na soja. Voltado para o lucro:

— El Bosque são 100 alqueires, com 31 plantados de soja e o resto é pasto. Mas nem sei quanta terra tenho. Só aqui, a 140 quilômetros, perto de Paloma, tenho 2.500 alqueires e sem dever. Vou conseguir um empréstimo do Fundo Ganadero (do Paraguai) para colocar 2 mil cabeças de gado ainda este ano.

Conta depois que tem uma colonização para vender, 5 mil hectares, em lotes de 5 até 200 alqueires a preço de 3 mil o alqueire. Tudo o que ganha aplica lá mesmo, só sente saudade da costela gorda do Rio Grande, do café da manhã. Não veio parar no Paraguai — depois de ter sido um pequeno agricultor em Maringá, onde tinha 32 alqueires de terra — pra mudar de clima. O falatório dos colonos já o fez ir ver o que está acontecendo em Rondônia, Acre.

— Por isso eu digo: o Brasil só tem terra à na casa do chapéu, onde até macaco morre de maleita. Você compra um carro zero quilômetro, vai, volta, tem que comprar outro. Não é desprezar o Brasil, mas de lá só quero mesmo é desfrutar o meu Rio Grande.

(Na fronteira com a Bolívia, nossa economia se baseia na borracha extraída muitos quilômetros dentro do território boliviano por milhares de brasileiros. A produção sai por duas estradas brasileiras e o governo boliviano, cobrando um imposto mínimo, não toma conhecimento das irregularidades. Em compensação, o Brasil deixa os bolivianos comprar livremente gêneros de primeira necessidade do nosso lado. Dom Giocondo Maria Grotti, o falecido bispo de Rio Branco, Acre, me dizia em 1971: "Os próprios bolivianos são os primeiros a dizer: até onde tem uma seringueira, é Brasil".

"Você é
brasileira?
"Si, como no?"

O Brasiguay é muito perto e tem terras para todos. Meio alqueire ou 40 mil, tudo ao mesmo tempo. Tem até posseiros, gente que chegou 1 ano e meio para cá. Mas que já teve tempo de construir povoados como Maracaju, entre Guayra e Paloma, onde vivem 4 mil famílias. Nem a posse problema em toda a área brasileira encostada ao Rio Paraná, deixa de ter lugar. O governo paraguaio está interessado em regularizar tudo: vai medir a terra e vende-la a 3 mil cruzeiros o alqueire, com prazo de 3 anos, para os próprios posseiros.

— Porque é que voce tá anotando, perguntando o meu nome? Não tá direito! Sou um brasileiro que mora num país estrangeiro, não tenho de dar satisfação a ninguém! Pode riscar tudo isso aí!

É Djalma Peres, 40 anos, fluminense de Casimiro de Abreu, Estado do Rio, ex-posseiro na região de Cascavel-Guaira, posseiro em Paloma desconfiado de mim. Estava voltando de Guaira, onde foi tratar de dinheiro em banco, compra de peça para o caminhão. Me confundiu com alguma autoridade brasileira, daquelas com quem já tratou por terras por onde passou no Paraná. Depois, já mais à vontade, contou dos 10 alqueires que está comprando do governo paraguaio e dos 4 alqueires de hortelã plantados. Djalma vai deixar de ser posseiro, está confiante.

Uns 20 quilômetros adiante de Hernandarias, lá embaixo, no corredor de entrada por Foz-Puerto Stroessner, Leonardo Santos, do jornal **Panorama**, encontrou o povoado de Piqueri; umas 300 casas, quase todas ao longo de uma ampla avenida. O próprio povoado brasileiro. — Temos paraguaio sim. Aquele co-

merciantes ali da esquina é paraguaio. Os soldados aí do destacamento também são paraguaios.

O resto, brasileiros. No alto das casas, antenas de TV que sintonizam os canais 12, de Curitiba, e o 11, de Apucarana, cidade norte-paranaense. No bar principal, uma família paraguaia fazia seu lanche numa mesa afastada. Nas outras, brasileiros bebendo ou jogando baralho. Por trás do balcão, os 3 jovens que atendem são loiras, bonitas: paranaenses de Toledo, vivendo há 8 anos no Paraguai.

— Si, senhor?

— Você é brasileira?

— Si, como no?

— Seu sotaque é paraguaio.

— Verdade? É que soy casada com paraguaio.

O velhote de olhos azuis, tomando cachaça (brasileira) no balcão, era sitiante em Arapongas.

— Aqui é muito melhor. Não tem imposto do Inera. Fundo Rural, nada disso. Você paga só impostinho de nada para o governo paraguaio e tudo aquilo que você colheu é seu, o governo não mete a mão.

Ao entrar por Foz do Iguaçu, Leonardo encontrou gente vinda do Norte do Estado, de Porecatu, Alvorada, Primeiro de Maio, procurando terras para comprar com o dinheiro das indenizações da Cesp por causa da Usina Capivara. E eu encontrei outros, saídos do Oeste, de Assis, Chateaubriand, Toledo, Palotina, onde há crescimento econômico, o "boom" da soja, mas onde a terra valorizou demais para os pequenos proprietários.

— Eu tinha 22 alqueires e em Toledo, faz 1 ano e meio, vendi por 330 mil cruzeiros, 15 mil o alqueire. Vim aqui, comprei por 1.500 o alqueire. Paguei 180 mil por 120 alqueires, sobrou bastante dinheiro.

Waldomiro Krings, gaúcho, depois de 15 anos em Toledo é a imagem do que pode fazer hoje no Paraguai, rapidamente um pequeno lavrador brasileiro. Tem 115 alqueires de soja, 2 quilômetros adiante de Hernandarias.

No começo desse ciclo de colonização, não foi tão fácil assim. A comercialização difícil da produção fez muita gente quebrar, voltar para o Brasil. Havia dificuldades para vender a produção no lado brasileiro e o Paraguai não tinha como absorver — nem sequer como transportar a produção. Quando se ouve falar mal do Paraguai, de brasileiros que voltaram, são histórias de atravessadores, compradores que pagavam a metade do preço às vezes nem isso.

Agora, além do comprador brasileiro cruzar a fronteira atrás da produção, Asunción se interessa também por atrair o comércio. As estradas tornaram a capital paraguaia mais presente na região. Os bancos e o governo dão financiamento sem problemas. Até do Banco do Brasil, em Asunción, dá pra conseguir empréstimo.

O clima de convivência entre brasileiros e paraguaios já foi mais pesado, no relacionamento dia a dia. O que dá pra perceber na recomendação de um rapaz amigo, servindo de cicerone.

— Não fique fazendo muita pergunta porque é perigoso. Isso aí deve estar cheio de bandidos. Eles matam lá no Brasil e fogem para cá.

Não era o caso. No bar, os rapazes apontados eram de Umuarama, trabalhavam para sitiante brasileiros, na soja ou no alambique de menta.

Também tem paraguaio que trabalha para brasileiros. Mas são poucos.

Os bandidos refugiados no Paraguai, os traficantes ou contrabandistas, esse tipo de gente não se mistura com o colono brasileiro. Nem os paraguaios tratam igualmente os dois tipos. Os atritos com os colonos só aconteceram quando os soldados, quase todos meninos, fazem valer a soberania paraguaia. Em Guayrá, correm as histórias de colonos que apanharam de fio de aço por não terem tirado o chapéu ao passar pela bandeira do Paraguai.

— A turma aqui começou a usar cabelo comprido, igual no Brasil. Eles pegaram dois, tres, botaram de joelho no meio da rua e cortaram o cabelo a machete. No dia

seguinte, tinha fila na porta do barbeiro.

Por essas e outras, hoje o clima entre os colonos brasileiros é de respeito, de não querer problemas com os soldados. Para justificar, encontram uma forma de não achar ruim nada do que acontece. Como Doracil Mariano, comerciante e lavrador no quilometro 11 da estrada Guayrá-Asunción define:

—Sujeito malandro tem em toda parte. Fles dão duro em quem não anda direito. Quem é trabalhador honesto, não tem problema.

Mas do lado brasileiro, em Guaíra, ao longo da margem do rio Paraná, a invasão das terras do Parque Nacional de Sete Quedas tem mais problemas, brigas, do que no Paraguai. Prá lá vieram, nos últimos 10 anos, mineiros e capixabas da região do Contestado, divisa dos dois Estados. Ocuparam 60 quilômetros de terras, numa largura de 5, 7 até 20 quilômetros a partir do rio. E é dali que sai também muita gente para o Brasiguay.

A margem direita do rio Paraná é a última barreira de quem vem procurando terra para ficar. Os que chegam compram as posses dos que saem, para daqui algum tempo sair também.

Não sei se adianta falar do meu espanto. Mas cadê a mata? Não vi, ao longo da viagem de 500 quilômetros, nem daqui onde o Paranazão dá impressão de ser a última força intocada da natureza.

Aqui, os parques nacionais, a reserva do governo, são jardins ilusórios nas Cataratas de Foz e nas Sete Quedas de Guaíra. Matas para turista ver.

O Parque Nacional de Guaíra são 44 mil hectares; e mata apenas em 233 hectares, em volta do conjunto de 18 saltos das Sete Quedas. O ritmo de sua criação foi vencido pela falta de espaço para a colonização do Paraná. O esboço é de 1945, o decreto saiu em 61, e quando foi tomar posse em 67 o governo encontrou um município, o de Icaraíma, dentro da área.

Depois de um tempo nas terras do governo, os posseiros entram no Paraguai atrás nem que seja de meio alqueire escriturado. Fazem de Guaíra um trampolim, apenas passagem. No ar da cidade fica essa aparência de ilha quem sabe fim de linha. O município está isolado do que acontece no norte e no oeste do Paraná. Nunca teve estrada boa, o asfalto chegou até Cascavel (a 175 Km) e Iporã (a 64 Km) mas não prosseguiu. O rio Paraná é o único caminho, em direção a Porto Epitácio, Estado de São Paulo. Não vive o desenvolvimento da soja e do trigo porque suas melhores terras foram picadas pelos posseiros no Parque Nacional.

Guaíra é um duplo porto de escoamento: soja e trigo de Palotina, Toledo, Assis e Rondon (sai em chata rio acima para pegar ferrovia em São Paulo); e de gente, vinda de toda parte rumo a Mato Grosso e Paraguai.

Seja no desabafo de um peão na rodoviária de Goioerê ("um dia largo tudo isso e vou embora para o Paraguai"), ou na história ouvida nas terras desapropriadas do Parque Nacional do Iguaçu:

— A Guarda Florestal pensou que o Mário Vermuth é quem tinha feito uma queimada. Então prenderam e levaram para o mato e fizeram que iam fuzilar, só pra assustar. Ele ficou com raiva, largou tudo e foi embora para o Paraguai.

De todas as formas, com todas as nuances, se ouve falar no êxodo.

As histórias de pioneiros, a entrada na mata, tudo isso não quer dizer mais nada no oeste do Paraná. Se ainda há aventura nas terras do lado de cá do Paranazão, é uma aventura que empurra muita gente.

Palotina, "capital mundial da soja", aos 11 anos de idade, vai produzir em 75,2 milhões e 100 mil sacas. Padre José, ex-vigário de Palotina, completa a informação:

—No ano passado, 2.500 famílias se mudaram de Palotina para o Paraguai. Já tivemos 60 mil habitantes, agora temos só 55.

É o Brasiguay, um país de futuro. Não sei, mas se não houvesse os Andes, eu diria que esse povo acaba caindo no Pacífico.

Hamilton Almeida Filho



Outro ângulo: esta é uma reportagem da revista argentina Crisis, de julho último. Um de seus autores, Germán Wettstein, é geógrafo uruguaio. O outro é o jornalista Esteban Campal.

SOJA

A agricultura brasileira deve crescer 10% ao ano nos próximos 5 anos; é esta a meta do II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) (dia 15 de agosto o ministro Paulinelli admitiu que estamos crescendo menos de 7%-NR). Para isso, os produtores de produção também devem crescer: 14% em fertilizantes e 15% em maquinaria agrícola entre outros implementos.

Há duas boas razões para se pensar que o desafio de aumentar a produtividade pode ser cumprido. A procura mundial de cereais e oleaginosos vai continuar firme, apesar das flutuações de preço de alguns produtos. E a balança de pagamentos brasileira requer do setor agrícola exportações no valor de 5 bilhões de dólares por ano, entre produtos primários e industrializados.

Assim, a expansão agrícola brasileira não é para atender o consumo interno e sim para aumentar as exportações.

Para conseguir isso sem reforma agrária, o Brasil procurou uma saída tipicamente capitalista: a modernização da agricultura em todos os níveis e em todas as regiões. Bem, no centro-norte não há áreas para investimentos realmente lucrativos com insumos modernos, próprios para terras férteis; salvo alguns grandes projetos específicos - florestal na Amazônia, gado em Goiás e Mato Grosso não há mais nada.

Por isso, a modernização está concentrada na região sul: nessa área que é, para os platinos, o "próximo sul" brasileiro. Aí a modernização não é um projeto, é uma realidade arrasadora, um processo irreversível de consequências previsíveis. E no coração desse processo está a soja: 600 mil toneladas em 1966, 1 milhão em 1969, 3 milhões e meio em 1972.

A soja é uma leguminosa e também oleaginosa, dá óleo. Mas suas possibilidades estão hoje muito abaixo de suas extraordinárias utilidades alimentares: pode-se extrair dela dezenas de produtos, entre os quais o leite de soja, tão bom para alimentação infantil como o leite materno.

Abaixo de sua utilidade porque o Brasil planta soja para exportá-la em grão. Também é a política comercial dos Estados Unidos que dá à soja um destino concreto: alimentar rebanhos.

Isso implica num enorme desperdício de energia: uma dupla transformação para que o homem, por hipótese, consuma proteínas animais, quando pode consumir diretamente a proteína da soja.

O Brasil aceita - por enquanto - as regras do jogo. Só industrializa o grão necessário para seu consumo de óleo, e vende o resto, principalmente para o Mercado Comum Europeu.

O preço da soja triplicou em 1974, pois caiu a produção de farinha de pescado no Peru e a colheita de soja nos Estados Unidos foi pequena. A especulação das multinacionais com produtos primários, especialmente cereais, também ajudou.

Assim se explica que a área semeada no Brasil em 74 tenha sido muito maior que em 1973. Em 74 a produção passou dos 7 milhões de toneladas: 17 vezes maior que em 1964. A safra atual será de 9 ou 10 milhões de toneladas, quase 20% da produção mundial.

Descontados 3 milhões de toneladas para a indústria (600 mil toneladas de óleo para consumo), sobram pelo menos 6 milhões de toneladas de grãos: a 250 dólares por tonelada, um total de 1,5 bilhões de dólares numa só safra. E mais o

"farelo", subproduto do óleo (2,4 milhões de toneladas), também exportado na maior parte.

Compreende-se que o cultivo de soja para exportação tenha provocado no Brasil uma união de esforços - créditos governamentais, investimentos privados, enorme provisão de insumos - que possibilitaram ampliar as áreas cultivadas e ocupar novas terras em pouco tempo.

Para se ter uma pequena idéia do que é a movimentação do grão, basta ver esta notícia do **Correio do Povo**-Porto Alegre, 22 de janeiro: "O superintendente da Rede Ferroviária Nacional afirmou que não haverá problemas para o transporte do produto. Serão utilizados 3 mil e 200 vagões para transportar os 4 milhões de toneladas que se produzirão no Rio Grande do Sul e os 3 milhões do Paraná. No Rio Grande do Sul chegarão ao porto de Rio Grande, e no Paraná, ao de Paranaguá. Se não entenderem: tudo o que tiver roda será posto em circulação".

O cultivo da soja é muito prático, de fácil adaptação em climas temperados.

O cultivo começou a se expandir no Brasil a partir do planalto médio do Rio Grande do Sul, provavelmente a única mancha de terras profundas e férteis, sem florestas, de todo seu enorme território. Nesses lugares (Cruz Alta, Carazinho, etc) o trigo chegou primeiro, nos anos 40.

Quando essa "mancha de terra" foi totalmente ocupada, os recentes empresários do sistema soja trigo, fortalecidos, penetraram na "nova colônia" do Rio Grande do Sul - Misiones e Alto Uruguai - onde os descendentes dos primitivos colonos alemães (1824) e italianos (1875) à força do fogo e do machado, tinham conseguido eliminar a exuberante floresta nativa que cobria aquelas terras férteis de origem basáltica, dedicando-se às lavouras tradicionais de milho, feijão e mandioca.

Os agricultores economicamente mais fracos - e eram quase todos nessa área de minifúndios - foram rapidamente expulsos de suas terras ou proletarizados pelo pujante empresário mecanizado do sistema soja-trigo.

Mas a fome de terras para soja não parou aí. Atacou também a floresta virgem ou pouco devastada do oeste do Paraná. Sendo tão lucrativa, a soja admite projetos caros que implicam inclusive no desmatamento de grandes áreas por meios mecânicos.

O processo mantém hoje em dia um ritmo vertiginoso, se bem que a implantação da soja remonte a 1950, a modernização acelerada ainda não completou 5 anos. As cifras testemunham isso: em 1970 se colhia apenas um milhão de toneladas, agora já se fala em 10 milhões.

Já são quase 8 milhões de hectares cultivados no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (área equivalente à metade do Uruguai).

O capitalismo dependente, apoiado na modernização, não exclui métodos selvagens de expansão econômico-financeira, e não há dúvida de que a dinâmica da soja dá bom exemplo disso. É certo imaginar que tal processo de expansão gere resistências, mas que força é capaz de enfrentá-lo quando são as multinacionais que se empenham nele?

Em Ijuí, por exemplo, velha zona de colonização alemã no Rio Grande do Sul, chegou-se a vender o hectare de terra a \$ 20 mil.

No oeste do Paraná - floresta virgem até há muito pouco - considera-se normal o preço de \$ 12.000 por hectare. Em Santo Angelo, um dos tres principais polos

agropecuários do Rio Grande do Sul, em plena zona **misionera**, os preços médios já estão em torno de \$ 8.000 o hectare (O Globo, Rio, 3 de março de 1975).

No Uruguai, entretanto, os japoneses compraram 22 mil hectares entre Laguna Negra e o Atlântico a 400 dólares (\$3.200) o hectare (**El País**, Montevideo, 15 de janeiro) e no norte e noroeste o preço chega a 200 dólares o hectare. Não é demais pensar desde já no incentivo que podem significar para as empresas brasileiras essas terras férteis, planas e sem bosques, a tais preços.

Em síntese: a modernização agrícola brasileira centraliza-se na zona do alto Uruguai, Iguazu e oeste do Paraná e se baseia na monocultura mecanizada da soja. Atinge, pois, necessariamente, também as zonas fronteiriças com Paraguai e Argentina.

O cultivo pode ser alternado com o trigo, pois seus ciclos vegetativos são complementares e as mesmas máquinas servem para semear e colher um e outro. Como se sabe, o fator mais significativo nos custos de uma agricultura moderna é a mecanização; ao utilizar os mesmos tratores, arados, semeadeiras e colheitadeiras, o custo cai sensivelmente.

A modernização resulta de verdadeiro "pacto social" entre os grandes proprietários da terra e os donos da maquinaria. Por trás desse "pacto" estão, evidentemente, os grandes consórcios internacionais fornecedores de insumos e compradores de colheitas; assim, por exemplo, na industrialização do óleo está a Anderson Clayton, a Bunge e Born, etc.

Esses consórcios estão, agora mesmo (julho), especulando com o preço da soja. As multinacionais dos grãos de Chicago e o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos anunciam, no início da semeadura, uma colheita americana recorde de 40 milhões de toneladas. Automaticamente os preços do mercado de Chicago caíram 180 dólares a tonelada; justo no momento em que o Brasil começava sua colheita. A Carteira de Comércio Exterior do Brasil tenta amenizar a exportação através de cooperativas, porque se a colheita fosse muito grande poderia haver um grave estrangulamento de transporte e armazenagem: isso adiaria a comercialização e as exportações até setembro ou outubro, coincidindo com a colheita dos Estados Unidos.

A soja origina diversas formas de deslocamento e/ou substituição: substitui outras culturas ou sistemas de produção diferentes e desloca gente há muito fixada nessas terras, onde faziam policultivos de subsistência alterando radicalmente suas dietas alimentares.

As principais consequências econômicas: substituição do café, do milho e o deslocamento do gado.

A substituição do café se dá sobretudo no noroeste do Paraná e São Paulo, apoiada em tres coisas ao mesmo tempo: 1) o ataque da ferrugem, praga que atingiu gravemente as plantas; 2) a política de erradicação de cafezais nessas áreas marginais onde são frequentes as geadas (nos últimos 3 anos recomeçou o estímulo para plantar café, mas em terras altas livres de geadas, sul de Minas Gerais, por exemplo); 3) queda dos preços internacionais; o café é um produto dispensável e os grandes países importadores, como Itália, restringiram as compras.

As áreas de soja ficam nas zonas tipicamente de milharais; mas no Brasil o milho é uma cultura de muita mão de obra e difícil mecanização. Então o milho foi substituído. Isso repercute gravemente na produção de suínos da zona; a suinocultura realmente produtiva está no sul, e todos os excedentes da produção de milho do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul para lá se destinam. De alguns anos para cá, o Rio Grande do Sul teve de comprar milho do Paraná para manter o melhor rebanho de porcos do Brasil. Já se começa a notar a queda na produção de porcos, problema sério para a dieta popular do brasileiro (arroz-feijão-toucinho).

A zona de gado era, principalmente, o Rio Grande do Sul; agora está decaindo e se desloca até o lugar que lhe deram: no Norte, em terras menos férteis, cujas pastagens são enriquecidas com fertilizantes. Porque não pode haver gado em terras que valem mais de \$ 8.000 o hectare quando usadas para cultura de alimentos básicos.

Não é demais pensar, portanto, no uso que ainda se faz das terras argentinas e uruguaias, onde zonas de solos profundos e altamente férteis continuam dedicadas à pecuária extensiva e a invernações em campo natural.

As consequências sociais da expansão da soja estão ligadas à expulsão dos camponeses minifundistas e à substituição de alimentos básicos.

O êxodo rural do sul do Brasil ocorre sozinho ou aliado ao cultivo da soja. Sozinho, como resultado do irreversível fenômeno de crescimento urbano - explosivo no Centro-Sul - onde no fim de uma década a população urbana cresceu de 40 a 60% da população total.

Essa gente que foi para as cidades em busca de trabalho deixou de produzir seu alimento. Há, pois, uma primeira crise alimentar que atinge todas as populações marginais das cidades, porque o Brasil diminui sua produção de alimentos populares devido à migração de camponeses, que antes se dedicavam a esses cultivos de subsistência.

Um novo proletariado aparece hoje na periferia das cidades (principalmente de São Paulo e Paraná); os "volantes", dependentes dos "empregueiros" ou intermediários que contratam trabalho com os proprietários ou as empresas. Estes volantes são também chamados "boias-frias", porque levam sempre fria sua pequena marmitta, de um lugar para outro.

O êxodo rural associado ao cultivo da soja causa diretamente outro deslocamento: dezenas de milhares de proprietários minifundiários tem se radicado, nos últimos 5 anos, em outras terras, inclusive além-fronteiras.

Não se deve esquecer que somente no Rio Grande do Sul, numa área apenas uma vez e meia maior que a do Uruguai, havia 520 mil estabelecimentos rurais em 1970 (contra 77 mil no Uruguai nesse mesmo ano). E também que o latifundiário das áreas virgens tinha uma quantidade de trabalhadores aos quais concedia terras para que com o produzido se alimentasse, abastecesse o próprio estabelecimento e comercializassem o excedente. Com o desaparecimento de tais dependentes, o patrão não mantém o cultivo anterior porque seus rendimentos são muitos baixos.

Assim, muda a dieta alimentar do brasileiro de classe baixa. O grande prejudicado é o feijão. Os rendimentos não deixam dúvidas: se produz 500 a 600

GO HO HOME



Os caminhos da produção brasiguaya: de Asunción a Paranaguá são 1.260 km; Paso de los Libres a Rio Grande, 900 km; e de Colón a Rio Grande, 700 km.

quilos de feijão contra 1200, 1300 quilos de soja por hectare numa mesma área; até os camponeses médios optam pela soja, mesmo que não utilizem insumos modernos.

Em 1974, a produção de feijão foi de 2,50 milhões de toneladas, um pouco menos que os 2,55 milhões de 7 anos antes; e os rendimentos baixam tanto quanto os preços que o produtor recebe, enquanto o consumidor paga cada vez mais caro, devido à insuficiência da oferta global, manipulada pelos intermediários.

Outro alimento popular como a mandioca — consumida diariamente como farinha — já tinha sofrido um processo de substituição, impulsionado pelo trigo. E como a sociedade humana não dá passos para trás em seus níveis alimentares, a meta brasileira atual é se auto-abastecer de trigo, o que é um desafio: parece que o Brasil já chegou aos 3 milhões de toneladas, mas precisa agora de 4,5 milhões para se abastecer e as necessidades vão continuar aumentando.

Dos produtos imprescindíveis para 4 de cada 5 brasileiros, resta finalmente o arroz. E há indicações recentes de que também com ele as coisas não vão muito bem. Na última semana de janeiro deste ano houve em Encontro Estadual de Rizicultores em Itaquí, Rio Grande do Sul; participaram 556 produtores e ao abrir sessões o Presidente da Mesa disse: — Não aceitamos a marginalização econômica e social do setor primário.

A agropecuária brasileira está carente de uma política agressiva para sua revitalização econômica e social; precisa de estímulos iguais aos concedidos à organização industrial e comercial, se é que se deseja evitar um colapso no abastecimento de alimentos e de matérias-primas". (Folha da Tarde, Porto Alegre, 28 de janeiro).

Nas mesmas sessões se denunciava a existência de mais de um milhão de hectares improdutivos, só no Rio Grande do Sul.

Sintetizando: sem reforma agrária — elemento básico para redistribuir a renda — é pouco alentador o panorama alimentar para o brasileiro médio e principalmente para o pobre, isto é, para os 50 milhões de habitantes que hoje possuem apenas 15% da renda nacional.

O problema é grave. Um país tão extenso como o Brasil não tem terras férteis suficientes para não precisar importar alimentos de áreas com vantagens comparativas notórias: Argentina e Uruguai. Daí que é importante resumir agora as projeções que a modernização expansionista da empresa agrícola brasileira tem sobre as áreas fronteiriças desses dois países.

Dezenas de milhares de camponeses brasileiros foram empurrados até a margem direita do rio Paraná, nesta década. Se diz que há 150 mil na fanfanja de mil quilômetros que vai de Bella Vista a Carlos A. López, e chegam à razão de 200 por dia nessas terras absolutamente similares às que vinham trabalhando em sua pátria.

E mais: por exemplo, 1 de cada 5 brasileiros seria representante direto dos grandes empresários. A União de Empresas Brasileiras sediada em Assunção — presidida pelo general brasileiro Sá Ta-

vares, que é ao mesmo tempo general do exército do Paraguai — comprou quase 200 mil hectares ao Instituto Paraguai de Bienestar Rural.

Os corredores de exportação (implantados pelo Japão, que controla o transporte marítimo com grandes barcos graneleiros e repete assim no Brasil o velho esquema britânico aplicado na Argentina e Uruguai) constituem uma forma integrada de diferentes sistemas de transportes — rodoviário, ferroviário, fluvial — que permitem a evacuação em massa da produção do interior até os portos exportadores.

São os pontos de ligação da fase produtiva com a fase agro-exportadora, e suas projeções são tanto internas quanto internacionais. Pode-se enumerar 4 corredores, de norte a sul: 2 do interior interno e 2 com influência transacional: Minas Gerais — Vitória para minerais; São Paulo — Santos para toda a produção paulista; Puerto Stroessner — Foz de Iguaçu — Paranaguá; Passo de los Libres — Porto Alegre — Rio Grande.

O corredor que chega a Paranaguá pode ser visto facilmente sobre o terreno: é só seguir a pista dos silos, porque já está montada uma infra-estrutura completa para movimentação de cereais, mediante a qual as grandes empresas comerciais com toda facilidade dentro do Paraguai (compram a melhor preço a produção e asseguram uma saída rápida e organizada).

O corredor de Paso de los Libres a Rio Grande tem como eixo o sistema fluvial da Lagoa dos Patos e mais a estrada Porto Alegre - Uruguiana, conectada com Paso de los Libres já na Argentina. Aí há um intenso tráfico de mercadorias, supercaminhões transportam maçãs e peras do Alto Valle do Rio Negro e Neuquén até as metrópoles brasileiras. Seu terminal definitivo será o já iniciado grande porto de Rio Grande.

Parece lógico pensar que toda a produção das Misiones e de outros lugares do nordeste argentino vão chegar ao Atlântico através do território brasileiro, e que devido a esse deslocamento a economia do norte e do leste do Uruguai será prejudicada.

Fatos políticos confirmam essas suspeitas: no dia 9 de março deste ano deu-se em Campo Grande o encontro Geisel — Stroessner. Entre os projetos para início imediato que acertaram estava a estrada Puerto Stroessner - Encarnación, financiada pelo Brasil. A potência do norte garante assim a saída, até Paranaguá, da produção da área paraguaia mais dinâmica; e as Misiones argentinas ficam desligadas do resto do país, porque de Encarnación a Posadas são apenas 150 quilômetros.

Também não é demais lembrar uma situação como essa na Bolívia: a conexão Santa Cruz - Corumbá - São Paulo - Santos fixa uma orientação definida para o comércio do leste boliviano.

Os formidáveis projetos hidrelétricos binacionais em execução, ou projetados sobre os rios Paraná e Uruguai, trarão outras tantas vias de comunicação. Porque com cada nova represa que se constrói fica estalecida uma ponte rodoviária e uma eventual via férrea, e assim aumentam as conexões leste-oeste.

Basta pensar no que vai acontecer com o rio Uruguai: antes de 1980 poderá ter

pontes de Puerto Unzué a Fray Bentos (isso vai acelerar a finalização da estrada 14 no Uruguai, que corta o país de oeste a leste), de Colón a Paysandu (onde já espera fiel e dócil a estrada 26 para servir de trânsito ao leste, noroeste e norte), de Federación a Constitución e Belén, de Paso de los Libres a Uruguiana; e também haverá uma ponte em São Pedro, água acima da ponte anterior.

São já notórias, até demais, as conexões da Mesopotâmia argentina com o ocidente da Bacia do Prata: via túnel subfluvial Santa - Fé - Paraná e grande ponte rodoviária Resistência - Corrientes.

O que vai acontecer, depois de 1980, ao porto de Montevidéu? Se pensarmos nas magras exportações transoceânicas de carne e lã, o panorama é sombrio.

Talvez para a Argentina seja importante manter um porto de bom nível e baixo custo de manutenção. A construção do complexo de Brazo Largo confirmaria essa hipótese.

Já se sente em Gualeguaychú (Uruguai) a euforia de um iminente salto adiante: antes talvez do término da ponte Puerto Unzué - Fray Bentos poderão estar instaladas 68 novas indústrias.

Pensar nas obras hidrelétricas da Bacia significa falar de 20 milhões de quilowatts — isto é, energia barata e abundante em curto e médio prazos.

Torna-se pois imprescindível desenhar também desde já a integração estável da agricultura dos países da zona e em particular de sua agro-indústria alimentícia. Porque, por exemplo, se Argentina, Uruguai e o sul do Rio Grande têm vantagens comparativas evidentes para a produção de carne bovina e leite, não se justificariam os grandes investimentos que o Brasil pretende fazer — Plano Polocentro — na muito difícil área de cerrado do planalto central cujo centro é Brasília. (O chamado Plano Polocentro está no começo de execução, numa área-piloto de 3 milhões de hectares em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, que vai precisar de muito fertilizante para melhorar as pastagens. Mas o "fertilizante" principal já existe: 1 bilhão de dólares japoneses para a implantação de um complexo agro-industrial binacional. "E sem reivindicar nenhuma facilidade fiscal para exportação dos lucros", segundo O Estado de S. Paulo de março de 1975. Um dado para comparar: o produto bruto interno total do Uruguai é 1 bilhão e 500 mil dólares.

Sintetizando: trata-se de uma corrida contra o relógio, e muito desequilibrada se se atenta aos recursos humanos em jogo.

Eis a situação demográfica do sul do Brasil em 1970, segundo o Ministério do Planejamento (em milhares de habitantes): Paraná 6.930, Santa Catarina 2.902, Rio Grande do Sul 6.665. Total: 16.497.

Desses quase 17 milhões que ocupam 580 mil quilômetros quadrados, 5 milhões têm mais de 10 anos, firmando a população ativa. Ao compasso dessa força de trabalho e das altas taxas de natalidade se aperfeiçoam as pontas de lança da civilização urbanizada do novo sul: Porto Alegre, 1 milhão de habitantes; Curitiba, 600 mil; Florianópolis, 250 mil; Pelotas, 200 mil; Santa Maria, Rio Grande e Bagé, 100 mil cada; Uruguiana e Livramento, 60 mil cada.

Só no Rio Grande do Sul nascem por ano tantas crianças quanto o total da população trabalhadora rural que está hoje nos campos de todo o Uruguai. E esse panorama demográfico pode se estender aos outros países limítrofes: na zona leste do Paraguai (Departamentos de Caaguazú, Amambay e Alto Paraná) há menos de 10 habitantes por quilômetro quadrado; na zona noroeste da Argentina (Chaco, Formosa Misiones, Corrientes e Três Departamentos ao norte de Santa Fé) a densidade é 6 habitantes por km quadrado; e aí estão apenas 3% da produção industrial do país.

O Uruguai não tem possibilidade alguma de fazer frente à maré demográfica e agrícola sul-brasileira. Serão pouco úteis, inclusive os freios jurídicos referentes a limites para que estrangeiros possam com-

prar terras nessas áreas de fronteira. Se a atual "integração" continuar no ritmo que vai, será difícil classificar de estrangeiros os bons sócios capitalistas.

Por ora, no norte uruguaio — ao estilo do que já dissemos ocorrer no extremo sul do Rio Grande do Sul — a barreira é estrutural: é o poder econômico e político do latifúndio pastoril. E não é verdade que o predomínio dessa mentalidade pastoril a nível nacional no Uruguai e Argentina é responsável direta pelo atraso geopolítico dos dois países? A estrutura latifundiária é capaz de resistir — apesar da baixa produtividade — à concorrência da agricultura moderna que depende de insumos caros: maquinaria, fertilizantes, etc. Mas ainda servirá de barreira quando as multinacionais que controlam o comércio mundial de grãos e insumos modernos decidirem outras políticas?

Em instâncias histórico-políticas diferentes — às quais se chegará inexoravelmente, mas com atraso — o Uruguai talvez pudesse tentar a reconquista de seu desolado norte; isto é, projetar, como tarefa patriótica um tipo de colonização fronteiriça que permitisse uma afirmação estável do homem uruguaio com sua terra. Há modelos bem sucedidos no país, como a Unidade Cooperária de Cololó, no departamento de Soriano, que justificariam projetar uma colonização autônoma.

E até a organização do tipo empresarial seria válida, com um Estado forte, nacionalizador e audaz atrás de si. Muitas vezes se pensou por essas latitudes que as explorações agropecuárias necessitam do proprietário presente no local, para aumentar o rendimento. O fenômeno da modernização brasileira mostra a possibilidade de quehaja proprietários fora e que a produção seja assegurada por administradores eficazes, com altos rendimentos devido à tecnologia utilizada.

Daí bastaria um pequeno salto de audácia governamental para conceber o próprio Estado como proprietário da terra, apoiado em assalariados seguros de sua fonte de trabalho e conscientes do papel histórico a cumprir.

Não se trata, é claro, de jogar um utópico papel histórico de "enfrentar" o Brasil e sim assumir a responsabilidade intransferível de contribuir para uma organização produtiva mais racional, com o fim de acompanhar dignamente os projetos de integração macrorregional e continental.

A era secular da exploração tradicional agrícola está quase no fim. E parece que vai ter a morte merecida: por inanição ou desmantelamento como acontece com os trastes já imprestáveis.

Morre num momento crucial da história latino-americana: o da substituição dos mercados transcontinentais pelos mercados regionais e continentais.

É um lindo desafio esse: empreender o desenvolvimento total da Bacia do Prata em benefício de seus 70 milhões de habitantes. Mas para chegar a isso há que revelar muitas incógnitas e resolver inúmeras contradições.

O que é realmente a integração? Com quem deve ser feita? Em que bases deve se estruturar? Qual é a perspectiva integradora que melhor se adapta aos países platinos? Essas perspectivas têm ligação entre si? Como se complementa essa "nossa" integração com os projetos geopolíticos da área do Caribe?

Trata-se de uma lista de perguntas que todo leitor atento pode ampliar e que devem formular-se os Estados e todos nós, com ótica nacional e sem esquecer nunca o papel que joga o imperialismo, abertamente ou mascarado pelas empresas multinacionais.

Uma coisa sim deve ser clara para nós, sempre: a integração deverá conduzir necessariamente a um desenvolvimento autêntico e não-dependente — e no econômico e social, político e cultural, técnico e científico — essa nova etnia de "criollos e gringos acriollados" que somos aqui no sul. Porque já é tempo, depois de 4 séculos de injustiças e prorrogações, que deixemos de ser um mero objeto da história e nos convertamos participantes ativos do comum projeto latinoamericano.



Entre o Largo do Pelourinho e o Terreiro de Jesus, pertinho da Baixa do Sapateiro, o brega do Maciel. Ali se reúnem mais de 2 mil pessoas - biscateiros, pivetes, ladrões, viciados, costureiras, alcoólatras. E moram as prostitutas da cidade. São 8 ruas, becos, ruelas, tombadas pelo Patrimônio Histórico Nacional (é o conjunto arquitetônico colonial mais representativo da América Latina). Até a metade do século passado era zona de gente fina, residência das melhores famílias de Salvador. Hoje, um dos maiores índices de tuberculose do mundo, está passando por um plano de restauração arquitetônica e social.

Dilton Mascarenhas fez as fotos. Baiano, 24 anos, estudante de Comunicação da Universidade da Bahia, fotógrafo há 2 anos. Antes, Dilton tentou ser repórter, mas não deu. Virou jardineiro, acabou comprando uma máquina fotográfica. Só sabia apertar o botão, resolveu se meter pelas ruas de Salvador, "fotografando gente, a melhor maneira de aprender". E fez este trabalho, O Fim do Brega do Maciel.

NAIRLÂNDIA OU JARDIM DA LIBERDADE

Por Tadeu Felismino

Dizem:

—A Nairlândia é a maior zona do Brasil.

Fica a 35 quilômetros de Londrina, Norte do Paraná, entre Arapongas e Apucarana, pouco mais que um quarteirão de casas, ilhado por um cinturão de mata: nas 40 casas do lugar, vivem mais de 200 pessoas - entre prostitutas, gigolôs, homossexuais e donos de boates. A área foi loteada há seis anos, junto à Prefeitura de Arapongas, por um japonês chamado Miyake, que lhe deu premeditadamente o nome de Jardim da Liberdade.

8 horas da manhã. Tempo de geada no Norte do Paraná. Um vento frio varre papel e bitucas de cigarros das duas ruas da Nairlândia - de terra, esburacadas, a rua das Rosas e a das Margaridas. Com o tempo, ficaram sendo rua de Cima (Rosas) e rua de Baixo (Margaridas).

Afora os cachorros, esparramados por tudo quanto é canto sob o solzinho da manhã, não se vê mais ninguém. As casas estão fechadas. Mais da metade de madeira, pintadas com tinta que descorou e descascou. Montes de lixo reclamam visitas semanais dos caminhões da Limpeza Pública de Arapongas, para quem Nairlândia paga - muito a contragosto - uma série bem comprida de taxas e impostos.

De dentro de um táxi, estacionado ao lado do Maxing - a casa do Geraldo - um rapazola negro me flagra de máquina fotográfica nas mãos. Não sossegou enquanto não expliquei direitinho que era jornalista e não da polícia. Então, me convidou a entrar no carro e me esconder do frio, até o seo Vicente abrir o bar.

—Meu nome é Adelino, mas todo o mundo me chama de Tico, ou Negrinho!

18 anos, vesgo, filho de inspetor de Polícia em Maringá, camisa rosa encardida e cheirosa de suor, mal dormido:

—Tomei sereno, meu!

Ele estende na palma da mão 3 fotografias 3 x 4 e explica:

—A loira é a matriz e as duas morenas filiais. Por pura falta de sorte as 3 engataram cobertor de orelha pra noite inteira.

E o neguinho tomou sereno porque, entre dormir sozinho num quarto de zona e dormir dentro de um carro, é muito mais digno dormir no carro. A preocupação com a Polícia tem explicação. Na noite anterior teve batida.

—Eles vieram atrás do Carlão, sei lá por que - ele é gente boa, saca? também não sei onde ele se enfiou na hora, porque eu tive que cair no mata. Uma vez me pegaram bodando num quarto e me levaram. Naquele dia foi uma limpa geral. Todo mundo tava bodando. Por aqui, homem não pode bodá, saca?

Bodar significa dormir, descansar.

—E quando a Polícia pega, o que acontece?

—Sempre eles pedem grana. No fundo



eles tão é a fim de grana. Cê sabe, né, samanca não ganha nada. Se você não tem eles te levam pra cadeia e te deixam lá um ou dois dias, bodando. Porrada na gente eles não dão, que eles conhecem a gente, saca? Tem muito samanca que vem passar as férias aqui no brega. Chega aqui com as férias na mão, dinheiro vivo, e só sai pra voltar pro trampo, duro ou com dinheiro das mulhé.

Neguinho conheceu o brega quando morava com a família, em Apucarana. O pai largava o carro na mão dele todo fim de semana e ele baixava na zona com os amigos. Depois foi ficando, foi ficando, a família foi para Maringá, ele disse que ia trabalhar e morar em Arapongas e ficou na Nairlândia duma vez. Reconhece que a prostituta gosta do cara enquanto ele é novo e dá no couro e que "depois, conforme a gente vai brochando, elas jogam a gente pras traças". Chega mesmo a argumentar que "isso aqui não tem futuro", para traçar seus planos: Voltar logo-logo a estudar, retomando o fio da meada a partir da segunda série, onde parou no ano passado, e, se Deus quiser, virar engenheiro eletrônico um dia.

Lá pelas dez horas os gigolos começam a sair das casas. Eles aparecem no meio da rua, se espreguiçando debaixo do sol, e vão direto ao bar do Vicente, tomar o café. Dum canto do bar, um quarentão esquelético olha demoradamente as pessoas e as coisas. Fuma vagarosamente um cigarro em cima do outro, encolhido no seu canto. Não fala nem ri, apenas olha e escuta. Se consultado, resmunga respostas curtas, que o pessoal do brega entende.

—É o Fitético - cochica Neguinho.

Depois de muitos anos motorista de táxi desquitou-se da mulher em Minas Gerais e veio trabalhar no Norte do Paraná. Há seis anos quando uma prostituta veterana chamada Nair abriu as primeiras casas, ele veio ser o seu motorista particular. Mas em menos de dois anos a "gorda safada" — como é lembrada hoje a fundadora — quebrou de dívidas e teve que correr dos credores. Com o que lhe sobrou, ainda conseguiu fundar, perto de Apucarana, uma boate de primeira, onde só os carpetes custaram mais de 20 mil cruzeiros. Mas o dinheiro não dava para tanto e hoje, segundo se comenta, ela está inaugurando novo empreendimento no es-

tado de Goiás.

Fitético ficou, depois de receber na Justiça os 1.700 cruzeiros que Nair lhe devia. Nairlândia cresceu e prosperou. Já teve tempo que 300 mulheres — as melhores do país, dizem — pararam de uma vez só na zona de Arapongas. Foi o tempo dos coronéis, que não vai muito longe. Vinha delegado daqui, promotor dali, juiz de não sei onde, médicos, fazendeiros de tudo quanto é canto do Norte do Paraná. E o transporte de toda essa gente graúda, que fechava as portas das boates para festejar sozinha com as mulheres, era o Fitético quem fazia. Viajava noite e dia sem parar, acordado à base de estimulantes.

De uns meses para cá começou a emagrecer sem parar e abandonou a profissão. Vive plantado ao lado das rodas de gigolôs, olhando e escutando. Mantém os cabelos, já brancos, sempre aparados, e um topete igual ao dos pleibóis da década de 50, quando ele estava na casa dos 20. Veste-se impecavelmente: calça de tergal com vinco, camisa branca com riscas discretas, paletó de tergal e sapato "cavalode-aço" (desses com sola grossa e saltinho), verniz lustrado.

—Ouvi dizer que ele tá intoxicado, saca?

E os gigolôs:

—O, Fitético! Ouvi dizer que você morreu na semana passada. O que houve? Esqueceu de cair?

Dizem que já é impotente, mas que continua procurando as mulheres.

Dentro do bar todo mundo fuça as prateleiras, toma do café passado agorinha no coador, come doces, bebe pinga e conhaque. O dono ainda não levantou, mas todos deixam na gaveta o preço da compra: café em copo de aperitivo, por um cruzeiro a dose, sodinha por dois cruzeiros.

Só depois do meio-dia as mulheres começam a aparecer. Procuram lugares ao sol e ficam ali, em pé ou de cócoras, sonadas. Nas varandas, prostitutas aposentadas ou gigolôs servis manejam vassoura, rodinho e escovão.

A principal roda forma-se ao lado do bar do Vicente, na varanda de uma casa abandonada há pouco tempo. O assunto do dia é a batida da polícia, na noite anterior.



De repente, aparece no meio da roda uma criança, dizem que a única do lugar. É o Jefinho, filho do Geraldo e da Iná, casados no civil e no religioso e com residência estabelecida no Maxing, por força de circunstâncias financeiras adversas. O menino pula de colo em colo e comanda a festa. Não estranha ninguém. Fala tudo, aos 2 anos e meio.

—Cuidado com o que cê pia na orelha do Jefinho. O safadinho deda tudo, cochicha Neguinho.

2 horas da tarde. Pelas ruas da Nairlândia as mulheres circulam, sem maquiagem, mais dispostas. Mulheres bonitas e feias, novas e velhas, negras e brancas, gordas e magras. Vestem poucas roupas, algumas têm as pernas manchadas. Mas mais parecem adolescentes de quermesses dominicais, em paróquias de vilas e cidades pequenas. Andam juntas, algumas de mãos dadas, e tiram soslaio para os lados das rodas, onde outras mulheres já tomam conta dos seus amigos. Outras carregam radinho à pilha, sintonizando programas de música.

O vernáculo, mesmo em rodas mistas, não é respeitado. Parece que a Nairlândia

criou a sua linguagem oficial, própria, para o que incorporou definitivamente a gíngua, a manha, o humor, o trejeito e o palavrão.

Do lado de baixo da rua de Cima encontro uma mulher, que se despede da Nairlândia. É a Beth, 22 anos, dentadura e malas prontas.

—Tem muita mulher indo lá pro oeste do Paraná. Diz que com a soja, o trigo e a usina (Itaipu), dinheiro tá crescendo em horta. Mas não sei se vou prá lá ou prá São Paulo. Na rodoviária eu decido.

—Neginho, quem é o prefeito daqui?
—Sei não, saca? Acho que pode ser o Geraldo.

Paraguaia é uma prostituta aposentada, a mais antiga da Nairlândia. Depois de correr o mundo, veio encerrar a carreira aqui, há 6 anos, ainda no tempo da Nair. Lenço na cabeça, o inevitável batom vermelho, base sobre as rugas do rosto, ela varre a varanda do Maxing, faceira e apressada como qualquer dona de casa zelosa.

Vou encontrar o Geraldo, pai do menino Jefinho, na porta do banheiro,

toalha no pescoço, escova de dentes numa das mãos. No salão, um músico do Maxing dorme, metido até a cabeça debaixo de um cobertor xadrez. Benedito, um gago de 50 anos, desdentado, barbicha cerrada e chapéu de palha desfiado (um protótipo do Jeca Tatu), ajuda Paraguaia na arrumação da casa. Mineiro, sem família e sem casa, veio parar na Nairlândia por acaso, dias atrás, e pensa em ficar. Na cozinha, uma menina de uns 16 anos mexe uma canja no fogão a gás.

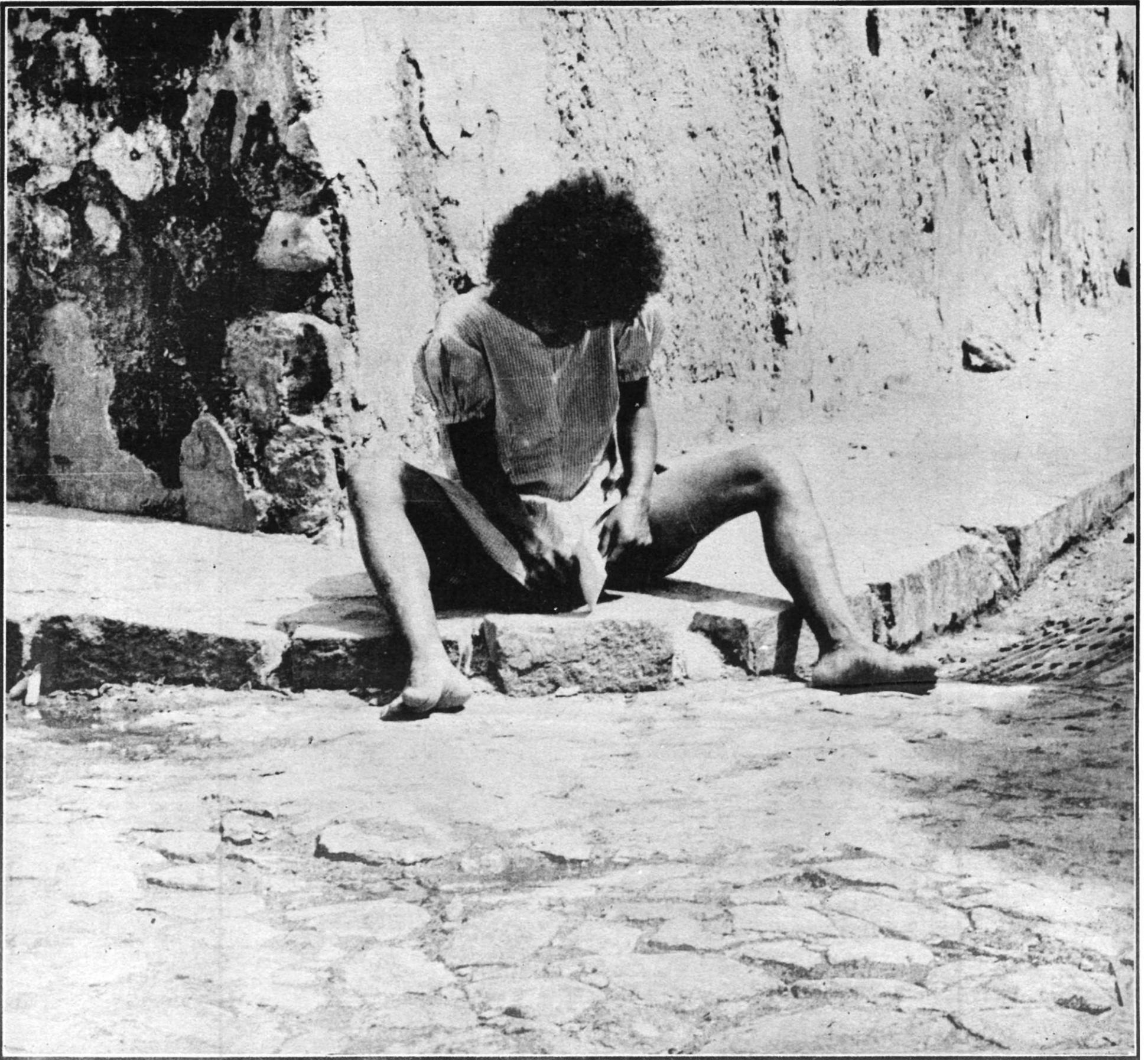
Sobre o papel de parede do Maxing, com florzinhas de um verde descorado e encardido, manchas de terra roxa. Num canto, parte dos instrumentos d'Os Invictos (o pessoal do Conjunto, que tem amigas na Nairlândia, toca diariamente no Maxing a 180 cruzeiros. Nos fins de semana vão animar bailes de clubes familiares, em cidades da região). No outro canto, uma velha vitrola.

Geraldão entra no salão. 1,80m, envarretado, calmo e sério, pernas grossas dos tempos de jogador profissional, negro. Apesar dos 39 anos, alguns fiapos brancos se insinuam na cabeleira, vasta e encarpinhada. Veste-se com simplicidade,

mas não deixa de ser elegante. Começou a carreira em Bauru, no Noroeste, aos 17 anos. Becão vigoroso e raçudo, foi logo parar no São Paulo, onde só perdeu a posição para o Monte Rey, onde viveu momentos de glória, mostrando o seu futebol para os mexicanos. No final da carreira - que durou mais de 15 anos - voltou a jogar na América e saiu do futebol por onde entrou, no Noroeste de Bauru. Depois casou com a Iná, então empregada doméstica em Bauru, e entrou de cabeça no comércio com o dinheiro que tinha juntado na antiga profissão. Chegou a ter um empório com 3 portas de aço. Mas faliu em pouco tempo.

—Tenho o coração grande demais - discute o Geraldo, caprichando no português. - O fiado me arruinou.

Sem estudo - não conseguiu concluir o ginásio - teve que continuar se virando no comércio. Foi ser, então, administrador de um cassino em Bauru, introduzindo-se rapidamente nos ambientes noturnos. Depois disso ainda tentou entrar para a polícia, mas não conseguiu. Na época tinha passado 3 meses da idade máxima (35 anos).



Então veio para a Nairlândia, há mais de 3 anos, onde arrendou duas casas, mesmo contra a vontade de Iná.

—Quando eu cheguei aqui ainda havia muito dinheiro. Tinha muito bandido também, mas dava pra viver. Com o tempo o movimento foi caindo, o dinheiro desapareceu de repente e eu tive que ficar só com o Maxing.

Mas mesmo o Maxing está atolado em dívidas. Sem pessimismo ele faz uma previsão da sua falência:

—É bem possível que, antes mesmo da sua reportagem sair no jornal, eu já não esteja mais aqui.

Ele se tornou muito popular logo que chegou. Formou o Madrugada Futebol Clube, o time da Nairlândia, que chegou a jogar mais de 30 partidas sem perder nenhuma. Depois foi o redator-chefe do El Dedon, em princípio um mural semanal feito à mão, sobre cartolina, que ficava exposto no 2001, o bar do Urias. Mais tarde teve até números mimeografados em Arapongas e distribuídos em todo o brega, gratuitamente. Geraldo fala do jornal.

—O El Dedon é um jornalzinho que só diz verdades. Não ofende ninguém, mas deda e tira sarro em todas as pequenas verdades aqui do Jardim da Liberdade. Ele é feito de notas curtas, fáceis de ler, coisas que a gente fica sabendo nas rodas de bate-papo. Quando sai, todo mundo vai no Urias ler.

Ultimamente, com a falta de mercado para a produção, principalmente de café, do Norte do Paraná, o movimento de caminhões nas estradas tem caído muito. E uma grave crise de dinheiro tomou conta do Jardim da Liberdade. — como Geraldo insiste em chamar. Com isso, os problemas foram se acumulando e muita gente mudou para outros bregas. E daí o Madrugada FC faliu, depois de campanhas memoráveis; o El Dedon deixou de sair, a zona ficou mais triste. Mas Geraldo, com magnetismo e a sua liderança, conquistada naturalmente, continuou sendo o prefeito.

—Isso aqui é uma válvula de escape biológico e psicológico para a sociedade. Se não existissem as zonas você já pensou no risco que a sua irmã, sua mulher, sua

filha, sua mãe correriam ao sair na rua? O homem, por natureza, é mais impetuoso, precisa mais de sexo que a mulher. O homem, a própria sociedade, precisam disso aqui. No entanto, o que a gente vê é um preconceito contra a zona que não tem cabimento. A própria prefeitura marginaliza. Veja você que o Jardim da Liberdade é um loteamento comum da prefeitura de Arapongas. Aqui todos nós pagamos impostos e, aliás, muito mais do que todo mundo paga por aí. Pagamos Sicam, Funrespol, ICM, Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza, Alvará da Saúde Pública, Alvará de Licença da Prefeitura, e Imposto Predial, também pra prefeitura. E o brega não tem asfalto, não tem serviço de água, nem de lixo, nem de iluminação pública, nem de esgoto, nem nada....

6 da tarde. Localizo, no meio da rua, uma mulher morena, alta e magra, talvez a mais bonita que vi até agora em Nairlândia. No fim da tarde, caminha descalça pela rua de terra, com leveza. Usa roupas curtas e transparentes, tem os seios em-

pinados, o corpo inteiriço. O meu fascínio é cortado por um alerta do Neguinho, ao pé da minha orelha:

—Isso aí é homem, meu, saca?

Enquanto me refaço, ele descarta:

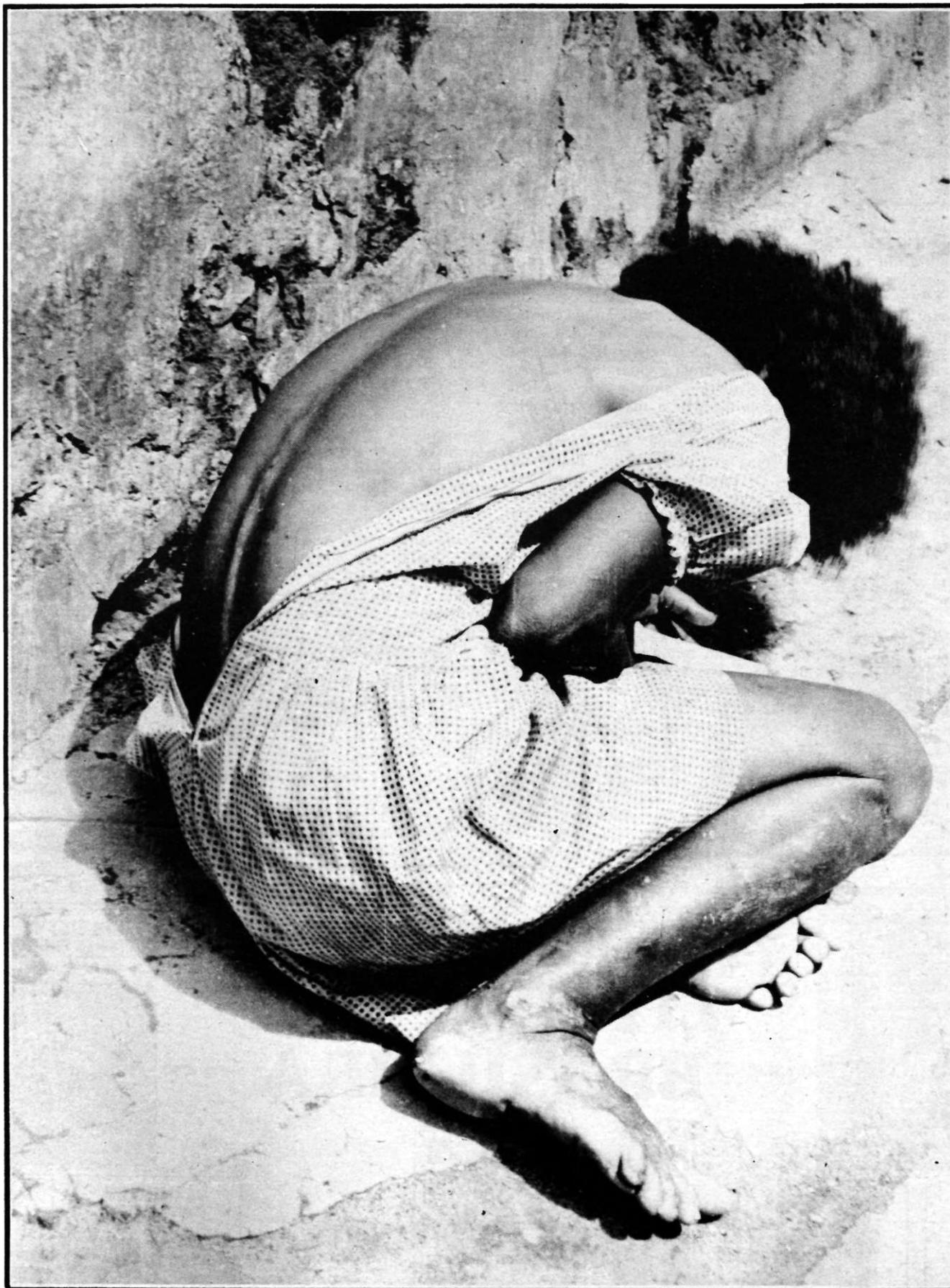
—Tem duas dessas aqui. A outra mora na Carmem.

Desço para a rua de Baixo, a das Margaridas, rumo à roda de baralho do Nelson-Gordo, o dono do empório. No caminho sou saudado:

—O repórter gostoso!

Dou as explicações pedidas sobre o meu trabalho, invariavelmente acabo deixando alguns cigarros e vou-me embora, com convite para voltar depois das 2 da madrugada, quando acabar o movimento.

8 da noite. Carlão é o sujeito que, segundo o Neguinho (de manhã) estava sendo procurado pela Polícia na noite anterior. Tem 24 anos, estatura mediana, barba esfiapada, nariz vermelho de resfriado, cabelos castanhos em desalinho. É



feito. Mas tem um jeito alegre e sincero de falar, de sorrir e de olhar para as pessoas.
—Meu velho é rico paca.

No bar da rua de Baixo, ele me conta sobre a batida policial da segunda-feira: coisa de algum "dedo-duro".

—Taí um tipo de gente que eu não aguento. Tem um moleque por aqui, o Jesuíno, que andava tirando uma de cagueta. Outro dia juntei ele na porrada aqui em baixo e fui marretando ele até lá em cima.

Mariza não larga dele, é a sua amiga.

Fico conhecendo, através deles, duas normais básicas de fidelidade: 1) Homem não pode transar outras mulheres. 2) A mulher não pode dormir de graça nem permitir que qualquer outro homem passe a noite em sua cama. A vigilância é recíproca e invariavelmente envolve um ciúme doentio.

—Cê tá vendo essa garrafa - explica Carlão, didaticamente, com um vasilhame de coca-cola na mão - Cê acha que tem alguma coisa de mais vender o gargalo dela por 50, 100 contos? Não, né? Pois é isso, meu: com outros caras tua mulher é

como uma garrafa dessas. Ela só vira pessoa, gente, mulher de corpo e alma, quando vai com você, saca? É isso que é. Cê já viu coisa mais linda que a palavra puta?.

Mas ele dorme todo dia das 9 da noite às 2 da madrugada, para não ver Mariza ir para o quarto com outro homem. Da sua parte, ela também tem uma saída.

—Fico olhando pro teto, saca? Não acontece nada...

As prostitutas na Nairlândia ganham em média, 2 mil cruzeiros por mês. Essa quantia tende a subir para até 3 mil nos meses de calor e a cair para mil cruzeiros, no inverno, quando diminui o movimento. Parte do dinheiro Mariza dá para o Carlão - "pro cigarro e pros pingão", outra ela gasta com os mascates que aparecem diariamente no brega e a última fica guardada. Eles pensam em sair da Nairlândia um dia - quando o Carlão tiver lá pelos 28 anos - com um filho e dinheiro deles para começar a vida. Mariza está com 22 anos.

Já é noite na Nairlândia. Subitamente as ruas estão de novo desertas, tomadas pelos cachorros. As casas estão fechadas e

poucas são as luzes acesas. No Bar do Urias os gigolôs assistem "Meu Rico Português" pela televisão.

Na minha cabeça uma dúvida elementar começa a ganhar corpo: onde é que eu vou passar a noite. Em princípio, a perspectiva de comprar uma mulher e usá-la como um objeto me parece abominável.

9 horas. Um clarão vermelho, sensual e pecaminoso se ergue da Nairlândia, embalado por Altemar Dutra e outros românticos. As prostitutas estão transformadas: a maioria aparece nos salões de peruca, o rosto intensamente maquiado. Nas janelas, nas portas e varandas elas se oferecem. A Nairlândia virou uma grande feira.

Na primeira casa, a Carmelândia, encontro sem muito susto uma velha conhecida, irmã de uma ex-namorada minha. Chegou a cair na gandaia em Londrina mesmo, depois de uma vida recatada até os 22 anos. Moça de classe média, sem muito estudo e sem perspectivas mais animadoras de casar, deu de passear à noite no Copão, bar noturno de Londrina. Depois, deve ter recebido pres-

sões familiares e fugiu pra Nairlândia com o músico de um conjunto que animava as noitadas do Copão. Está com ele até hoje e me pede para não espalhar em Londrina o seu paradeiro, que a família deve estar procurando, "mas eu tô legal aqui".

Nas ruas, defronte as casas, um número razoável de carros, vindos principalmente de Arapongas e Apucarana. Os mais elegantes vão direto para o Samambaia, a única boate com estacionamento próprio, tapete no chão, garçom, lustres, sala de espelhos e, enfim, todos os requintes e a discricção de uma boate de primeira.

Deu sono. Do outro lado da rua, numa janela, uma mulatinha chamada Paula agitada e fogueteira, reforça em altos brados, o convite que me fez à tarde, para procurá-la depois das 2 da manhã.

A iminência de uma cama chega a me comover, mas ainda não me habituei com a idéia de um ato sexual a troco de dinheiro. Enquanto caminho pela Nairlândia, vou buscando outras saídas. Acabo deixando essa meditação para mais tarde.

Por enquanto, estou mais preocupado em me virar por aqui mesmo. Talvez "en-



gatar uma mulher pelo coração" - como se diz por aqui, e ganhar a cama dela. Esta seria uma saída, para quem não gosta da idéia de "comprar" uma mulher. Mas não sei se seria honesto praticar o sexo pelo sexo, sem a base de conhecimento, afeto, sentimentos. E, o que é pior, não sei se conseguiria "engatar uma mulher pelo coração". Acabo me decidindo a baixar na casa da Paula com 2 horas de antecedência.

Meia-Noite. No caminho, paro em frente da boate Zélia-Nena. Entro e encontro uma mulher negra, sentada num canto do salão, quieta, o olhar perdido no papel da parede. Com um paternalismo que fica meio ridículo em cima dos meus 20 anos, trato de puxar a conversa.

—E daí, nega, qualé o problema?

Ela se volta para mim um instante, dá um riso dissimulador:

—Nada, ué.

Já tinha visto essa mulher à tarde, muito mais disposta e descontraída. Lembro que tinha a testa grande, um rosto bonito de menina, dentes brancos, o corpo rígido, inteiro. Agora, enfiada até a metade da testa numa peruca alisada, o rosto lambusado de maquiagem, fica vulgar. Chama-se Roseli, mas é conhecida por todo mundo, desde menina, como Índia (por parte de mãe). Tem 24 anos. Tinha 21 quando se iniciou na prostituição. Aos poucos vai falando, sem pressa, a mão sobre a minha mão.

—Eu trabalhava numa gravadora em Londrina e tava gamada num dos donos. Mas daí o sócio foi chegando pro meu lado, como quem tá a fim de alguma coisa. Conhece o Celso da TV? Pois é, a primeira vez que eu fui, foi com ele, e continuei um tempão. Depois a gente começou a quebrar o pau, ele sempre dizia pra mim que queria me ver na zona pra depois ir pedir arrego pra ele. Larguei dele, mas ainda continuei transando lá em Londrina com outros caras que eu conheci. Conhece o Darei, também da TV? Pois é.

Ela se levanta, vai até o quarto e volta com um disco, trilha sonora da Novela Selva de Pedra. Coloca-o numa pequena radiola atrás do balcão e volta com um copo de uísque na mão.

—Tá ouvindo essa música? Sempre que eu escuto lembro duma amiga minha, que agora tá em Cianorte. Foi nesse salão aqui. Um amigo dela veio aqui, botou essa musica aí na vitrola e mandou ela fazer um estripitise pros amigos dele ver. Ela fez. Depois ele deu a maior surra nela, chamou ela de tudo quanto é nome e puxou o carro do brega. Era um safado.

Ela tem um perfil bem delineado, bonito. De Londrina ela veio para Nairlândia, onde ficou pouco mais que um ano. Depois foi tentar a vida em Faxinal, mas em menos de um mes estava de volta:

—Só dava matuto por aqueles lados. Desses caras que chega trepado num cavalo, picando fumo de corda e que enfia a mãozina fedida na tua cara. Detesto esse tipo de sujeito, que pensa que é dono da gente, saca? Também tinha muito desses coronel izibido, que te dá um copo de uísque e faz voce beber ali, na frente dele, na marra, sem gelo nem água dentro.

O salão tem luz negra, papel-parede com florzinhas vermelhas, balcão de madeira, geladeira, uma pia, a radiola atrás do balcão, sofá rodeando o salão, dois cartazes da Skol pregados na parede. Sinto a mão dela sobre a minha: é magra, forte, calejada por uma infância em la-

vouras de algodão, café e rami de Minas Gerais e São Paulo, antes de chegar ao Jardim Leonor, subúrbio de Londrina.

—Vamos dançar - proponho.

—Num sei dançar, saca?

Em compensação, desenvolve com destreza a arte de segurar o freguês, de mexer por baixo, com o quadril. Quanto a mim, passo bruscamente de confidente, de entretvedor, à posição de freguês, sentindo na pele os efeitos da arma secreta das prostitutas, na sua luta diária contra os invasores. É excitante, extasiante, uma espécie de arapuca. Dentro dela, me esforço para manter a calma, dominar a situação, sair dela mas não tem jeito. Tenho a impressão de que, se ela ficar um dia e uma noite seguidos aqui, eu fico junto. Aparentemente trato de manter a compostura.

Depois ela passa a mão na minha cabeça. Depois me beija na boca. Existe alguma coisa de maternal, de despretenhioso, nesse gesto. Intimamente acho isso estranho e engraçado.

A música termina e ela volta para o sofá, como se nada tivesse acontecido. Sinto-me como se tivesse sido despertado na metade de um desses sonhos que a gente quer ter até o fim. Dissimulo e vou para o sofá também.

O movimento vai arrefecendo na Nairlândia, por volta das 2 horas da madrugada. Ouço da varanda do Zélia-Nena, a voz do Geraldo trêmula, sibilante, melancólica, ao microfone d'os Invictos, encerrando a noitada do Maxing:

—O show...já terminou/vamos voltar à realidade...

Índia passa o trinco nas portas do Zélia-Nena. Sem fazer muita força e sem maiores explicações eu acabei ficando do lado de dentro.

O quarto é pequeno, bem arrumado: uma cama de casal, um guarda-roupa, uma televisão sobre uma pequena cômoda. Sobre a penteadeira um infinidade de frascos e uma cabeça de plástico, sobre a qual Índia deposita a peruca.

—Cê nunca pensou em se arrancar daqui, procurar um emprego, voltar pra casa do teu pai, qualquer coisa assim?

—Pra casa do meu pai eu não volto. Qualquer coisa é melhor que aquilo lá.

—E daí, o que voce pensa em fazer?

—Sei lá, viu? Eu queria ter uma casa jóia na cidade, sem marido e sem criança pra encher o saço. Só eu. Tem umas amigas minhas que tão em Londrina. Todo dia elas botam caderninho debaixo do braço e vão pra perto de escola, no fim das aulas da noite. Aí aparecem os caras a fim das meninas da escola e embarcam. Vou ver se entro nessa, lá pelo ano que vem, e consigo a minha casa. Se não der legal eu tenho que ir me guentando por aqui mesmo.

Ela se despe com destreza, maquinalmente. Tudo muito frio. Guarda as roupas em cabides e se cobre de roupas leves, transparentes. Levanto-me da cama para deixá-la deitar-se, também tiro as roupas e deito-me ao seu lado.

Resta no quarto a luz vermelha de um abajur. Por um momento ela ainda fica olhando para aquela luz, pesadamente. Parece adivinhar que a nossa conversa vai acabar aparecendo no jornal. Mas não teme:

—Meus parentes nunca vão ler o seu jornal, saca? Então não tem susto.

Gira bruscamente para o lado da parede e resmunga, antes de dormir:

—Rapaz, às vezes dá uma bruta vontade de sumir.

No quarto do outro lado do corredor, a Nena, uma das donas da casa, tosse desesperadamente, rouca e asmática. Ouço passos e cochichos no quarto ao lado. Começa a me dar uma agonia mórbida, incômoda.

Fui-me embora no dia seguinte, pouco antes do meio-dia. As mulheres ainda não tinham acordado, mas os homens estavam todos lá, perto do bar do Vicente, se espreguiçando debaixo do sol: o Neguinho, o Fitético, todos, como ontem. Passou um bom tempo, até eu conseguir me safar daquela agonia desgraçada.

A SEMPRE NOVA LITERATURA BRASILEIRA



Cr\$ 35,00



Cr\$ 40,00



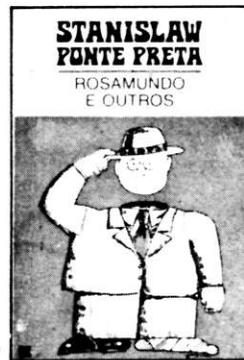
Cr\$ 25,00



Cr\$ 50,00



Cr\$ 35,00



Cr\$ 40,00



Cr\$ 40,00



Cr\$ 16,00



Cr\$ 30,00



Cr\$ 30,00



Cr\$ 40,00



Cr\$ 50,00

Lançamentos da
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA



Em todas as livrarias do Brasil.
Pedidos por reembolso postal:
Editora Civilização Brasileira S.A.
Rua da Lapa, 120 - 12º andar - RJ



O BANHO

POR NOAM CHOMSKY

Banhos de sangue atuais justificados por banhos de sangue passados deixam implícita a possibilidade de banhos de sangue futuros. A tese é de Noam Chomsky, norte-americano, 47 anos, considerado o maior linguista vivo. Para ele, o jogo de palavras dos porta-vozes da política externa norte-americana não consegue esconder as intenções bélicas de intervenção. E as intervenções são sempre violentas. Estamos reproduzindo a última parte do livro que Chomsky escreveu em 1974: *Banhos de Sangue Benignos e Construtivos*. Proibido nos Estados Unidos, foi editado na França. Esta parte chama-se *Documentos - O caso Colby: de Fênix até o Chile*.

Não podemos ficar parados vendo um país se tornar comunista por irresponsabilidade do seu povo! (Kissinger)

PRIMEIRO DOSSIE

(Jean Pierre Faye)

O caso da CIA no Chile

A intriga que envolveu Richard Nixon durante 17 meses se chamou Watergate. Quem se esforça atualmente para proteger Gerald Ford é a CIA. Saberá o novo chefe do Executivo dos Estados se desembaraçar rapidamente?

O caso, sabemos, estourou há alguns dias, quando o diretor dos serviços secretos, William Colby, admitiu que somas importantes tinham sido gastas por seus agentes para endurecer a vida do presidente chileno Salvador Allende, de 70 a 73.

Com franqueza bem americana - ou seja, um misto de candura e cinismo - o presidente Ford tinha deixado claro que tais intervenções faziam parte da realidade da política internacional, "a URSS faz isso do outro lado" e que serviam aos interesses do país.

Henry Kissinger também deixou claro que as atividades da CIA no Chile tinham por objetivo impedir o estabelecimento de um governo de partido único que ia eliminar os movimentos e os jornais de oposição.

O dedo na engrenagem

Éra de esperar. Longe de se intimidar com as "declarações" hostis de seus adversários, Ford e Kissinger meteram o dedo numa temível engrenagem. Depois de um cessar fogo de um mes, a influente imprensa liberal se lançou de assalto à Casa Branca. Cada dia trazia novas ondas de "revelações". Ontem, o New York Times escreveu: "A CIA financiou várias greves, como a dos donos de caminhões e de pequenos comerciantes que contribuíram amplamente para por fim ao regime de Unidade Popular em setembro de 73. Era necessário apoiar jornais e televisões ligadas aos meios anti-Allende porque, segundo um funcionário da CIA, "não adianta nada haver greves se ninguém fica sabendo".

France Soir, 22/74

A proposta do diretor da CIA. "Agir sobre uma situação por meios políticos ou para-militares".

Além das propostas sobre o Chile que transcrevemos do Le Monde de 24 de setembro, M. Colby disse numa entrevista ao Time:

- A CIA tem três funções principais: trabalho científico e técnico (de detecção), avaliação dos dados de um problema e informação clandestina. E mais uma quarta responsabilidade: agir sobre uma situação por meios políticos ou paramilitares. É uma atividade que segue as flutuações da política governamental. No caso, a tendência atual é para baixo - em termos de prestígio dessa atividade.



W. Colby explicou em seguida que a extensão das "operações camufladas" da CIA varia com os acontecimentos leste-oeste, independente da "detente". De fato, "pode acontecer alguma coisa perto de nós tão importante quanto longe por razões de política ou segurança. Pode-se imaginar ainda situações onde os interesses políticos fundamentais - sejam afetados de maneira negativa. Em certos casos, é mais apropriado usar uma ação de pequena convergência, como por exemplo iniciar relações com qualquer um que necessite nosso apoio. Mas insisto: não é nossa política no momento fazer isso nos cinco continentes".

A pergunta "que operação camuflada da CIA você considera um sucesso"? Colby responde: "O Laos. Para os Estados Unidos era importante que o país continuasse amigo e não caísse em mãos de elementos que nos fossem hostis. Em vez de recorrer ao nosso poder militar e empregar enormes esforços políticos, é preferível influenciar personalidades e grupos políticos capazes de controlar a evolução das coisas. O caso do Laos nos custou somas consideráveis, mas foi barato em comparação com outras maneiras de fazer o mesmo negócio".

Le Monde, 24/9/74

A CIA: é hora de voltar do frio

Pergunta: "Que lei internacional nos permite tentar transformar o governo constitucionalmente eleito de outro país?"

Resposta: "Eu não vou julgar a questão de saber se é permitido ou autorizado pelo direito internacional. É um fato reconhecido historicamente que tais ações são de interesse do país que as emprega".

Essa resposta brutal do presidente Gerald Ford, durante sua entrevista à imprensa semana passada foi excessivamente violenta ou excessivamente cândida. Ela deixou a impressão confusa - e o governo nada fez em seguida para dissipá-la - de que os Estados Unidos se sentem livres para subverter outro governo cada vez que a política americana resolve.

A pergunta fora feita depois da confirmação de Ford do seguinte fato: a administração Nixon autorizou a CIA a empregar 8 milhões de dólares na campanha de 1970-73 com o objetivo de ajudar os adversários do governo marxista de Allende no Chile. Até a semana passada, membros do governo Nixon e do governo Ford insistiam em negar qualquer implicação dos Estados Unidos na mudança do regime Allende. Eles continuam afirmando com insistência que a CIA não é responsável pelo golpe de 73 que levou Allende à morte e pos em seu lugar uma junta repressiva de direita.

Os membros do Congresso se sentiram ultrajados pela notícia, confirmado que mais uma vez haviam sido burlados pelo poder executivo. Mas importante ainda, o desenvolvimento da operação Chile ajudou a clarear o debate sobre a função da CIA e ampliá-lo no Congresso e no país.

Poucos homens compreendem esses choques de exércitos anônimos nos pontos obscuros ou conhecem a prática da arte da camuflagem melhor que W. Colby. (...) Depois de ter servido em Estocolmo e Roma, foi nomeado chefe no Leste Longinquo, divisão de Washington. Voltou a Saigom em 68 para pôr em prática o esforço de pacificação que incluía o célebre Programa Fenix. Em 1971, Fenix causou a morte de 20.587 membros e simpatizantes vietcongs, segundo as próprias contas de Colby...

Aparentemente, Colby é contrário aos trabalhos sujos. "Eu o chamaria um frio guerreiro esclarecido", disse um funcionário da CIA. "Mas não esqueçam que esse trabalho é frio".

Time, 30 de setembro de 1974

DOSSIE NOAM CHOMSKY

(Transmitido em 13 de outubro de 1974)

O chefe da CIA declara à Câmara que 8 milhões de dólares foram utilizados contra Allende entre 1970 - 73.

O diretor da CIA declarou ao Congresso que a administração Nixon autorizou a despesa de mais de 8 milhões de dólares para atividades secretas da Agência do Chile entre 70 e 73 para impedir o presidente Allende de governar.

O objetivo das atividades clandestinas da CIA - William Colby, seu diretor confessou numa sessão ultrasecreta do Congresso em abril último - era desestabilizar o governo marxista de Allende que havia sido eleito em 70.

O governo Allende foi interrompido em 11 de setembro de 73 por um violento golpe de estado no qual o presidente morreu.

Em sua exposição na Câmara, Colby revelou que a CIA interveio pela primeira vez em 1964, quando Allende era candidato de oposição a Eduardo Frei do Partido Democrata Cristão que aceitava a proteção norte-americana.

As operações da Agência, disse Colby, eram consideradas como teste para a técnica de uso de grandes investimentos de dinheiro para acabar com um governo antagonico do ponto de vista dos Estados Unidos. Contudo, há notícia de intervenções semelhantes da CIA em outros países antes da eleição de Allende.

Colby diz também que todas as intervenções da CIA contra o governo Allende foram aprovadas no início pelo Comitê dos 40 em Washington, uma instância suprema e secreta dos problemas de informação, chefiada pelo secretário de Estado Kissinger. O Comitê dos 40 foi instituído pelo presidente Kennedy num esforço para por sob controle do governo as atividades da CIA, depois do prejuízo com os exilados cubanos treinados e equipados pela Agência quando invadiram Cuba em 1961.

Uma audição especial

Os detalhes desse envolvimento da CIA no Chile foram a princípio fornecidos por Colby ao sub-comitê de Serviços Armados da Câmara, presidido pelo representante Lucien N. Nedzi, democrata de Michigan, durante audição especial de um dia, em 22 de abril de 1974. O depoimento foi colocado à disposição do representante Michel J. Harrington, democrata liberal de Massachusetts, que há muito tempo criticava a CIA. Harrington escreveu a outros membros do Congresso há 6 semanas para protestar contra as atividades clandestinas da Agência e contra a recusa de reconhecê-las por parte da administração Nixon, apesar de seguidos questionamentos do Congresso. A cópia de uma carta confidencial de 7 páginas enviada por Harrington ao representante Thomas E. Morgan, presidente do Comitê para assuntos estrangeiros da Câmara, foi colocada a disposição do New York Times.

O depoimento de Colby indica que personalidades oficiais de alto escalão no departamento de Estado e na Casa Branca de maneira deliberada e repetida enganaram público americano e Congresso sobre a extensão do envolvimento dos Estados Unidos nos assuntos internos do Chile durante os 3 anos de governo Allende.

A vitória de Allende foi ratificada pelo Congresso chileno em outubro de 70 e o departamento de Estado declarou mais tarde que a Administração tinha "rejeitado firmemente" qualquer tentativa de bloquear sua posse.

Mas Colby testemunhou que o Comitê dos 40 cedeu 350 mil dólares para tentar, sem sucesso, comprar os membros do Congresso chileno.

(...) Enquanto a CIA conduzia suas operações clandestinas, foram reduzidos os empréstimos bancários para o desenvolvimento da política de ajuda externa dos Estados Unidos como também os créditos dos bancos comerciais

americanos. Os créditos necessários para as compras de trigo - necessidades vitais - também foram reduzidos.

O presidente Allende queixou-se várias vezes do que chamou na ONU em dezembro de 72 "uma pressão estrangeira para nos desligar do mundo exterior, estrangular nossa economia e paralisar nosso comércio, nos privar do acesso às fontes internacionais de financiamento".

COLBY RECUSA QUALQUER COMENTÁRIO

Colby reconheceu durante uma breve conversa telefonica esta semana que havia testemunhado perante o sub-comitê Nedzi sobre questões de segurança, relacionadas com o envolvimento da CIA no Chile, mas se recusa comentar a carta de Harrington.

Nedzi, contactado em Munique onde estava em viagem de inspeção com outros membros do Comitê de Serviços Armados da Câmara, também se negou a qualquer comentário.

Harrington disse na carta que pôde ler duas vezes as 48 páginas da transcrição do depoimento de Colby praticamente sem tomar notas: "minha memória foi a única fonte para o que constitui a substância desse depoimento", escreveu.

O diretor da CIA disse também que depois da eleição de Allende 5 milhões de dólares foram cedidos pelo Comitê dos 40 para nos esforços de "desestabilização" de Allende em 71, 72 e 73. Mais 1 milhão e 500 mil dólares foi fornecido para apoiar os candidatos anti-Allende nas eleições municipais do mesmo ano (sabe-se que os candidatos da Unidade Popular obtiveram 44% de votos).

Alguns desses fundos, testemunha Colby, foram para um jornal influente anti-Allende ("não identificado") de Santiago. Mas, sem dúvida trata-se do Mercurio.

Na sua carta de 18 de julho de 1974 ao representante Morgan, Harrington cita Colby afirmando que o Comitê dos 40 autorizou uma despesa de 1 milhão de dólares para atividades com vistas a uma "posterior política de desestabilização" em agosto de 73, um mes antes da junta militar tomar o poder em Santiago.

"O plano integral autorizado em agosto foi cancelado quando o golpe de estado militar aconteceu menos de um mes mais tarde", escreve Harrington. Ele acrescenta contudo que Colby declarou que 34 mil dólares dos fundos foram gastos - inclusive 25 mil dólares depositados para certa pessoa comprar uma estação de rádio.

(...) "No período que precedeu o golpe de Estado", disse uma personalidade oficial, "havia um ponto de vista muito firme do Comitê dos 40 - que é Kissinger mais ninguém - segundo o qual o governo Allende estava completamente desacreditado".

Muitas personalidades oficiais do Departamento de Estado disseram sob juramento, durante as audiências (perante o sub-comitê das Relações Exteriores do Senado) que os Estados Unidos não fizeram nenhuma tentativa de intervenção na política interna do Chile.

Edward M. Korry, antigo embaixador no Chile declarou: "os Estados Unidos não procuraram influenciar ou subverter um só membro do Congresso chileno, nem sequer pressioná-lo, em nenhum momento, durante os 4 anos de minhas funções. Nenhuma linha dura em relação do Chile foi aplicada, em nenhum momento".

New York Times, 8 de setembro de 1974

KISSINGER CENSUROU O EMBAIXADOR AMERICANO NO CHILE

Segundo declarações de fonte governamental, hoje, o secretário de Estado Kissinger censurou o embaixador americano no Chile, David H. Popper, depois que Popper discutiu tortura e outras questões pondo em jogo os direitos humanos, durante uma reunião com personalidades oficiais chilenas que falava sobre ajuda militar.

As operações políticas camufladas contra Allende foram feitas para o bem e no interesse do povo chileno. (Ford)

A colera de Kissinger

Ao saber do incidente, Kissinger, segundo as fontes, reagiu colérico ao saber, por um telegrama do departamento de Estado que Popper havia tomado a iniciativa de uma discussão sobre direitos humanos durante uma reunião sobre ajuda militar, em Santiago, dia 22 de julho, com Oscar Bonilla, ministro da defesa do Chil. O secretário do Exército, Howard H. Callaway, também estava na reunião.

"Digam a Popper que pare as conferências sobre Ciência política", grifou Kissinger no telegrama, segundo as fontes. Este primeiro gesto foi seguido por uma carta de censura redigida segundo as formalidades do Departamento de Estado e enviada a Popper, diplomata de carreira.

(...) Segundo fontes de informação, Popper disse aos seus assessores em Santiago ter sido "ridicularizado" por Kissinger, e expressou surpresa ante o fato de que a censura ocorreu quando tentava fazer respeitar os direitos humanos. Acrescentou ainda, sempre segundo as fontes, que esperava mais ser criticado pelo apoio que havia dado à junta, publicamente.

The New York Times, 27 de setembro de 1974

ULTIMO DOSSIE

CIA o parceiro silencioso da política exterior dos Estados Unidos

(Por Laurence Stern, Washington Post).

Desde o começo da guerra fria até a explosão Watergate, o estado de guerra clandestina tem sido o parceiro silencioso da política externa norte-americana.

A CIA surgiu como a equipe secreta capaz de comprar sindicatos e chefes de Estado, treinar exércitos particulares e - se necessário - derrubar governos.

Seu comando compõe-se de homens que lutaram bravamente na Segunda Guerra Mundial, filhos do establishment americano, produtos de casas confortáveis, bons colégios e bons sentimentos, devotados àquilo que para eles são as tradicionais virtudes americanas, inimigos resolutos do inimigo comum: o comunismo.

Um deles é William Egan Colby, um homem meticulosamente cinzento que tinha saltado por trás das linhas inimigas na Europa ocupada, que planejou e administrou o programa de "pacificação" tão discutível da CIA e de seu diretório de operações até o posto mais alto: diretor da Agência Central.

Ele está hoje no centro da tempestade pública que desaba sobre a CIA toda vez que ela aparece, fora da guerra fria, sob os refletores da opinião pública.

O caso do Chile

Quando surgiram novos detalhes sobre a guerra secreta norte-americana contra o governo Allende, um ano depois que ficou esclarecido pela primeira vez o papel da CIA no Chile, amadureceram as condições para a volta do clamor de indignação do povo e do Congresso.

O presidente Ford fez bem pouco para acalmar seus críticos ao dizer que as operações políticas camufladas contra Allende foram feitas "para o bem e no interesse do povo chileno".

"Não vejo porque ficaríamos imóveis observando um país em vias de se tornar comunista por irresponsabilidade de seu próprio povo", disse Kissinger, o arquiteto da política americana da décade.

Coordenador no Chile

No exterior, as operações clandestinas são centralizadas nas "estações" da CIA, domiciliadas habitualmente numa ala tranquila das embaixadas americanas (...).

No momento da queda de Allende os programas secretos eram coordenados no Chile por Raymond A. Warren, da CIA, relacionado na lista de pessoal da embaixada como membro da seção política. A camuflagem de Warren não foi suficiente para impedir que sua casa fosse apedrejada por partidários de Allende nos últimos meses de 1973.

Ele tem 51 anos e chegou ao Chile em 1970, segundo o Registro Biográfico do Departamento de Estado. Voltou a Washington um mês depois para uma reunião do Comitê dos 40 onde, segundo o depoimento de Colby, se resolveu abrir um crédito de 350 mil dólares para influenciar os membros do Congresso chileno na oposição a Allende durante as eleições.

(...) O programa de desestabilização dirigido contra o governo Allende é como uma reminiscência forte das operações anteriores no Chile e no Brasil. As greves e as manifestações foram financiadas e executadas com os recursos da "estação" da CIA local.

(...) Há provas de que grupos terroristas, como Patria e Liberdade, organização neo-fascista, foram recrutados na batalha contra Allende.

Pesado segredo

Dois meses antes do golpe de estado militar que matou Allende, um funcionário de alto escalão da polícia secreta chilena contou à correspondente do Washington Post, Marlise Simons, que os fundos da CIA foram destinados para Patria e Liberdade.

(...) Em 1962 e 63 a CIA interveio contra o governo João Goulart no Brasil, por meio de fundos secretos e manipulação política, principalmente instrumentos da guerra política camuflada dentro da imprensa e do movimento operário (...).

No Vietnã isso começou sob a forma de uma intervenção discreta à sombra da decrescente influência francesa: a CIA jogou um papel-chave na escolha a dedo do candidato às funções de primeiro-ministro, Ngô Dinh Diem, e na sua colocação em cena. A CIA administrou os programas de pacificação e contra-terror que os críticos não-comunistas do regime de Saigon definiram como programas de repressão.

O catálogo pode prosseguir. Em 1953, a queda do governo Mossadegh no Irã, com a ajuda do "operativo" da CIA Kermit Roosevelt, a queda do governo Arbenz na Guatemala em 1954, com armas norte-americanas e uma força aérea da CIA, o apoio camuflado à rebelião contra Sakano na Indonésia (1958); ajuda às tropas bolivianas na captura de Che Guevara, em 1967.

(...) Kissinger é hoje a principal figura na declaração e articulação de um estado de guerra secreto dos Estados Unidos: seus poderes em termos de segurança nacional são iguais aos do presidente. Kissinger preside o Comitê dos 40, instância suprema que conduz as operações camufladas, cujos membros também são o próprio Colby, o sub-secretário de Estado para assuntos políticos Joseph J. Sisco, o secretário-adjunto da Defesa William P. Clements e o general George S. Brown, presidente da junta de chefes do Estado Maior.

Kissinger é o único homem que ficou continuamente no poder depois do fim do governo Nixon. Como secretário de Estado e ao mesmo tempo cabeça do aparelho que controla a segurança nacional, consolidou um imenso poder sobre o mundo da informação - provavelmente mais que todos os outros membros do poder executivo da história do país, mais que muitos presidentes.

(...) ficou bem demonstrada no Chile a firmeza de Kissinger em apertar o botão da guerra camuflada, mesmo se pudéssemos discutir seriamente a idéia de que o presidente Allende e sua experiência de socialismo dentro da democracia constituíam grave ameaça para a segurança

dos Estados Unidos.

A ameaça no Chile foi sentida sem por certo número de grandes companhias multinacionais, a ITT e as companhias do cobre que estavam para ser nacionalizadas através de negociação, política escolhida pelo Congresso chileno em 1971.

A justificativa posterior do presidente Ford para os programas camuflados contra Allende era de que o governo socialista pretendia destruir a imprensa e os partidos de oposição. Ora, durante os 3 anos do governo Allende a imprensa de oposição encabeçada pelo possante Mercurio não deixou de se manifestar. Os partidos políticos continuaram funcionando, mesmo os que clamavam abertamente pela insurreição contra Allende.

Só depois da morte de Allende e a substituição de seu governo pela junta militar, em 11 de setembro de 1973, aconteceram as coisas contra as quais a intervenção da CIA se colocava: a junta militar fechou o Congresso, interditiou os jornais de oposição e baniu todos os partidos políticos.

A imprensa italiana acusa a CIA de financiar grupos terroristas de direita coordenados pela polícia secreta italiana, Servizio Intelligenza Difesa (SID). Eles afirmam que a SID conduz uma "estratégia de tensão" que provoca as atividades de extrema direita (e de extrema esquerda) a fim de justificar as rigorosas medidas governamentais de "segurança".

Planos

O comitê de fiscalização da Câmara dos Representantes se desdobra na tarefa de seguir a pista da CIA no Chile, lentamente; mais rápido, porém, agiu no sentido de tomar o que podem ser medidas disciplinares contra Michael Harrington (democrata de Massachusetts), o membro da câmara que soou a sineta de alarme a propósito do depoimento de Colby nas cartas aos presidentes das comissões de relações exteriores da Câmara e do Senado.

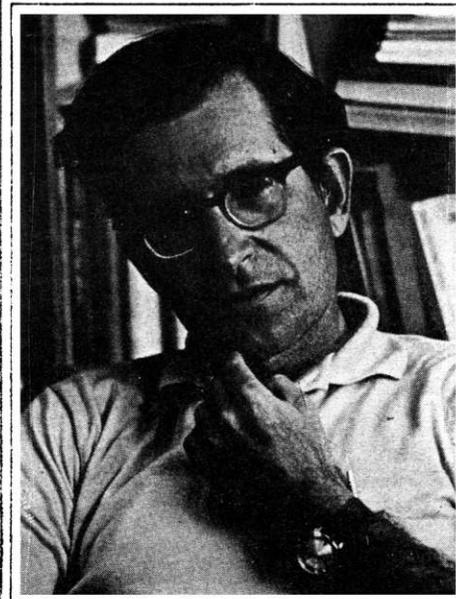
Por iniciativa de Harrington, Colby foi convidado a depor perante a sub-comissão Nedzi sobre as atividades da CIA no Chile. Harrington foi o único membro da Câmara que leu o depoimento de Colby fora da sub-comissão de fiscalização, até aí mantido em segredo e enviado só aos representantes que o solicitassem.

Assim a questão de saber se as operações camufladas da CIA serão abolidas corre o perigo de ser acadêmica. Os dirigentes do Congresso, o Presidente e o Secretário de Estado já se declararam, publicamente ou particularmente "contra qualquer mudança".

Boston Sunday Globe, 13 de outubro de 1974

Na Grécia... A CIA foi publicamente relacionada com a junta militar que subiu ao poder em 1967.

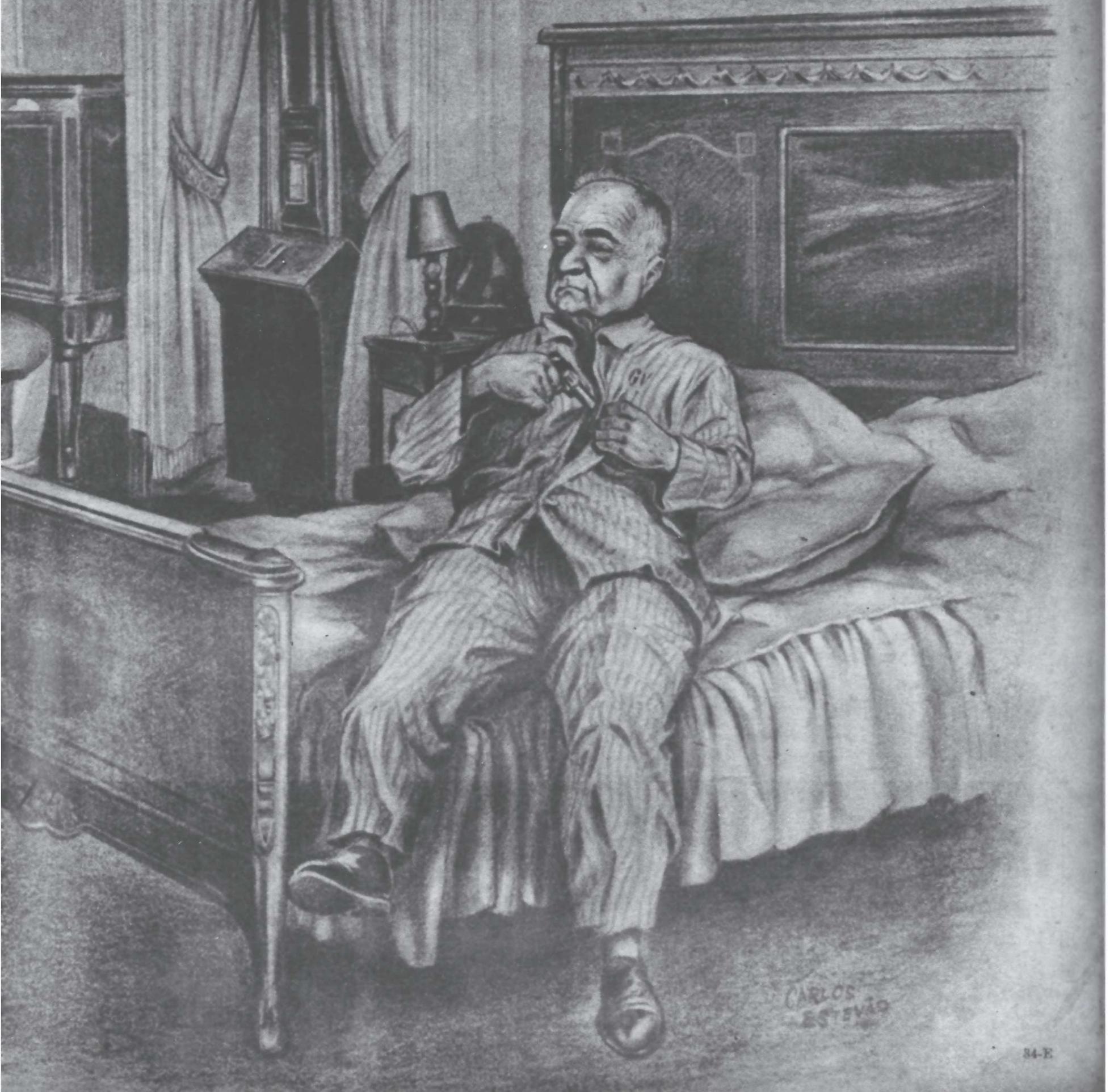
Avram Noam Chomsky nasceu em 1928, Filadélfia, Estados Unidos. Na universidade de Pensilvânia estudou linguística, matemática e filosofia. Foi aluno de Roman Jakobson, pai da ciência da linguagem. Em 1955, titular da cadeira de Linguística e de Línguas Modernas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, liderou seus alunos na campanha contra a tentativa do Pentágono e da NASA de utilizar essa universidade. Além de ser considerado o maior linguista vivo do mundo, criticou severamente as investidas norte-americanas no sudeste asiático, participou de grupos contrários à criação do estado de Israel (apesar de ser judeu) e dedicou um livro - "A América e Seus Novos Mandarins" - "aos corajosos jovens que recusam servir numa guerra criminosa". Seu livro de linguística mais importante foi escrito em 1967: Estruturas Sintáticas.



EX Relançamento - setembro 1975

O Cruzeiro

PARA MENORES DE 21 ANOS



84-E